

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**ROBERTO ROHDEN GODEFROID**

**POTENCIAL DE CONHECIMENTO GERADO PELO JORNALISMO: UM ESTUDO  
SOBRE COGNIÇÃO JORNALÍSTICA E REDUÇÃO DE COMPLEXIDADE EM  
MATÉRIAS DOS PORTAIS BBC BRASIL E EL PAÍS BRASIL**

**CURITIBA**

**2016**

**ROBERTO ROHDEN GODEFROID**

**POTENCIAL DE CONHECIMENTO GERADO PELO JORNALISMO: UM ESTUDO  
SOBRE COGNIÇÃO JORNALÍSTICA E REDUÇÃO DE COMPLEXIDADE EM  
MATÉRIAS DOS PORTAIS BBC BRASIL E EL PAÍS BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Julius Nunes.

**CURITIBA**

**2016**

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central

O48t 2016	<p>Godefroid, Roberto Rohden</p> <p>Potencial de conhecimento gerado pelo jornalismo: um estudo sobre cognição jornalística e redução de complexidade em matérias do portais BBC Brasil e El País Brasil / Roberto Rohden Godefroid; orientador, Julius Nunes. -- 2016</p> <p>121 f. ; il. : 30 cm</p> <p>TCC (Comunicação Social - Jornalismo) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2016.</p> <p>Bibliografia: f.72-76</p> <p>1. Jornalismo eletrônico. 2. Mídia digital. 3. Jornalismo científico. 4. Jornalistas. 5. Teoria do conhecimento. 6. Cognição. I. Marques Nunes, Julius Vinícius. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Escola de Comunicação e Artes. III. Título.</p> <p>CDD 20. ed. – 070.4</p>
--------------	---

**ROBERTO ROHDEN GODEFROID**

**POTENCIAL DE CONHECIMENTO GERADO PELO JORNALISMO: UM ESTUDO  
SOBRE COGNIÇÃO JORNALÍSTICA E REDUÇÃO DE COMPLEXIDADE EM  
MATÉRIAS DOS PORTAIS BBC BRASIL E EL PAÍS BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Professor 1: Prof. Me. Julius Vinícius Marques Nunes

---

Professor 2: Prof. Me. Paulo Camargo

---

Professor 3: Prof. Me. Lenise Aubrift Klenk

Curitiba, 18 de Novembro de 2016

Este trabalho é dedicado aos meus pais, Roberto e Maristela, cujo apoio imensurável me possibilitou perseguir meus sonhos e objetivos.

## AGRADECIMENTOS

Meus primeiros agradecimentos vão a todos os professores que já passaram pela minha vida. No início os professores me ensinaram a conhecer o mundo. Depois, outros me ensinaram a interpretá-lo. Na universidade, eles me ajudaram a ver que o jornalismo é um caminho que engloba tudo isso. Com ele, posso levar às pessoas um pedaço do desconhecido. Posso, por um breve momento que seja, partilhar algo com muitas pessoas as quais nunca vi.

Agradeço a toda minha família, que perto ou longe, sempre me incentivou a correr atrás do que acredito e começar a conquistar meu espaço no mundo.

Agradeço especialmente a meu pai, Roberto, por conversar horas sobre jornalismo, mesmo que muitas coisas ele nunca tenha visto sobre. Agradeço também a minha mãe, Maristela, pela compreensão e carinho que me oferece diariamente. Ambos são uma parte de quem eu sou hoje.

Agradeço à minha parceira, confidente e namorada, Éryta, que sempre me fez melhorar, em todos os aspectos que se possa imaginar.

Agradeço ao meu professor e orientador Julius Nunes, que desde as aulas de jornalismo digital me instigou a refletir sobre os mais diferentes temas e assuntos. Suas aulas marcaram o início de meu curso e serviram de base para a abordagem de muitos conteúdos presentes nesse trabalho.

## RESUMO

O trabalho tem como objetivo identificar qual é o tipo de conhecimento que o jornalismo produz e ver se ele está presente nos conteúdos feitos para o meio digital. É feito um estudo apresentando como o jornalismo forma um conhecimento próprio, diferente do senso comum ou do científico. Todo processo jornalístico, desde a pauta até a forma de divulgação em uma determinada plataforma, pode interferir no entendimento do assunto. As teorias do jornalismo auxiliam na compreensão de todo esse processo, aproximando os conceitos teóricos e tecendo relações com o que é praticado no cotidiano do jornalismo. O jornalismo científico é usado como ponte para relacionar os temas ao aspecto de redução de complexidade, um fato relevante para o trabalho. Já o jornalismo feito para a web também é enfatizado, mostrando as suas características e peculiaridades, que criam novos desafios e oportunidades aos jornalistas. Por fim, é feita uma análise de conteúdo dos portais de notícia BBC Brasil e El País Brasil, procurando saber se existe o conhecimento jornalístico na prática do webjornalismo.

**Palavras-chave:** Conhecimento. Jornalismo Digital. Webjornalismo. Teorias do Jornalismo. Análise de conteúdo .

## ABSTRACT

This work aims to identify what kind of knowledge that journalism produces and see if it is present in the content made for digital media. It was done a study showing how journalism can form a peculiar knowledge, different from common sense or scientific. All journalistic process, from the schedule until the choice of a particular platform to do the disclosure, can interfere with the understanding of the subject. Journalism theories may assist in the understanding of this process, approaching the theoretical concepts and weaving relationships with what is practiced in journalism everyday. Science journalism is used as a bridge to link the themes to the aspect of complexity reduction, a fact relevant to the job. Furthermore, the journalism made for the web is also emphasized, showing their characteristics and peculiarities, which create new challenges and opportunities to the journalists. Lastly, a content analysis from news portals of the BBC Brazil and El País Brasil is done, seeking to know whether there is journalistic knowledge in the practice of web journalism.

**Keywords:** Knowledge. Digital Journalism. Web journalism. Theories of Journalism. Content analysis ..

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – BBC Brasil .....	52
Tabela 2 – El País Brasil .....	58
Tabela 3 – Comparação BBC Brasil x El País Brasil.....	64

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1. A EVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO E O SURGIMENTO DA IMPRENSA</b> .....	<b>15</b>
<b>2. AS DEFINIÇÕES DO CONHECIMENTO E DA COMUNICAÇÃO QUE SE ENQUADRAM NO JORNALISMO.</b> .....	<b>22</b>
2.1. JORNALISMO E CONHECIMENTO .....	24
2.2. A COGNIÇÃO JORNALÍSTICA.....	28
2.3. TEORIAS DO JORNALISMO .....	29
2.3.1. Teoria do Agendamento .....	30
2.3.2. Teoria do Newsmaking .....	31
2.3.3. Teoria da Nova História .....	32
2.4. JORNALISMO CIENTÍFICO.....	33
2.5. REDUÇÃO DE COMPLEXIDADE .....	35
<b>3. O JORNALISMO DIGITAL</b> .....	<b>38</b>
3.1. HIPERTEXTUALIDADE .....	39
3.2. MULTIMIDIALIDADE.....	42
3.3. INTERATIVIDADE.....	44
3.4. MEMÓRIA .....	45
3.5. INSTANTANEIDADE.....	46
3.6. PERSONALIZAÇÃO.....	47
3.7. UBIQUIDADE .....	47
<b>4. ANÁLISE DE CONTEÚDO E METODOLOGIA DE PESQUISA</b> .....	<b>49</b>
4.1. ANÁLISE DAS MATÉRIAS.....	54
4.2. COMPARAÇÃO DOS VEÍCULOS.....	65
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>72</b>
<b>ANEXO A - BBC 1 - POR QUE HÁ UMA CRISE DE IMIGRAÇÃO ENTRE FRANÇA E REINO UNIDO?</b> .....	<b>77</b>
<b>ANEXO B - BBC 2 - EM QUE PÉ ESTÁ O PEDIDO DE IMPEACHMENT CONTRA MICHEL TEMER?</b> .....	<b>82</b>
<b>ANEXO C - BBC 3 - O QUE PÕE A FRANÇA NA MIRA DE EXTREMISTAS?</b> .....	<b>86</b>

<b>ANEXO D - BBC 4 - SERÁ QUE HÁ MAIS PERSONALIDADES MORRENDO EM 2016? .....</b>	<b>89</b>
<b>ANEXO E - BBC 5 - COMO SE CHEGOU À PIOR RECESSÃO DESDE OS ANOS 90? .....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO F - BBC 6 - DEPOIS DO FEIJÃO, QUAIS PODEM SER OS PRÓXIMOS VILÕES DA INFLAÇÃO? .....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXO G - BBC 7 – POR QUE DILMA DESENGAVETOU POLÍTICAS SOCIAIS APÓS PEDIDO DE IMPEACHMENT?.....</b>	<b>100</b>
<b>ANEXO H - EL PAÍS 1 - POR QUE OS REFUGIADOS AGORA EMIGRAM MACIÇAMENTE PARA A EUROPA? .....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXO I - EL PAÍS 2 - QUEM FECHA AS PORTAS DO MUNDO AO CINEMA LATINO-AMERICANO? .....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXO J - EL PAÍS 3 - A GUERRA JURÍDICA DO IMPEACHMENT: DO QUE DILMA É ACUSADA? .....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXO K - EL PAÍS 4 - O RIO ESTÁ PREPARADO?.....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO L - EL PAÍS 5 - COMO AS PERIFERIAS DO RIO ESTÃO VIVENDO OS JOGOS OLÍMPICOS? .....</b>	<b>116</b>
<b>ANEXO M - EL PAÍS 6 - TIRO NA FAVELA. ESPORTE OLÍMPICO NA RIO 2016? .....</b>	<b>119</b>

## INTRODUÇÃO

A discussão sobre o jornalismo como uma forma de produção de conhecimento não é recente. O tema vem sendo estudado por muitos autores, desde o século XX com as primeiras pesquisas feitas pelo norte-americano Robert Park (1940). Desde então, foram lançadas várias hipóteses sobre o assunto, algumas afirmando que o jornalismo produz uma forma de conhecimento peculiar, diferente de outros como o senso comum e o científico, sendo Sponholz (2007) e Meditsch (1992) adotantes desse posicionamento.

Quais as razões e características que o jornalismo possui para poder ser considerado um gerador de conhecimento? Esse questionamento foi levantado pelos autores citados anteriormente e é a pergunta que norteia este trabalho. Os estudos deles e de outros servem como embasamento para apontar se a atividade jornalística pode criar um novo tipo de conhecimento, identificar as variantes às quais ele está exposto e se ele é presente nas produções jornalísticas que são objetos desse trabalho. Para poder chegar neste ponto será necessário entender alguns aspectos fundamentais da comunicação e suas teorias, do jornalismo teórico, prático e científico, pois todos esses detalhes interferem na compreensão do tema.

Além disso, as evoluções sofridas pela profissão devido ao desenvolvimento de tecnologias e o aumento da produção de notícias na última década, graças ao advento da internet (PENA, 2015), também são relevantes, pois o jornalismo feito para a web apresenta peculiaridades e é necessário relacioná-las com o tema do conhecimento jornalístico. O trabalho propõe fazer uma análise de conteúdo justamente para identificar a relação entre o que será estudado com o que ocorre no contexto prático do jornalismo.

As mudanças que ocorrem com o processo jornalístico nos âmbitos sociais e tecnológicos fornecem duas constatações por parte dos pesquisadores. A primeira é certa unanimidade entre os teóricos utilizados de que é um tema que requer estudo constante, pois está consideravelmente dependente das transformações a sua volta. Já o segundo ponto é uma consequência do anterior, no qual logo se instala uma obrigação do pesquisador de renovar e continuar o aprofundamento do tema, relacionando-o com o cenário do jornalismo praticado e, talvez, conseguindo tornar o processo de transmissão do conhecimento uma parte integrante do jornalismo. A

proposta desenvolvida nesse trabalho oferece uma atualização do estudo e aprofundamento do tema.

No decorrer da pesquisa, um dos conceitos que serão explorados é o da cognição jornalística. Apesar de não ser uma novidade, seu estudo ainda é pouco compreendido pelos profissionais da área, mas pode estar presente na maneira como os conteúdos jornalísticos são feitos. Poucos conhecem as possibilidades da utilização da cognição de uma maneira correta, entretanto a utilização dela para obter recursos pelos veículos de comunicação é comumente aplicada - como para induzir o indivíduo para um determinado ponto de vista ou posicionamento, ou para garantir audiência (MEDITSCH, 1997).

Algumas teorias do jornalismo vão propiciar o entendimento de como as práticas de produção jornalística, desde a pauta até a sua divulgação, ganham conotações peculiares à área. Para compreender melhor todo esse procedimento, a teoria do newsmaking, por exemplo, vai mostrar critérios determinantes para a formulação de uma notícia (WOLF, 2012). Já o jornalismo científico será introduzido a partir de uma semelhança com a teoria da Nova História, estudada por Felipe Pena (2015). A contribuição da redução de complexidade, trabalhada por Alfredo Vizeu (2008), será abordada em função da relação dos temas que foram citados neste parágrafo.

Já o jornalismo digital é o meio escolhido para ser analisado, uma vez que ele permite a convergência de várias mídias (CANAVILHAS, 2014), fazendo também com que o estudo do processo de formação de conhecimento por meio do jornalismo se torne ainda mais relevante e inovador. Ademais, a internet está funcionando como um propulsor para a produção de notícias jornalísticas. A demanda por novas matérias vem exigindo uma velocidade e adaptação do profissional jornalístico cada vez maior (PALACIOS, 2014). O contato com o público também foi amplificado, pois agora o trabalho do jornalista pode ser acessado, comentado e complementado de várias formas, seja pelo portal de notícias do próprio veículo de comunicação, pelas redes sociais ou e-mails (ROST, 2014).

Portanto, a convergência midiática que a web proporcionou pode ter revelado um novo jeito de aproximação do jornalista com seu público, em vários caracteres, como social, econômico, político e, até mesmo, educacional. Isso se deve ao fato de que é possível apresentar a informação de diversas formas, trazendo diferentes

jeitos de assimilar conteúdos e de gerar conhecimentos, podendo proporcionar uma comunicação cada vez mais aprimorada e assertiva.

Essa prerrogativa vai funcionar como ponto de partida para analisar o conteúdo praticado pelo jornalista durante o presente trabalho. A coleta de material para isso se dará pela observação de versões brasileiras de portais estrangeiros, que também contemplam conteúdos nacionais (BBC Brasil e El País Brasil), tendo em vista avaliar as notícias publicadas nesses veículos de comunicação. Também será analisado como foram divulgadas, buscando perceber se existe uma utilização das possibilidades que a web proporciona ao jornalista (CANAVILHAS, 2014).

Em função desta avaliação da prática profissional, será feita uma análise de conteúdo de cada veículo, contendo duas atividades para corroborar na pesquisa. A metodologia irá relevar os tópicos tratados no trabalho, incluindo os aspectos que podem viabilizar um conhecimento jornalístico, relacionados à cognição jornalística, os valores/notícia e a redução de complexidade. Por outro lado, também se analisará como as ferramentas que a web oferece são utilizadas nesses veículos, tentando compreender se eles investem nos recursos desse meio de comunicação. Constará uma análise e uma tabela geral sobre todas as matérias coletadas, considerando-se os critérios relatados. Além disso, uma análise mais específica de cada material poderá dar uma visão mais minuciosa das características individuais de cada produção.

## 1. A EVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO E O SURGIMENTO DA IMPRENSA

Para o professor e jornalista Felipe Pena (2015), desde os primórdios do homem, ele tem o desejo de poder estar presente em todos os lugares ao mesmo tempo, podendo estar ciente de tudo que acontece em seu mundo. São conceitos popularmente conhecidos como onipresença e onisciência. Tais ambições têm o intuito de sanar um dos instintos mais primitivos do ser humano, o seu receio perante o que é estranho. Para Pena (2015, p. 22), “o homem tem medo do desconhecido e luta desesperadamente contra ele”.

A procura por entender o mundo ao seu redor é uma característica básica e evidente na história da humanidade. Esse instinto funcionou como uma ferramenta para a produção de questionamentos por vários indivíduos. A curiosidade despertou uma busca, e tal busca foi gerando significados para o homem. Com o passar do tempo, o que foi descoberto por um indivíduo serviu de material para o entendimento de outros, que foram utilizando estudos e informações para entender seu mundo e questionamentos (MORTENSEN, 1980).

Um exemplo dessa transmissão de estudos passados para embasar novos, foi a descoberta da gravidade, por Sir Isaac Newton. Na Idade Moderna, um de seus maiores pensadores, Descartes, foi um dos responsáveis por aperfeiçoar a geometria de Euclides e criar a geometria analítica. Anos depois, o italiano Galileu Galilei, descobriu que a aceleração da gravidade era idêntica para todos os objetos, quando estes estavam caindo em direção ao solo. Mais tarde, Newton teve contato com os estudos de ambos, que conciliados com suas próprias descobertas, tornaram-no capaz de definir o fenômeno da gravidade (OLIVEIRA, 2009).

Mesma com a passagem dos milênios, a necessidade do ser humano entender o que se passa ao seu redor e saber daquilo que não conhece ainda existe. No mundo contemporâneo, não é diferente. Uma pesquisa publicada na revista científica *PLoS Biology* (BLACK, 2011), afirmou que existem 8,7 milhões de espécies de seres vivos, mas apenas 1,2 milhões (cerca de 14%) já foram catalogadas. Isso mostra que mesmo com todo empenho depositado em sanar o desconhecido, essa tarefa não é fácil e exige tempo.

Como estar em todo lugar e a todo instante é algo que o ser humano ainda não conseguiu alcançar, isso não o impede de obter uma leve noção daquilo que ele não pode entender. “A simples perspectiva de não ter a menor ideia do que se passa

ao nosso redor, seja qual for o perímetro, nos dá um frio na barriga e aterroriza nosso imaginário” (PENA, 2015, p. 23). Já o educador Dean Barnlund vai mais a fundo nesse pensamento, afirmando que é inerente ao ser humano procurar sentido em tudo, uma forma de sobrevivência psíquica:

Para sobreviver psicologicamente, o homem precisa conceber um mundo algo estável, relativamente livre de ambiguidades e razoavelmente previsível. [...] As sensações recebidas serão classificadas e organizadas de acordo com algum tema. Alguns fatos serão percebidos e outros ignorados; algumas características serão salientadas e outras desprezadas; certas relações parecerão possíveis, outras impossíveis ou improváveis. O significado não surge até que a experiência esteja situada em algum contexto. (BARNLUND apud MORTENSEN, 1980, p.16)

Podem-se destacar duas situações de acordo com as citações anteriores. A primeira, é que o homem tem uma necessidade de obter certo controle das ações ao seu redor dando um significado a elas. A segunda situação, diz respeito a como ele faz essas associações, que estão vinculadas aos conhecimentos ou busca por eles, sendo compreendidos por meio da relação deles com experiências que teve ou terá.

É cabível dizer que o ser humano obtém boa parte de suas informações ou experiências se relacionando com outras pessoas. O renomado educador Paulo Freire afirma que “o homem é um ser de relação não só de contatos” (FREIRE, 1977).

Portanto, tal perspectiva mostra novamente uma conexão do conhecimento com a comunicação, além de retornar ao pensamento de Thompson, que refere a comunicação, como um propulsor para mudar o ambiente. Isso ocorre a partir do instante em que o indivíduo tem contato com novas informações e experiências, podendo transformar seu mundo, mesmo que psicologicamente. Essa discussão dá abertura para explorar o início desse processo de comunicação, que se deu pela formação mais elementar e singela: a construção de signos.

A primeira forma de se comunicar foi por meio da assimilação entre sons e gestos para indicar algum objeto, como afirmou Bordenave (1982 apud PERLES 2007, p.5):

Qualquer que seja o caso, o que a história mostra é que os homens encontraram a forma de associar um determinado som ou gesto a um certo objeto ou ação. Assim nasceram os signos, isto é, qualquer coisa que faz referência a outra coisa ou ideia, e a significação, que consiste no uso social dos signos. (BORDENAVE, 1982, p.24)

Dois fatores fizeram com que a linguagem não verbal evoluísse para a linguagem verbal. O primeiro, constatado por Castilho (1996 apud PENA, 2015, p.24), relata a revolução neolítica, período em que foram criadas novas atividades para serem feitas e também novos utensílios para manusear. O outro fato, analisado desta vez por Perles que tomou Bordenave como teórico, é que “a invenção de uma certa quantidade de signos levou o homem a criar um processo de organização para combiná-los entre si. [...]. Foi essa combinação que deu origem à linguagem” (PERLES, 2007, p.5).

É importante salientar que a fala não se restringe também ao ato de dizer algo. Ela é reproduzida de modo semiótico por meio de gestos, posturas, roupas e tons utilizados durante a emissão de alguma informação. Como Andrade e Medeiros relatam ao darem exemplos de situações do cotidiano, como chamar um táxi ou um garçom. “No que diz respeito à postura, uma observação atenta pode captar traços da personalidade, sentimentos e emoções que o indivíduo não comunica por meio da linguagem” (ANDRADE; MEDEIROS, 2009, p. 7). Essa perspectiva mostra que um conjunto de detalhes influencia na mensagem que será passada. Tais possibilidades de atribuir ações enquanto se faz um relato oral também estão presentes no jornalismo, principalmente na televisão, que se associa de som e imagem. Um apresentador de telejornal, por exemplo, para imprimir a imagem de um profissional sério costuma vestir ternos, para transmitir mais credibilidade. Já um repórter pode fazer gestos utilizando os braços e mãos, a fim de destacar alguma informação.

A capacidade da linguagem oral foi tomando proporções cada vez maiores e se modificando ao longo do tempo, ficando mais complexa e servindo de ferramenta para controlar um grupo de pessoas. Conforme os historiadores Asa Briggs e Peter Burke (2006, p.36) afirmam: “as possibilidades do meio oral eram conscientemente exploradas pelos mestres do que era conhecido no século XVI como a retórica eclesiástica”.

Outro exemplo que pode ser citado são os trovadores, que se relacionam com o que os autores apresentam sobre a Europa medieval:

A Europa medieval — assim como a Grécia antiga — sempre foi considerada uma cultura essencialmente oral. Os sermões eram um meio importante de disseminar informação. O que hoje chamamos de literatura medieval teve sua produção, nas palavras de um estudioso pioneiro neste tema, o decano H.J. Chaytor, voltada para um “público ouvinte, e não para

um público leitor". Muitas vezes a leitura era feita em voz alta. [...] Os relatos medievais eram realizados em uma "audição" no sentido literal, pois alguém os ouvia, enquanto eram lidos em voz alta. O mesmo acontecia com poemas de todos os tipos, monásticos ou seculares. (BRIGGS; BURKE, 2006, p.20)

Já é possível constatar uma relação da comunicação com a evolução intelectual e social do homem, visto que os grunhidos passaram a ser mais organizados e articulados, tornando-se linguagem. Outra criação veio a alavancar e alterar o modo como as informações e conhecimentos eram passados. O mais próximo que a comunidade científica chegou de comprovar a invenção da escrita foi pelos monumentos em idioma sumério, confeccionados há aproximadamente cinco mil anos. Os sumérios se utilizavam da escrita com ideogramas que representavam símbolos gráficos ou desenhos que representavam objetos ou ideias (ANDRADE; MEDEIROS, 2009).

O alfabeto apareceu três mil anos mais tarde, com os fenícios. A partir deste ponto, a linguagem escrita foi crescendo gradativamente, gerando novos idiomas e dialetos. Apesar de parecer um estágio mais avançado quanto à comunicação, a linguista Lucia Santaella ressalta que esse pensamento não foi unânime. Platão foi um exemplo disso, crendo que a escrita de livros ou do alfabeto fonético limitariam as capacidades intelectuais dos indivíduos. Para ele o alfabeto representava um “enfraquecimento e perda inexorável da memória dos indivíduos e do contato inter-humano” (SANTAELLA, 1996, p. 87).

Apresentando os dois lados do panorama, Santaella contrapõe-se ao filósofo citando o grande benefício que a escrita proporcionou. “O armazenamento do acervo humano não depende mais de um ou mais cérebros. [...] Armazena-se fora do cérebro para transcender a morte” (SANTAELLA, 1996, p. 87). Ou seja, a reprodução do conhecimento adquirido por meio da escrita em monumentos também teve suas vantagens, no sentido de que esses conteúdos puderam ser acessados por várias pessoas ao mesmo tempo e ao longo dos séculos.

Pena complementa esse pensamento aprofundando o tema e fornecendo informações quanto à evolução da plataforma da escrita:

Mesmo com a perene desconfiança em torno da inovação tecnológica, a escrita se propaga pelo mundo. Mas o alfabeto não modifica apenas a forma de pensar. Muda também a transmissão do pensamento. As informações passam a vir em suporte físico e não mais biológico. Mas substituir o aparelho fonoaudiológico humano não foi tão simples. Os primeiros suportes da escrita foram as tábuas de ferro sumérias, o que quase inviabilizava o fluxo da informação.

[...] Foram os egípcios que revolucionaram o meio com a utilização do papiro. (PENA, 2015, p.27)

Os relatos escritos ficaram mais acessíveis por causa do papiro. A facilidade de manusear o material fez com que mais pessoas tivessem contato com a escrita, exercendo-a ou podendo encontrar manuscritos com mais facilidade – não em larga escala. Devido ao fato das reproduções nos papiros serem bem mais viáveis de se fazer em comparação com os monumentos de outrora. A nova tecnologia foi amplamente utilizada, tanto que antes do “advento do papel, por volta do século X, o papiro foi o grande vedete, principalmente na Antiguidade Clássica” (PENA, 2015, p.27).

Após o papiro e o papel, o próximo marco da comunicação que alterou o alcance das informações e saberes foi: a invenção da imprensa. Ela surgiu por volta de 1450, pelo alemão Johann Gutenberg de Mainz. Porém, para fortalecer a ideia primária deste trabalho é válido apresentar o caminho que ele percorreu para chegar à prensa gráfica e ser considerado um dos construtores da tipografia moderna. O objetivo é evidenciar como o alemão de fato não foi um inventor, mas sim um aperfeiçoador de algo previamente criado.

Antes de Gutenberg, a Ásia já possuía fortes indícios da impressão, como é afirmado:

Na China e no Japão, a impressão já era praticada há muito tempo — desde o século VIII, se não antes —, mas o método geralmente utilizado era o chamado de "impressão em bloco": usava-se um bloco de madeira entalhada para imprimir uma única página de um texto específico. O procedimento era apropriado para culturas que empregavam milhares de ideogramas, e não um alfabeto de 20 ou 30 letras. Provavelmente por essa razão teve poucas consequências a invenção de tipos móveis no século XI na China. No entanto, no início do século XV, os coreanos criaram uma fôrma de tipos móveis, descrita pelo acadêmico Henri-Jean Martin como "de uma quase alucinatória similaridade àqueles de Gutenberg". A invenção ocidental pode ter sido estimulada pelas notícias do que havia acontecido no Oriente. (BRIGGS; BURKE, 2006, p.24)

Os ocidentais tinham conhecimento sobre o que estava sendo produzido nos países asiáticos, além de ter informações sobre como eram feitas as impressões, mas nunca se interessaram em aplicar a atividade. O diferencial foi que experimentando vários tipos de aparatos, materiais, papéis e tintas, Gutenberg chegou a caracteres móveis de chumbo, de utilidade prolongada e uma tinta à base de azeite de oliva para melhorar a impressão. Nos anos seguintes, ocorreu uma forte difusão da impressão na Europa. “Por volta de 1500, haviam sido instaladas

máquinas de impressão em mais de 250 lugares na Europa” (BRIGGS; BURKE, 2006, p.24). Tudo isso culminou em um aumento significativo de edições de livros, como afirmaram os historiadores. “Cerca de 13 milhões de livros estavam circulando naquela data em uma Europa com cem milhões de habitantes” (BRIGGS; BURKE, 2006, p.25).

O exemplo da prensa gráfica e sua abrangente aplicação reitera o pensamento inicial. A comunicação não só propicia a transmissão de saberes entre vários indivíduos ou povos, mas também auxilia no desenvolvimento de tecnologias, sendo que estas, para surgirem, dependem de um conhecimento prévio e testes, para aprofundar o que já se sabe e construir um saber aprimorado sobre um tema ou objeto.

Para corroborar essa percepção de que comunicação e conhecimento trilham caminhos paralelos, está o exemplo da implantação da impressão gráfica na Rússia, que chegou apenas em 1711. A razão para a prensa chegar tão tarde, baseada nas pesquisas dos historiadores previamente citados, era a concentração da educação formal dada exclusivamente aos clérigos.

O fato de os materiais impressos terem chegado tão tarde à Rússia mostra que a revolução da impressão gráfica não era um fator independente e não se ligava somente à tecnologia. Essa revolução precisava ter condições sociais e culturais favoráveis para se disseminar, e a ausência de população letrada na Rússia foi um sério obstáculo para o surgimento, na região, da cultura impressa. (BRIGGS; BURKE, 2006, p.25)

Essa revolução que foi retratada pelos autores culminou no crescimento das informações manuscritas e foi precursor para a constituição das gazetas que continham informações da atualidade. Como afirma Pena ao citar Veneza, um dos centros comerciais da Europa durante a Idade Moderna, “os comerciantes recebiam as *letteri d’avisi*, que, ao ganhar periodicidade, transformam-se nas gazetas, o embrião dos jornais conforme os conhecemos” (2015, p. 28).

O jornalismo apareceu aos poucos, mas suas manifestações precursoras eram várias. As gazetas já foram citadas, mas juntos dos “pasquins, folhetos com notícias sobre desgraças alheias; e os libelos, folhas de caráter opinativo. A combinação desses três tipos de impressos resultou, no século XVII, no jornalismo” (MELO, 2005).

Uma das características primordiais do jornalismo pode ser identificada neste momento, a da atualidade. Como foi relatado, as notícias que eram divulgadas já passavam informações de acontecimentos contemporâneos para a época.

O principal objetivo de relatar todo esse processo de evolução da comunicação até chegar ao jornalismo, é de compreender como o ser humano foi buscando cada vez mais se conectar com os outros ao seu redor. Em sua busca, se constatou que para aprimorar o contato de um ser com o outro foi preciso também obter novos conhecimentos, com o propósito de adquirir uma similaridade nos níveis de compreensão exigidos no momento da comunicação e também para melhorar os suportes com os quais o ato de compartilhar informações era feito. Todas essas etapas culminaram na gradativa elaboração do jornalismo.

## **2. AS DEFINIÇÕES DO CONHECIMENTO E DA COMUNICAÇÃO QUE SE ENQUADRAM NO JORNALISMO.**

Esse processo de constante evolução que foi apresentado no primeiro capítulo instigou alguns autores a iniciarem o estudo do jornalismo como conhecimento. Os estudos de Robert Park, precursor das pesquisas nesse assunto, relatam que “a história natural do jornal é a história da sobrevivência das espécies” (PARK, 1955, p. 89). Já Bernardi comenta sobre o benefício que o acúmulo de informações traz ao longo de anos. “Os estoques informacionais acumulados, passam a representar um bem coletivo, criado pela interação contínua entre indivíduos, suas experiências, seus estoques de informações e meio ambiente” (2007, p 44). Os trechos ressaltam a capacidade de relato e armazenamento que a comunicação, incluindo especialmente o jornalismo, possui. Como foi constatada anteriormente, essa capacidade ocorreu por meio de um longo processo de evolução, dada a uma necessidade natural do ser humano de buscar aprimorar suas formas de interações sociais.

Contudo, também foi visto que todo esse processo foi demorado e complexo, assim como o tema a ser discutido. Uma causa de ele ser extremamente delicado é alusiva aos conceitos que podem ser empregados a partir das palavras “conhecimento” e “comunicação”. O teórico Eduardo Meditsch, por exemplo, relata esse problema ao tentar explicar o jornalismo como uma forma de conhecimento, afirmando que dentro do campo da comunicação pode haver inúmeras interpretações (MEDITSCH, 1997).

A respeito do que é conhecer, podemos defini-lo dentro deste trabalho como: “um processo de compreender e internalizar as informações recebidas, possivelmente combinando-as de forma a gerar mais conhecimento.” (MERTON apud GONÇALVES, 1995, p. 311). Esse significado apreende que todo tipo de informação recebida por uma pessoa serve como ferramenta para assimilar um conhecimento ou sustentar um novo - que pode vir a ser adquirido posteriormente, com o auxílio de mais informações.

A pesquisadora e professora Maria Cristina Castilho Costa (2009), salienta que a informação não deve ser confundida com conhecimento. A informação é um fragmento, enquanto que o conhecimento é um agregado de fragmentos que são inter-relacionados segundo cada indivíduo.

O conhecimento é um processo que prevê a condição de reelaborar o que vem como um “dado”, possibilitando que não sejamos meros reprodutores; inclui a capacidade de elaborações novas, permitindo reconhecer. [...] Para tanto, o conhecimento prevê a construção de uma visão que totalize os fatos, inter-relacionando todas as esferas, percebendo que o que está acontecendo em cada uma delas é resultado da dinâmica que faz com que todas interajam; permite perceber, enfim, que os diversos fenômenos presentes na vida social, no local de trabalho, na vida diária estabelecem suas relações, tendo como referência o todo. (COSTA, 2009, p. 14)

Portanto, cabe a cada pessoa construir o seu conhecimento, sendo que usará de seus próprios dados para criar relações. Observa-se que esse processo culminará em um reconhecimento, uma reconstrução. Meditsch chegou à mesma conclusão, relatando que tal ação é percebida em uma comunicação – troca de informação – bem sucedida entre duas pessoas. “Isto implica que ela não foi apenas transferida, como seria de um disquete para outro num computador, mas que foi ‘reconhecida’ pela pessoa que a recebeu” (MEDITSCH, 1997, p.5). O autor complementa afirmando que o conhecimento não é transmitido, mas reproduzido por cada um. Isso tem relação com os aspectos cognitivos, que serão tratados dentro da temática do jornalismo nos próximos tópicos.

Já a comunicação pode ser entendida como a capacidade de trocar ou discutir ideias, de dialogar, de conversar, buscando o bom entendimento entre as pessoas (FERREIRA, 1996). Outro autor ressalta a definição etimológica da palavra “comunicar”, que no latim, significa “por em comum” ou “partilhar” (CHERRY, 1971, p. 23). Mais uma abordagem traz a comunicação como uma relação da mente (ideias ou pensamentos) com ações físicas (palavras e ações), “é um processo físico-mental, cuja função é o enunciado de significado com sentido” (STEWART, 1972, p. 38). Em todos os casos se evidencia a essência da comunicação: a de que ela se baseia em passar uma informação até outra pessoa e vice-versa.

Percebe-se que o conceito tende a ter várias possibilidades, mas o importante nessa análise é a sua intenção, que é bem retratada nos estudos de James Thompson (1977). Neles a comunicação é vista como uma forma de influência sobre algo ou alguém. É um fator essencial para a transmissão de conhecimento ou de mudança. Ele ainda afirma que “parece claro dever existir uma relação análoga e significativa entre comunicação e ensino” (THOMPSON, 1977, p. 30), sendo que ensinar é visto como um sinônimo de comunicação para o autor.

Seja por meio da escrita, da fala ou de sinais, se comunicar é o propulsor para novos saberes, para poder entender fatos que antes eram desconhecidos ou pouco compreendidos. Como é abordado por Maria Margarita de Andrade e João Bosco Medeiros:

A finalidade da comunicação é pôr em comum não apenas ideias, sentimentos, pensamentos, desejos, mas também compartilhar formas de comportamento, modos de vida, determinados por regras de caráter social. [...] A comunicação implica fundamentalmente a utilização de uma linguagem, de um sistema de símbolos, seja ele uma língua ou um dialeto falado ou escrito, gestos, batidas, cores, uma inscrição em pedra, sinais luminosos ou sinais sonoros, como os do Código Morse, ou, ainda, uma série de pulsos de número binário em um computador. (ANDRADE; MEDEIROS, 2009, p. 3)

Tanto o conhecimento quanto a comunicação vão se tornando cada vez mais complexos e assumem novas formas de relação. Isso ocorre conforme as modificações que os humanos fazem, organizando e construindo estruturas mais elaboradas, “sejam estas formas sociais ou tecnológicas, também ocorre diferenciação no ato de gerar, organizar, apropriar e disponibilizar informação” (BERNARDI, 2007, p. 44).

Essas trocas de informações podem influenciar e gerar novos pensamentos, que culminam na formação de características peculiares entre diferentes sociedades. “As sociedades podem ser soerguidas pela arte que criam, amparadas pela história que preservam; mas as sociedades são, em certo sentido, sustentadas pelas notícias de que partilham” (STEPHENS, 1993, p. 23).

É nesse cenário de evolução dos povos que o jornalismo e a notícia aparecem, utilizando-se de métodos comunicacionais para promover a divulgação do conhecimento para várias pessoas e gravando acontecimentos históricos que marcaram épocas.

## 2.1. JORNALISMO E CONHECIMENTO

O primeiro fato a se examinar é que “há diferentes processos de conhecimento. Os casos mais conhecidos são os da ciência e do senso comum” (SPONHOLZ, 2007, p.5). Novamente, devido à problemática da abrangência em que se enquadra o conhecimento, o aprofundamento se faz necessário.

Já foi visto anteriormente como ele ocorre quando apontamos suas características de agrupamento e inter-relação a partir de informações fragmentadas

até sua geração. Além do caráter subjetivo de como esse processo acontece. Para cumprir um dos objetivos deste trabalho, é necessário entender qual o tipo de conhecimento que o jornalismo produz.

Tomando como base os estudos feitos por Liriam Sponholz (2007), podem-se compreender melhor os dois tipos de conhecimentos citados. O primeiro seria um conhecimento entendido e interpretado da mesma forma por um público, sendo que ele é disseminado e tratado como natural, sem representar um conhecimento individual. Esse seria o conhecimento do senso comum ou empírico, que segundo a autora, traria características como “rotinização, a naturalidade, a universalidade e a coletividade” (SPONHOLZ, 2007, p.5).

A primeira característica se refere a modelos de ação que serviram como soluções para problemas do cotidiano, visto que a solução funciona e é mantida, ela se torna um saber, sendo constantemente usada ou citada (rotinização). O segundo ponto, a naturalidade, apresenta um traço marcante desse conhecimento, que é a desnecessidade de uma justificativa, pois se as pessoas sabem sobre esses modelos de ação, ou porque vivenciaram, ou porque foi dito por outros que é verdade, então ele é tratado como natural e não precisa de justificativa. Já as características de universalidade e coletividade são mais próximas. Através de ações se criam frases universais, que generalizam e são guardadas. Outro fato ressaltado por Sponholz é de que o senso comum faz sentido e é compartilhado por um público que convive no mesmo lugar, portanto, ele é próprio do coletivo de um determinado local (SPONHOLZ, 2007).

Entretanto, vale indagar que por ser um tipo de conhecimento que não necessita de justificativa, ele acaba sem se aprofundar e aprimorar o que já se sabe. Caso os modelos de ação que são criados e compartilhados permaneçam funcionando, então não haverá uma busca por aprimorar esse conhecer. Ocorrem neste estágio uma semelhança e uma diferença do conhecimento empírico para o conhecimento científico:

O senso comum tem características que a ciência também tem. Ambos são constituídos pelo conhecimento ganho através de tentativas e erros (Popper, 1984: 64). Mas a principal diferença entre ambos é que, enquanto para o senso comum basta o conhecimento que nos permite sobreviver, a ciência tenta se aproximar cada vez mais da realidade (já que alcançá-la e conhecê-la totalmente é impossível) (Popper, 1984). Com isso, o saber científico busca ir além daquilo que se sabe até o momento. O senso comum só tenta fazer isso quando os seus modelos não funcionam mais. (SPONHOLZ, 2007, p. 6)

Portanto, a busca pela realidade é a principal diferença do saber do senso comum para o do científico. Essa perspectiva se aproxima da definição que Robert Park (1972) faz do jornalismo, quando o situa entre dois tipos de conhecimento: o conhecimento de e o conhecimento acerca de. O primeiro é um conhecimento adquirido dos encontros que temos com outras pessoas dentro do cotidiano; já o segundo consiste em um conhecimento mais formal e produzido pela ciência, sendo definido por Meditsch (1997) como “sistemático e analítico” e Vizeu (2008) “o conhecimento que atingiu certo grau de precisão e exatidão substituindo a realidade concreta por ideias e as coisas por palavras”. Então para Park (1972), a notícia se inseriria entre os dois.

Entretanto, o pensamento de Park é combatido por Genro Filho (1977), que acha o posicionamento do pensador um pouco ineficiente, já que para ele o senso comum e a ciência constroem um conhecimento de caráter universal, enquanto que o jornalismo procura dar importância para uma peculiaridade, para um fato singular. Então seria errado colocar o conhecimento do jornalismo entre ambos, já que o objetivo jornalístico é divergente (GENRO, 1988). Além disso, o autor fala que por procurar ressaltar a singularidade de um acontecimento, a produção jornalística cria um contexto a ele, fazendo um corte diferente da realidade que pode conter mais vertentes do ocorrido.

Traçando um parecer acerca do que foi escrito até o momento, pode-se utilizar a síntese feita por Meditsch (1992), no qual o jornalismo é próximo ao senso comum, dada sua função – que é estabelecer uma comunicação entre pessoas do mesmo local sobre os acontecimentos que as circundam -, mas também é próximo da ciência, quando se considera questões epistemológicas (métodos) – o senso comum não exige um, a ciência e o jornalismo sim. Para esclarecer, o jornalismo não pode aceitar hipóteses, assim como faz o senso comum, ele precisa testar e comprovar o que está abordando. A ciência também precisa testar e justificar, criando procedimentos para se chegar a uma constatação o mais próxima possível da realidade; nisso o jornalismo se assemelha a ela (SPONHOLZ, 2007).

Porém, a diferença entre jornalismo e ciência, segundo Sponholz, se inicia pelos objetos:

Com relação ao jornalismo, as diferenças começam pelos objetos, o que reflete a questão já mencionada do recorte da realidade. Neuberger (1996) classifica ciência e jornalismo como formas diferentes de conhecimento devido à natureza dos eventos com os quais este último trabalha. Os

acontecimentos em jornalismo não podem ser repetidos. Além disso, a observação da realidade é mais limitada, já que o jornalista raramente observa pessoalmente o que aconteceu, pois eventos relevantes acontecem via de regra em locais difíceis de serem alcançados. Um pesquisador, ao contrário, pode repetir suas experiências (Neuberger, 1996: 154, apud SPONHOLZ, 2007, p. 9-10).

Dentro dessa perspectiva, Meditsch (1992) e Sponholz (2007), afirmam que o conhecimento do jornalismo se difere do da ciência por não possuir métodos sistematizados, já que ele não pode controlar seus testes de experimentação e observar o que acontece. Além disso, a autora elenca critérios diferentes de investigação, entre as duas áreas. Nesse caso, os conceitos de relevância, veracidade e compreensão:

O que é relevante para o jornalismo pode não ser para a ciência. Validade significa veracidade e é uma característica comum aos objetos científicos e jornalísticos. Compreensão se refere à abrangência e à precisão das informações para que o acontecimento e o seu contexto possam ser entendidos. Este critério varia em ambos os processos de conhecimento, já que o cientista trabalha com um público especializado e o jornalista, não. (SPONHOLZ, 2007, p. 12).

Eduardo Meditsch (1997), ainda lembra o jornalista é intrincado em uma profissão que exige velocidade. O jornalismo não controla o momento em que os fatos vão ocorrer por isso ele precisa fazer o seu trabalho com rapidez, estando pronto para o que irá aparecer em seguida.

Chegou-se, portanto, à constatação de que o jornalismo apresenta um conhecimento próprio, diferente do conhecimento do senso comum e o da ciência. Sendo que ele pode estar estabelecido entre ambos, já que possui semelhanças e diferenças com eles. Também foi verificado que o entendimento do conhecimento jornalístico é derivado de várias características. Dentre elas, se destacam: a relevância, veracidade, compreensão e velocidade. Todas acabam se misturando dentro do processo de produção do jornalismo, desde o momento de coleta até a sua divulgação.

Os próximos tópicos vão se basear nessas características, trazendo novos conceitos que procuram aprofundar o entendimento do tema e também de fornecer critérios a serem utilizados na análise de conteúdo para poder identificar se há conhecimento jornalístico dentro das matérias utilizadas para tal finalidade.

## 2.2. A COGNIÇÃO JORNALÍSTICA

Como foi relatado anteriormente, segundo Meditsch (2002), quando uma informação passa de uma pessoa para a outra com sucesso por meio da comunicação, significa que ela foi reconhecida por quem a recebeu. Entende-se que não dá para transmitir o saber entre pessoas, pois cada uma, no momento que recebe uma nova informação, opera uma assimilação própria, sendo que todo esse trajeto está “indissolúvelmente ligado à cognição” (SPERBER & WILSON, 1986).

Portanto, as formas de compreensão que as pessoas têm são diferentes graças às operações cognitivas de cada uma, pois elas não copiam ou armazenam as informações do mesmo modo que as recebem. Primeiramente, ela “as processa, classifica e contextualiza, reconstruindo a informação recebida a partir de esquemas de interpretação e informações prévias sobre o tema, o emissor e a situação comunicativa” (MEDITSCH, 1997, p. 5).

Porém, essa cognição que foi apresentada não é a única existente quando se trata do conhecimento jornalístico. Existe também uma cognição que está diretamente relacionada com a produção e divulgação da notícia por parte do jornalista. O jornalista precisa atingir o maior número possível de pessoas, e sabendo disso tenta tornar o conteúdo o mais atrativo e interessante possível. Para isso, ele recorre a técnicas narrativas com o intuito de alcançar mais visualizações do seu trabalho. (PENA, 2015).

A vantagem e desvantagem dessa prática são elencadas por Meditsch:

No jornalismo, o uso de técnicas narrativas e de espetacularização se justifica amplamente pela eficácia comunicativa e cognitiva que proporcionam. O problema é quando passam a ser utilizadas em função de objetivos que não os cognitivos, como a luta comercial por audiência e o esforço político de persuasão. No cotidiano do jornalismo praticado em nossas sociedades, é muito difícil distinguir entre estes três tipos de objetivo. (MEDITSCH; 2002, p. 13)

O maior problema da espetacularização quando usada para fins errôneos, baseado no que foi citado, é que ela também pode acabar ocultando ou alterando o significado de um fato ou acontecimento dentro do processo de produção e divulgação da notícia, o que acabaria indo contra a busca de um relato próximo da realidade por parte do jornalista – visto no primeiro capítulo como essencial para considerar o conhecimento do jornalismo.

Dessa forma, foi identificado que, assim como o conhecimento, a cognição tem importância e presença tanto no papel do emissor, nesse caso o jornalista, quanto do receptor, as pessoas que acessam o conteúdo. Como a proposta desta pesquisa é a analisar apenas um dos lados do conhecimento jornalístico que é através do emissor, então a forma e definição de cognição que será utilizada no decorrer do trabalho será a segunda maneira que foi relatada.

### 2.3. TEORIAS DO JORNALISMO

Citar algumas teorias do jornalismo é importante para elucidar o raciocínio do trabalho. A escolha de cada uma tem o propósito de apresentar relações entre as características do jornalismo como um produtor de conhecimento e trazer novas percepções do tema que também são relevantes. Cabe elencar que após a conceituação de cada uma haverá a sua contextualização e relação para o tema primordial. Além disso, algumas teorias serviram para lançar outros conceitos no decorrer do trabalho, ou vão funcionar como parte fundamental para a análise de conteúdo que se propõe fazer.

Antes de abordá-las, é preciso entender que “a teoria do jornalismo deve ser vista essencialmente como uma teoria da notícia, já que a notícia é o resultado pretendido do processo jornalístico de produção de informação” (SOUSA, 2002, p. 2). Ainda é falado pelo autor, que a notícia pode ser considerada perante duas dimensões, uma tática e outra estratégica. A primeira engloba os gêneros jornalísticos e busca diferenciar a notícia de outras possibilidades de produção jornalística, como reportagem ou entrevista. No segundo caso, a notícia é o todo do enunciado jornalístico, sendo esta a definição que vale para as teorias do jornalismo. (SOUSA, 2002, p.2-3).

Ademais, o estudo deste tópico apresenta o jornalismo como uma ciência, pois as teorias científicas nada mais são do que tentativas de estabelecer, como é definida por Kerlinger (1975, apud CASTRO, 2012, p. 3): “um conjunto de conceitos, definições e proposições relacionadas entre si, que apresentam um ponto de vista sistemático de fenômenos, especificando relações entre variáveis, com o propósito de explicar e prever os fenômenos”.

Porém, por esses fenômenos estarem presente nas ciências humanas, suas análises não prometem constituir regras ou controle sobre os eventos, mas sim

propiciar o avanço dos estudos em cima da área e compreendê-lo cada vez mais, nesse caso, o jornalismo. (CASTRO, 2012, p. 3-4).

### 2.3.1. Teoria do Agendamento

A teoria do agendamento ou agenda-setting propõe que a mídia dita os pensamentos, contendo: em que pensar, como pensar e o que pensar. (RUBLECKI, 2010). Para Cohen, a imprensa “pode não conseguir, na maior parte do tempo, dizer às pessoas o que pensar, por outro lado ela se encontra surpreendentemente em condições de dizer aos próprios leitores sobre quais temas pensar alguma coisa” (1963, p.13).

Sousa (2008) amplifica o entendimento desse assunto ao abordar os estudiosos pioneiros que o explicam:

Na verdade, a teoria do agendamento demonstra que a mídia pode ter efeitos directos (não mediados) sobre as pessoas, tendo, nomeadamente, o poder de “dizer” às pessoas sobre o que pensar (Cohen, 1963: 120). De facto, como explicam MacCombs e Shaw (1977: 7), retomando uma tese que, de resto, já tinha sido trabalhada por autores como Walter Lippmann (1922), os meios de comunicação, ao contribuírem para o estabelecimento das agendas que preocupam cidadãos e políticos (e mesmo os outros meios), têm o poder de concorrerem para modelar as representações que se fazem da realidade. (SOUSA, 2008, p. 8-9).

Sendo assim, devemos ter consciência de que existe uma influência midiática nas conversas que permeiam o cotidiano das pessoas. Os meios de comunicação impõem pautas que serão debatidas pelo público. “O público tende a conferir ao que ele inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos meios de comunicação de massa aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas”. (WOLF, 2012, p. 141).

A realidade, portanto, é a base para a teoria do agendamento, conforme sustentou por Sousa (2008). Já Mauro Wolf (2012) corrobora com esse pensamento, salientando que por meio do conteúdo feito pela mídia existe uma aproximação da realidade social que entra em contato com experiências próprias dos indivíduos, levando as pessoas a aceitarem essa realidade mediada pela mídia, mesmo sem ter vivenciado os momentos que ela trouxe (WOLF, 2012).

Essa perspectiva se torna válida dentro do contexto desse trabalho, pois mostra que através da formulação e divulgação dos conteúdos jornalísticos o público pode ter acesso a uma reprodução da realidade. Além disso, ela serve de gancho

para tratar de uma teoria complementar, mas que vai além e mostra como a própria seleção e confecção do conteúdo desenvolvido pelo jornalista já visa transmitir um relato da realidade, ou melhor, “é, antes, a construção social de uma suposta realidade (PENA,2015).

### **2.3.2. Teoria do Newsmaking**

Prosseguindo com o pensamento de Pena (2015), ele afirma que o trabalho feito pelos jornalistas, por meio dos seus métodos de produção e devido à demanda, forma “o que o senso comum das redações chama de notícia. Assim, a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la” (PENA, 2015, p. 128).

Sendo assim, se entende que a profissão do jornalista apresenta alguns sistemas para se seguir e obter um retrato aproximado do real. É neste ponto que entra a teoria do newsmaking, que será abordada seguindo os estudos de Mauro Wolf (2012), que apresenta a noticiabilidade como o ponto chave da teoria. Ele a define como “o conjunto de elementos por meio dos quais o aparato informativo controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos que servirão de base para a seleção das notícias” (WOLF, 2012, pg. 202).

Em seguida, aparecem os valores/notícia, que são considerados a resposta para um questionamento inicial: que é como um acontecimento pode se tornar relevante ou significativo para acabar virando notícia. Entende-se também que os valores/notícia atuam como um conjunto, não individualmente, pois a relevância necessária para selecionar um fato e torna-lo notícia se encontra na quantidade de valores/notícia que surgem e se combinam. Ademais, eles são considerados não apenas no momento de seleção da notícia, mas também ao longo da sua produção (WOLF, 2012).

Dessa forma, o autor definiu e categorizou os valores da seguinte forma:

a) Critérios substantivos: Importância dos indivíduos no acontecimento de acordo com o grau e nível hierárquico deles; Interesse e impacto nacional; Quantidade de pessoas envolvidas; Eventos excepcionais.

b) Critérios relativos ao produto: Acessibilidade de cobertura do fato; Brevidade; Atualidade; Novidade; Concorrência; Qualidade; Equilíbrio.

c) Critérios relativos ao meio de informação: Utilização e escolha da mídia; Frequência do acontecimento.

d) Critérios relativos ao público: Identificação de personagens; Interesse público; Proteção – evitar traumas ou ânsias.

e) Critérios relativos a concorrências: Exclusividade ou furo; Gerar expectativas; Modelos referenciais.

Por fim, Wolf (2012) comenta que as rotinas produtivas do jornalista acabam tornando esses valores/notícia ainda mais importantes, já que o profissional convive com uma falta de tempo para cumprir o deadline ou de meios para fazer seu trabalho. Sendo que os critérios são constantemente considerados ao longo do processo todo, na coleta, seleção e apresentação da notícia.

Essa teoria é de grande importância para o entendimento do conhecimento no jornalismo, visto que todo o processo gira em torno da construção de um conteúdo que tenha relevância e apresente mais chances de constatar, aproximadamente, a realidade. Além disso, os critérios de noticiabilidade elencados anteriormente vão ser utilizados na análise de conteúdo, com o intuito de, justamente, encontrar quantos valores/notícia os materiais apresentam e mensurar o grau de construção da realidade que ele pode vir a expressar.

### **2.3.3. Teoria da Nova História**

A última teoria a ser tratada nesse trabalho se refere aos estudos da Nova História. Ela entra neste trabalho como uma introdução para os dois próximos tópicos. Através da pesquisa bibliográfica, alguns aspectos da Nova História apresentaram semelhanças com o trabalho do jornalismo científico. “Seu método consiste em interpretar a história não a partir dos eventos, mas tomando como referências ou pressupostos de formação desses mesmos eventos” (PENA, 2015, p. 157). Portanto, toda e qualquer forma de acervo histórico foi questionada, seguindo o pensamento dessa corrente. O autor interpreta ainda, que ela pode ser enquadrada ao jornalismo, porque a metodologia empregada pela História nunca considerou a construção do discurso. Sendo que o discurso bem utilizado auxiliaria na compreensão do conteúdo.

Segundo Certeau (1982), a história é “a combinação de um lugar social, de práticas científicas e de uma escrita”. Esse processo é semelhante às práticas jornalísticas, tanto que Ariès acredita no complemento de trabalho entre jornalistas e historiadores.

Jornalistas e historiadores participam conjuntamente num mesmo empreendimento em busca do conhecimento, por meio de uma certa divisão do trabalho. Aos primeiros caberia estudar as incertezas, aos segundos, o passado e as suas zonas de sombra; aos artesãos do cotidiano, a febre da atualidade, aos ourives do atemporal, a angústia da perspectiva; aos caçadores do acontecimento, a colheita dos fatos, aos batedores de arquivos, a paciente reconstrução de um mundo desaparecido. (ARIÈS, 1977, p. 113)

O ponto a ser destacado é o do constante trabalho visando a obter o resultado mais correto possível. Refletir acerca de todas as etapas de produção para preencher lacunas e garantir informações mais contundentes irá garantir um jornalismo mais proveitoso, tanto para quem faz, quanto para quem o acessa. É um modo de estabelecer relações, criar métodos de pesquisa e considerar as várias possibilidades que se pode ter acerca de um fato. Além de ser uma tentativa de alcançar uma proximidade maior da realidade (PENA, 2015).

Existe uma relutância dos historiadores em relação ao trabalho que o jornalista desenvolve, muitas vezes gerado pelo fato de que o jornalismo busca sempre empregar um conteúdo que possa ser assimilado facilmente pelo leitor, ou seja, desviando de linguagens técnicas da ciência. Nesse aspecto, essa teoria pode se assemelhar a uma vertente do jornalismo científico, na qual o jornalista acaba por servir como um tradutor das ciências, de termos e atividades complexas (PENA, 2015). Tal semelhança oportuniza a passagem para o próximo tópico do trabalho, pois foi a partir dessa relação durante os estudos feitos, que se chegou à próxima vertente do jornalismo que será abordada.

#### 2.4. JORNALISMO CIENTÍFICO

Foi constatado pelas teorias que o jornalismo interfere na realidade social. Algumas áreas do jornalismo podem evidenciar essa interferência, além de conciliar as mudanças que ocorreram no jornalismo com a chegada de aparatos tecnológicos mais sofisticados. (MENEZES, 2011). Entender determinadas formas do jornalismo pode auxiliar na compreensão do papel que ele tem dentro da sociedade.

Ao tratar o jornalismo como uma ciência pode-se pensar em duas vertentes; a primeira, defendida por autores como Bertolli (2006) e Bueno (1984), vislumbra o jornalismo científico como sendo a divulgação do mesmo em meios de comunicação; no segundo caso, Pena (2005) e Chaparro (1999), entendem que o jornalismo científico é a popularização da ciência, por meio da divulgação dela pelos jornalistas, com o intuito de educar.

O interessante é que mesmo partindo para o âmbito das ciências, o método de estudo das atividades jornalísticas permanece o mesmo, sendo visto até mesmo como um gênero jornalístico. Como afirma Bertolli:

A condição de gênero implica que o jornalismo científico atua, em princípio, em conformidade com os procedimentos rotineiros de qualquer outra expressão jornalística. O contato com as fontes, a obtenção e checagem das informações e a formatação do texto noticioso, com o emprego de um vocabulário de fácil compreensão são algumas das tarefas requeridas do jornalista, qualquer que seja a especialidade. (BERTOLLI, 2006, p. 3).

Essa citação traz um dos aspectos mais presentes no jornalismo científico que é tornar o conteúdo mais simples de ser assimilado pelas pessoas. Novamente, isso ressalta a semelhança da teoria da Nova História com esse tipo de jornalismo, em que ambos evidenciam que o trabalho do jornalista, em toda a sua conjuntura, procura deixar as informações e conhecimentos para serem facilmente compreendidos.

Como diz Gonçalves, tendo seu parecer embasado pelos estudos de Melo (1971) e Vizeu e Correia (2006):

Com a preocupação de tornar público e de maneira simples o entendimento relacionado a alguns assuntos, muitas vezes, o jornalismo, através dos frames dados a cada questão, torna o discurso sintetizado, especialmente quando se tratam de fatos científicos. Isto porque a profissão jornalística não se ocupa em apresentar o conhecimento em toda complexidade que determinados objetos carregam. Sobretudo, é importante considerar todo o contexto que envolve os produtores e consumidores da notícia num constante exercício de interlocução com definições e sentidos que têm na ferramenta texto uma fonte de informação e conhecimento. (GONÇALVES, 2008, p. 10)

O pensamento colocado relata um termo muito relevante, que é fundamental para o entendimento do trabalho, sendo ele: a complexidade. A sua importância consiste na sustentação do conhecimento que o jornalismo pode conter, complementar a linha de raciocínio das teorias e também do jornalismo científico e servir como um possível critério para a análise de conteúdo.

## 2.5. REDUÇÃO DE COMPLEXIDADE

Para contemplar a redução de complexidade, esse tópico utilizará os estudos de Alfredo Vizeu (2008) como referencial teórico. O autor trabalha com o pressuposto de que o jornalismo produz conhecimento.

Baseado por Park (1972), Genro (1977) e Meditsch (1992), ele chega a uma constatação que já foi observada no primeiro capítulo: a diferença do conhecimento do jornalismo, que trabalha com notícias – entendidas como aparências do mundo; e o da ciência, que trabalha com hipóteses. (VIZEU, 2008).

A hipótese está relacionada como a experimentação controlada. É um corte abstrato na realidade através do isolamento de variáveis que permita a obtenção de respostas a um questionamento baseado em conhecimento anterior. A teoria científica expõe uma relação entre fatos e a partir dela surgem novas deduções através da lógica (MEDITSCH, 1992). De acordo com Meditsch, o Jornalismo, por sua vez, não parte de uma hipótese, mas de uma pauta (agenda de assuntos que podem virar notícia). A pauta, diferentemente da hipótese, não surge de um sistema teórico anterior, mas da observação não controlada (do ponto de vista da metodologia científica). Na pauta o isolamento das variáveis é substituído pelo ideal de aprender o fato dos mais diversos pontos de vista. Isso determina o limite da abstração possível no modo de conhecimento do Jornalismo e sua possibilidade de acumulação. O conhecimento produzido pelo jornalismo é de fundamental importância para a sociedade. (VIZEU, 2008, p 4)

Para Vizeu (2008), as produções do jornalista possibilitam a compreensão de um cotidiano mais complexo e de acesso limitado, pois ao apresentar os acontecimentos as pessoas podem manter interações sociais, por saberem o que está sendo debatido na esfera pública, graças ao agendamento. A partir disso, ele traça um paralelo com a redução de complexidade que o jornalismo mantém para propiciar o conhecimento. Ele salienta que o seu posicionamento não é baseado no pensamento complexo de Morin (2005), mas sim da etimologia do termo em latim *complexus*, que significa confusão ou complicação. Trabalhando com a perspectiva de que o mundo é fragmentado, devido a uma constante quebra de sentidos na modernidade, causada pelo aumento populacional e a ampliação desordenada das cidades e da economia, levando a “desorientação de homens e mulheres” (VIZEU, 2008).

A mídia chega para auxiliar na compreensão dos sentidos dentro da modernidade, visto que dentro de todo o processo de produção jornalística o objetivo é transmitir uma interpretação da realidade (BERGER, LUCKMAN, 2004). Através de informações básicas - porém completas para não perder algum aspecto da realidade

- sobre um fato, fornecendo a sua devida contextualização e identificando suas possíveis causas, o jornalismo decifra a realidade social e ajuda os indivíduos a compreenderem seu mundo. Sendo que esse processo caracteriza a redução de complexidade (VIZEU, 2008).

Portanto, embasado no que foi descrito já é possível elencar algumas características que o jornalista precisa manter em sua rotina diária:

- a) As notícias precisam apresentar todas as informações essenciais para a compreensão do fato;
- b) Essas informações precisam estar dispostas de maneira clara e simples, mas prezando pela permanência de todos os detalhes da realidade, para evitar que ela tenha falhas;
- c) O procedimento de construção da notícia precisa ser rigoroso, o jornalista precisa fazer uma análise crítica do que irá passar, tornando o conteúdo mais completo e interessante para seu público;

Seguindo esses passos, o material apresentará uma redução de complexidade. Conseqüentemente, ele consistirá em um conhecimento jornalístico. Indo mais além, essa redução de complexidade pode ter três funções diferentes, sendo elas (VIZEU,2008):

- a) Função exotérica – consiste em traduzir termos e expressões utilizadas em uma determinada área para que eles possam ser compreendidos pela maioria das pessoas;
- b) Função pedagógica – ela ocorre quando o conteúdo tem um viés didático, informando o que um fato pode acarretar às pessoas e propondo maneiras de evitar ou combater a situação;
- c) Função de familiarização – incide na contextualização da trajetória de um acontecimento ou de um personagem, que não esteja diretamente ligado ao cotidiano do público do veículo.

A finalidade deste tópico é mostrar como a redução de complexidade possui conexão com o conhecimento do jornalismo. Entretanto, é preciso fazer uma ressalva, porque Vizeu (2008) trata a presença de um conhecimento jornalístico como certo. Por isso, apresenta uma divergência com o que está sendo considerado

neste trabalho, já que no capítulo anterior chegou-se a conclusão que é difícil afirmar se o jornalismo produz (ou reproduz) conhecimento, pois o entendimento e compreensão de um trabalho jornalístico acabam sendo submetidos à subjetividade de cada indivíduo que tem contato com o material. Sabendo que o foco do trabalho se dispõe a analisar os aspectos de produção e veiculação da notícia (emissor) e não da recepção e interpretação dela (receptor), então foi escolhido por trabalhar com o potencial de conhecimento que a produção do jornalista pode vir a ter.

Mesmo existido essa divergência, abordar e utilizar a redução de complexidade se faz válida por causa das características e funções que ela demanda. As características são diretamente ligadas ao trabalho do jornalista e a sua produção, e as funções são dependentes delas. Sendo assim, a redução de complexidade pode ser considerada como um critério a ser adotado no momento de fazer a análise de conteúdo. Somada a cognição jornalística e aos valores/notícia, os três irão permear o primeiro nível de análise, voltado a saber se existe ou não um potencial de conhecimento nos trabalhos jornalísticos analisados.

### 3. O JORNALISMO DIGITAL

Sendo o jornalismo digital um tema de extrema relevância neste estudo, este capítulo ficará integralmente voltado à discussão dessa vertente do ramo e a interferência dele no cenário da profissão. Vários conceitos serão tratados, considerando as mudanças dentro e fora do ambiente virtual. Os tópicos tratados servirão de embasamento tanto para o entendimento do trabalho, quanto para a formulação de estratégias que permitam auxiliar na análise de conteúdo que virá no próximo capítulo.

O jornalista enfrenta um novo panorama de produção de conteúdo, oportunidades de exploração da notícia, de interatividade com o público e a rápida atualização dos fatos. “Tanto a maneira como os conteúdos noticiosos são apurados quanto à forma de publicação no circuito digital deixam visíveis mudanças relevantes, que partem da retroalimentação possível no ciberespaço” (BELOCHIO, 2009, p. 1).

Muitas dessas mudanças estão vinculadas à capacidade de colocar várias mídias dentro do mesmo ambiente. Soares e Terossi elencam algumas das vantagens da produção jornalística na internet:

Na narrativa webjornalística, a capacidade de explorar os diferentes sentidos da percepção humana significa o enriquecimento do potencial informativo nesse novo meio e, principalmente, o reforço da credibilidade jornalística. Assim, determinadas representações verbais podem ser complementadas por vídeos, sons ou fotos que supostamente “mostram” os fatos e fontes autorizadas têm suas declarações/entrevistas disponibilizadas em um webjornal. (SOARES, TEROSSI, 2014, p. 177).

Dois pontos tratados pelos escritores devem ser ressaltados: a exploração aprimorada da notícia pelo público através da aplicação de vários tipos de mídia; ao mesmo tempo em que propiciar a utilização de diferentes formas de transmissão da notícia, isso representa um desafio aos jornalistas.

O primeiro aspecto contém similaridades com os processos cognitivos, só que dessa vez, pode apresentar um cenário positivo dessas capacidades. Lucia Santaella (2011), autora do livro *Navegar no ciberespaço*, no qual focou em estudar e definir o perfil cognitivo do leitor que transita por conteúdos hipermediáticos no ciberespaço, o qual ela denomina de “leitor imersivo”.

A rede não é um ambiente para imagens fixas, mas para a animação. Não há mais lapsos entre observação e a movimentação. Ambos se fundem em um todo dinâmico e complexo. O automatismo cerebral é substituído pela mente distribuída, capaz de realizar simultaneamente um grande número de operações. Observar, absorver, entender, reconhecer, buscar, escolher, elaborar e agir ocorrem em simultaneidade. (SANTAELLA, 2011, p. 182).

A segunda questão apresenta uma nova necessidade profissional para os jornalistas. A jornalista Pollyana Ferrari, escritora do livro *Jornalismo digital*, aponta que ocorre uma transformação nas redações. Elas precisam estar preparadas para o que está por vir, que no caso seria uma multidisciplinaridade de conteúdos, conciliada com o uso de várias mídias. Segundo a autora, é necessário “preparar as redações, como um todo, e aos jornalistas em particular, para conhecer e lidar com essas transformações. Além da necessidade de trabalhar com vários tipos de mídia, é preciso desenvolver uma visão multidisciplinar, com noções comerciais e de marketing.” (FERRARI, 2014, p. 39).

Justamente pela internet apresentar um grande panorama de modificações no jornalismo, se faz necessário fazer uma divisão do tema e tratar cada tópico separadamente, apresentando as especificidades e razões da mudança em cada um, além de relacioná-los uns com os outros, mostrando que existem interferências diretas e indiretas entre eles.

A partir disso, a divisão dos tópicos tem como referência os estudos realizados pelo escritor português João Canavilhas (2014), em sua obra *Webjornalismo*, em que ele traça sete particularidades que o jornalismo praticado na internet veio a ter. Seu livro é um organizado que traz ainda a visão de sete autores de nacionalidades diferentes, sendo que cada um trata com profundidade o seu determinado tema. Sendo que a separação do jornalismo digital feita pelo autor ficou da seguinte maneira: hipertextualidade, multimedialidade, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade. Dessa forma temos “uma perspectiva rica e variada de um fenômeno que, em pouco mais de uma década, ganhou um espaço próprio no campo das ciências da comunicação” (CANAVILHAS, 2014).

### 3.1. HIPERTEXTUALIDADE

O texto sempre fez parte do jornalismo, desde os primórdios da imprensa. No jornalismo praticado na web a situação não é diferente, pois a utilização da mídia

escrita ainda é preponderante. Seja por motivos técnicos, como a pouca parcela da população que consegue ter acesso a uma internet de qualidade, ou por falta de encontrar um novo jeito de transmissão da notícia online. O fato é que o webjornalismo está, indubitavelmente, atrelado aos elementos textuais (CANAVILHAS, 2014).

A grande mudança que ocorreu com o texto dentro do ambiente online não está no seu processo de confecção, mas sim de acesso. O hipertexto surgiu, sendo que o termo foi primariamente definido nos anos 60 por Theodor Nelson como um modelo de escrita sem sequencia, na qual o leitor tem a opção de escolher o caminho que gostaria de tomar no momento da leitura (VILAN FILHO, 1994). Já para o francês Pierre Lévy (1993), cada hipertexto é um conjunto de nós que estão inseridos e conectados uns com os outros, sendo que quando o usuário navega por um hipertexto ele, possivelmente, estará tendo contato com toda uma rede organizada de informações e dados (LÉVY, 1993).

Uma consideração deve ser feita sobre o pensamento que Pierre Lévy levantou. Para o autor esse conjunto de nós não representava somente o texto, mas englobava uma série de conexões que consideravam as páginas, imagens, gráficos ou documentos como parte integrante de todo esse cenário hipertextual. Portanto, já se provou uma alteração ou evolução do conceito, que antes restrito ao texto, passou a ser considerado em diversas mídias.

Para não ocorrerem oposições dentro do tema, neste trecho é relevante citar as análises feitas por Canavilhas acerca dos estudos de Lévy. O pesquisador português divide os elementos centrais em “blocos informativos e hiperligações” (CANAVILHAS, 2014, pg. 6). Sendo que o primeiro elemento caracteriza os conteúdos, sejam eles textos, gráficos, imagens, vídeos ou desenhos. Enquanto que o segundo representa a conexão que cada bloco informativo faz um com o outro.

Como neste tópico foi proposto inicialmente trabalhar a mídia textual, pelos fatores descritos, então, conseqüentemente, opta-se por entender melhor o bloco informativo textual, entendendo como ele é constituído e suas formas de ligações dentro do ambiente digital. Cabe colocar que as conexões podem acontecer de mídia para mídia, como de um texto para uma imagem. Contudo, para não abranger o estudo deste tópico, é necessário fazer uma delimitação, que neste caso é tratar o bloco informativo escolhido para um bloco semelhante, ou seja, de texto para texto, visto que a mídia textual é a mais utilizada no meio.

A primeira característica do bloco informativo textual se refere a sua arquitetura. No caso de um bloco textual ser muito curto ele pode apresentar um grau de irrelevância para o leitor, já que não contém muitas informações. Por outro lado, um bloco longo pode acabar trazendo certo cansaço ao leitor em frente ao monitor (Salaverría, 2005). Portanto, precisa ser mantido um equilíbrio para não provocar desinteresse ou ser cansativo, pois ambos podem fazer o leitor perder a vontade de ler o conteúdo.

Outro atributo do bloco textual condiz com o meio no qual ele está inserido, no caso na web. Para esse conteúdo quanto mais informações tiver melhor para o leitor, mas é preciso pensar em dois contrapontos. Um deles é de caráter técnico e retoma um pouco a característica anterior, onde um conteúdo grande pode demorar a ser carregado caso não se tenha uma boa conexão de internet, desencorajando o leitor. Já o hábito de quem acessa esses conteúdos também é relevante, pois dada a oportunidade dele escolher outros materiais, implica na tarefa de passar bem e rapidamente as informações (CANAVILHAS, 2014).

A hiperligação é equivalente às conexões propostas por Lévy (1993), onde a ligação entre dois blocos traz um novo significado ou função de acordo com cada hipertexto. Segundo Salaverría (2005), no campo do jornalismo temos duas funções: uma documental, que tem como propósito contextualizar a situação através de informações mais específicas sobre algum ponto do relato inicial; ou narrativa, que apresenta novos relatos que não sejam totalmente ligados e oportunize um novo caminho de leitura (SALAVERRÍA, 2005).

Dentro deste panorama, algumas recomendações são feitas, como por exemplo na quantidade e distribuição de hiperligações ao longo do bloco informativo. No caso de um bloco textual, não se deve encher de hiperligações, pois elas podem atrapalhar na leitura do texto, já que oferecem ao leitor uma nova porta que ele pode acessar. Além disso, elas devem estar distribuídas intercaladamente ao longo do texto, pois por elas estarem grifadas e numa coloração diferente do restante, pode-se tornar a leitura mais cansativa no caso de exagerar na sua quantidade. Por fim, é preciso transmitir assertivamente qual o tipo de conteúdo e assunto ao qual a hiperligação levará o leitor, para evitar que ele acesse algo que não lhe interesse (CANAVILHAS, 2014).

### 3.2. MULTIMIDIALIDADE

O segundo tópico traz o aparecimento da multimídia no cenário da comunicação e como ela alterou a forma como o jornalismo dentro e fora da web é feito. Para entender a multimídia e a sua interferência na comunicação e no jornalismo, é utilizada a conceituação feita por Ramón Salaverría (2014), onde ele separa a multimídia de plataforma, polivalência e combinação de linguagens. Analisando os estudos do autor, poderá se identificar uma característica marcante do jornalismo digital, que é a possibilidade de convergir vários tipos de mídias em um mesmo local ou plataforma, ou seja, a convergência midiática.

Partindo para as análises da multimídia, o primeiro estudo é relacionado às interações que podem ser feitas por meio de duas ou mais mídias, nesse caso a confecção de uma multiplataforma. Sendo ela mais entendida como “aqueles casos onde distintos meios da mesma empresa jornalística articulam as suas respectivas coberturas informativas para conseguir um resultado conjunto” (SALAVERRÍA, 2014, p. 27). Portanto, a multimídia de plataforma seria quando um veículo jornalístico utiliza duas formas de mídia (vídeo e texto, por exemplo) fornecendo uma relação de complementação entre ambos e alcançando o objetivo com maior eficácia.

Já a multimídia de polivalência envolve uma alteração do modo de atuação do jornalista que agora precisa estar ainda mais preparado para desenvolver seu trabalho não para uma mídia em especial, mas ser apto na produção de material para várias. O jornalista sofre “a imposição da incorporação de funções anteriormente desempenhadas por diferentes profissionais de jornalismo, exigindo dele múltiplas habilidades para acompanhar os processos produtivos das redações” (SILVA, et al, 2013).

Dentro disso, é possível encontrar diferentes formas de manifestação dessa polivalência, embasadas por Salaverría (2014, p. 28):

- a) Polivalência de mídia – quando um único jornalista precisa trabalhar com mais de uma mídia dentro do veículo de comunicação.
- b) Polivalência de tema – um mesmo jornalista escreve matérias de editoriais ou temas diferentes, sem ser necessariamente especialista em algum.
- c) Polivalência de função – quando o jornalista executa mais de uma tarefa dentro da redação, como fazer o trabalho externo e também a parte de edição.

Por ultimo, temos a multimídia como uma combinação de linguagens que busca retratar uma mensagem de maneiras diferentes:

Um conteúdo pode expressar-se, efetivamente, através de um único tipo de linguagem – texto, som, fotografia... – ou através de vários tipos de linguagem em simultâneo. Quando o conteúdo se expressa através de um único tipo de linguagem, encontramos-nos perante um conteúdo monomédia. Seguindo o mesmo critério, se combinarmos dois tipos de linguagem estamos perante um conteúdo bimédia; se forem três, trimédia, e assim sucessivamente. Segundo este critério, todos os conteúdos que contam com pelo menos dois tipos de linguagem associados entre si são, por natureza, multimédia. Dito de outro modo, qualquer mensagem que não seja monomédia é multimédia. (SALAVERRÍA, 2014, p. 30)

Visto que a multimídia está presente em várias vertentes do campo da comunicação e do jornalismo, se permite atrelar esses conceitos com o tema do capítulo que é o jornalismo digital, trazendo mais especificamente, o que foi abordado para o ambiente da internet. Nisso, as potencialidades oferecidas por esse meio são bem representadas neste trecho da análise de Ataíde (2010) acerca da obra de Gosciola (2003):

A internet traz ao webjornalismo a capacidade de concentrar em um mesmo ambiente diversos formatos de apresentação de informações: texto, áudio, vídeo, fotografias, animações e simulações podem fazer parte da narrativa webjornalística de maneira complementar, constituindo uma estrutura plural que explora os diferentes sentidos da percepção humana. Essa reunião de diversos formatos no meio web, organizados em blocos interconectados, é a multimídia. Cada inserção – visual, sonora ou textual - não deve se prestar meramente a acrescentar uma informação à narrativa, mas propiciar, pelo mecanismo de atração, diferentes leituras, novas experiências no ambiente multimídia (GOSCIOLA, 2003, apud ATAÍDE, 2010).

Até o momento foi tratado neste tópico exclusivamente sobre a multimídia, suas formas de manifestação e como ela alterou tanto o processo de produção (técnico e profissional) quanto à forma de divulgação (plataforma e mídias). A citação sobre a internet constata que esse meio alavanca as possibilidades multimídia e fornece uma amplificação dos potenciais de recepção das mensagens. “Na narrativa webjornalística, a capacidade de explorar os diferentes sentidos da percepção humana significa o enriquecimento do potencial informativo nesse novo meio” (SOARES, TEROSSI, 2014, p. 177).

Por fim, a multimídia somada à internet oportunizou o fenômeno da convergência midiática que, dentro do jornalismo, permitiu a aglomeração de várias mídias dentro de uma mesma plataforma e permitiu facilitar a compreensão do todo.

“A convergência jornalística é um processo multidimensional [...] propiciando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desconectados” (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008, p. 45).

### 3.3. INTERATIVIDADE

A internet não mudou somente a comunicação ou o jornalismo, ela também criou uma nova forma de participação daqueles que recebem e acessam os conteúdos gerados pelas empresas e profissionais da comunicação, o público. O mundo da web permite que qualquer usuário tenha voz e possa manifestá-la. Dessa forma, o contato entre produtor e receptor se tornou mais próximo, ademais, também a maneira de tratamento e resposta precisou se aprimorar para atender com mais eficácia e atenção ao que era indagado ou observado pelos usuários (QUADROS, 2005).

De acordo com Claudia Quadros, devido à necessidade de adaptação para atender aos interesses dos seus usuários para não perder dinheiro, os donos de empresas de comunicação investiram nesse contato com o público. Entretanto, por verem a informação como um negócio, ainda ocorre uma migração de uma parcela do público para blogs, pois há “alternativas para saber mais sobre determinado assunto e sem precisar pagar nada por isso. Dessa forma, ele ganha experiência e torna-se também responsável por mudanças no status quo do jornalismo” (QUADROS, 2005, p. 5).

Outro posicionamento é do argentino Alejandro Rost (2006), que em seu trabalho de doutorado optou por definir a interatividade em dois tipos: a seletiva e a comunicativa. A interatividade seletiva está diretamente relacionada com a hipertextualidade, pois qualquer forma de hipertexto (mídias) faz com que o próprio leitor trace o seu caminho ao longo, assim, ela é entendida como o processo de controle que o utilizador tem perante a recepção dos conteúdos. Já a interatividade comunicativa dá um passo mais adiante e chega a realmente criar conteúdo, dois exemplo que evidenciam isso são os comentários, feitos muitas vezes logo após a notícia, ou perfis de redes sociais abertas a outros usuários. Em ambos os casos fica a subjetividade do utilizador de buscar uma relação com outros – comunicação – ou de expressar algo individual – expressão (ROST, 2006).

Em um estudo mais atualizado, Rost (2012) afirma que os espaços para a interatividade comunicativa, dentro dos meios de comunicação jornalísticos, permanecem com grande visualização. Contudo, ele faz uma ressalva em relação à credibilidade e qualidade desses conteúdos que são produzidos pelos utilizadores. Apesar de eles poderem representar um novo posicionamento, também é necessário tomar cuidado com a veracidade do material, cabendo a verificação do mesmo, sendo que tal atividade ainda não foi incentivada e é praticada pelos jornalistas. “Persistem as dúvidas e as queixas sobre a qualidade dos conteúdos com que os utilizadores contribuem nos sítios noticiosos. A interatividade requer geri-la e os media não investiram os recursos suficientes para fazê-lo” (ROST, 2012).

### 3.4. MEMÓRIA

A atividade jornalística às vezes se utiliza de recurso para a produção de seus materiais, a memória. Ela pode ser encontrada como base para várias confecções jornalísticas, como em obituários que contam a trajetória de uma personalidade, ou o fim de um período como a retrospectiva de um ano que passou (PALÁCIOS, 2012). Não somente nesses casos, mas no próprio jornalismo diário emprega-se a memória como alternativa para as produções jornalísticas. Fazer a comparação de eventos passados com presentes para criar analogias, instigar a nostalgia ou buscar a construção de um novo fato do passado baseado nas descobertas do presente; tudo isso é uma forma de recorrer à memória (ZELIZER, 2008, p. 82).

Com o jornalismo indo para a internet as possibilidades da memória se desenvolveram de várias formas, dadas as alternativas que o meio proporciona. Como aborda Palácios:

Usando bases de dados localizadas em máquinas com crescente capacidade de processamento e armazenamento, com possibilidade de acesso assíncrono da parte do consumidor, o jornalismo online encoraja o usuário (Interatividade) a juntar-se aos produtores e acrescentar informação a essas bases de dados (Participação e Atualização Contínua). Bases de dados jornalísticas e não jornalísticas podem ser conjugadas, interligadas e estabelecer comunicação entre elas (Hiperligação, Hipertextualidade, Multimedialidade). Para propósitos práticos, as redes digitais disponibilizam espaço virtualmente ilimitado para ao armazenamento de informação que pode ser produzida, recuperada, associada e colocada à disposição dos públicos alvos visados. (PALÁCIOS, 2014, p. 95).

Portanto, a partir do advento da web e interligando-o com a memória, vemos que esse recurso agora tem um crescimento acentuado devido à capacidade ilimitada de espaço que a web disponibiliza. Somado a isso, temos o incentivo dado aos usuários que podem produzir conteúdo e se tornarem uma potencial fonte de memória. É notável a retomada dos conceitos abordados nos tópicos tratados anteriormente, onde se visualiza como todos estabelecem relações e promovem uns aos outros.

Essa característica de arquivamento dentro do ambiente digital é um dos principais benefícios com o qual os jornalistas podem contar, com ele é possível estender a capacidade da memória e assim aprofundar e melhorar a produção jornalística, gerando um conteúdo mais interessante para o público. Além disso, com a facilidade de indexar hipertextos se potencializa ainda mais a exploração da memória. Por outro lado, também permite que o próprio usuário faça uma busca dentro do próprio veículo em cima de um material atual ou passado, podendo ele mesmo fazer gerar um processo de comparação ou outra forma de utilização da memória (PALÁCIOS, 2012).

### 3.5. INSTANTANEIDADE

A web alterou como a informação é disponibilizada, mas também acelerou a velocidade com que as notícias precisam ser disseminadas. A instantaneidade, ao mesmo tempo em que ressalta como o desenvolvimento tecnológico promove uma agilidade para o jornalismo, pode também levar a consequências prejudiciais quanto à qualidade do produto que será divulgado. Existe uma demanda por materiais extremamente atualizados, pois quanto mais instantânea for feita a reprodução e transmissão de um fato, maiores serão as chances de ter um público conectado ao veículo de comunicação. Entretanto, essa busca por mandar um conteúdo o mais rápido possível, pode interferir no processo de verificação dos fatos e também no de reflexão sobre eles, trabalho importante do jornalista, que mexe com a credibilidade dele e da sua empresa (COSTA; QUADROS, 2014).

Essa perspectiva traz uma deficiência do jornalismo digital, que em detrimento da velocidade exigida também faz apresentar uma superficialidade das informações, o que fere o potencial informativo do jornalismo. A prática do jornalismo para a web

vem gerando mais quantidade, mas não segue no mesmo nível quanto à qualidade dos materiais.

Atrelados a isso, temos também dois pontos importantes: o número de notícias idênticas ou parecidas em veículos jornalísticos diferentes; e a rápida propagação que as notícias vêm a ter através dos usuários que podem compartilhá-las em seus blogs ou redes sociais. Em torno desse cenário, o desafio é ter um profissional que esteja apto para lidar com essa situação. Além do mais, uma empresa de comunicação que optar por privilegiar uma averiguação mais lenta, só que mais correta e reflexiva, pode se diferenciar dos concorrentes, garantir credibilidade e um público (BRADSHAW, 2014).

### 3.6. PERSONALIZAÇÃO

A questão da personalização dentro do jornalismo digital se diferencia dos outros tópicos no sentido de ela não se preocupar em como a notícia será publicada. Ela busca outro viés, que no caso, é justamente em como fornecer um conteúdo diferenciado e individualizado. O foco é instigar o interesse de leitores através de suas preferências pessoais. Dar abertura de o próprio usuário escolher e visualizar os assuntos mais importantes para ele (LORENZ, 2014).

Ainda segundo Mirko Lorenz, a personalização vai pelo caminho contrário da forma como a mídia costuma ser praticada, pois ela visa gerar conteúdos para menores e determinados públicos (nichos). Contudo, para ela “o processo de repensar a experiência de consumir informação baseada na personalização tem tido pouca atenção das empresas e é muito mais complicado do que se pensa” (LORENZ, 2014, p. 155). Apesar disso, se pode vislumbrar uma alternativa de explorar o contato com o leitor e torná-lo mais pessoal, com o intuito de fazer com que ele esteja mais próximo do veículo que apresenta um conteúdo especial sobre o tema que lhe agrade.

### 3.7. UBIQUIDADE

A ubiquidade é uma das características mais peculiares da internet, a capacidade de estar presente em todos os lugares ao mesmo tempo. Relativamente à mídia, ela é encontrada no processo de construção do material, no que confere a

sua particularidade de ser acessada e comentada em qualquer lugar do globo e ao mesmo tempo de utilizar recursos de qualquer local para promover uma informação cada vez melhor. Como afirma John Pavlik (2014):

No contexto da mídia, ubiquidade implica que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interativa em tempo real. Quer dizer que todos podem não apenas acessar notícias e entretenimento, mas participar e fornecer sua própria contribuição com conteúdos para compartilhamento e distribuição global. Além disso, o conteúdo noticioso emana de uma variedade de fontes cada vez mais ubíquas, incluindo câmeras de segurança ou vigilância bem como sensores de muitos tipos e formatos, frequentemente ligados à internet. (PAVLIK, 2014, p. 160)

A partir dessa perspectiva, temos um atributo que pode ser benéfico ao jornalismo, que é ter acesso a uma grande quantidade de informação para poder sustentar os seus trabalhos, “provendo os meios para fornecer contexto a reportagens que possuem poucos fundamentos” (PAVLIK, 2014).

Entretanto, essa mesma ubiquidade que representa um mar de informações para se usar em prol do aperfeiçoamento das atividades midiáticas, também pode representar um grande perigo à privacidade das pessoas. Justamente pelo mundo estar mais conectado e propenso a ser monitorado por câmeras ou outros aparelhos, as mesmas informações podem servir para propósitos maléficos de controle e repressão, por parte de pessoas, organizações ou países (PAVLIK, 2014).

#### 4. ANÁLISE DE CONTEÚDO E METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, os temas tratados anteriormente serão de vital importância para tornar mais compreensível a análise de conteúdo que será feita sobre as matérias dos veículos BBC Brasil e El País Brasil. Tendo em vista, compreender o objetivo central ao qual esse trabalho se propõe que é identificar o jornalismo como uma forma de conhecimento na área do digital.

Para se chegar a um resultado satisfatório e que se encaixe com o objetivo principal, integrando os aspectos do tipo de conhecimento do jornalismo – no que concerne também à cognição jornalística e os valores de noticiabilidade –, da redução de complexidade proposta pelo jornalismo científico e dos tópicos que elencam as características do webjornalismo, é preciso empregar uma metodologia de pesquisa adequada.

Atendendo a essa proposta, a metodologia mais apropriada é a análise de conteúdo, já que por meio dela se pode, segundo Herscovitz (2010), “descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos”. Esse método dá abertura para analisar traços quantitativos e qualitativos, sendo que os primeiros visam a mensurar a frequência com que determinados pontos aparecem ao longo do material pesquisado, e os segundos tem um viés de avaliação do próprio texto, enquadrando o contexto em que ele está situado e a plataforma em que foi divulgado (HERSCOVITZ, 2010).

Os veículos de comunicação jornalística que foram escolhidos para serem analisados são: a BBC Brasil <sup>1</sup>e o El País Brasil<sup>2</sup>. A justificativa da escolha dessas duas empresas se deve pela plataforma com a qual trabalham que é o jornalismo digital, através de portais de notícias. Como foi apresentada no capítulo anterior, a internet modificou a forma como o jornalismo é efetuado e abriu novas formas de veiculação e exploração da notícia. “No jornalismo, influenciou todos os tipos de veículo, em todas as fases de produção e recepção da notícia” (PENA, 2015, p. 177).

---

<sup>1</sup> BBC BRASIL. **BBC Brasil nasceu em 1938 com notícia sobre Hitler**. 2011. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/institucional/090120\\_expediente\\_tc2](http://www.bbc.com/portuguese/institucional/090120_expediente_tc2)> Acesso em: 5 agosto. 2016

<sup>2</sup>G1. **Portal brasileiro do 'El País' entra no ar na próxima semana**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2013/11/portal-brasileiro-do-el-pais-entra-no-ar-na-proxima-semana.html>> Acesso em: 5 agosto. 2016

Outro fator relevante para a escolha dos objetos de pesquisa é relacionado às estratégias de globalização adotadas pelos dois veículos de comunicação, buscando se adequar à comunicação digital mundial. Ambos vieram de países estrangeiros e montaram redações no Brasil, produzindo conteúdos próprios que visem ao público brasileiro em específico, ou materiais traduzidos nos países das filiais originais, Inglaterra e Espanha, respectivamente. Ademais, também há o intuito de seguir o mesmo posicionamento que José Canavilhas (2014) teve ao estudar o webjornalismo, onde o autor utilizou indivíduos de nacionalidades diferentes para cada característica, trazendo um parecer globalizado. É seguindo essa linha de raciocínio, que se pretende observar e estudar o trabalho de um veículo inglês (BBC) e outro espanhol (El País), que possuem redações no Brasil e publicam conteúdos feitos dentro e fora do Brasil. A escolha por esses dois veículos de comunicação também permite a continuação do estudo, posteriormente, com a intenção de fazer uma comparação do material produzido pelas redações brasileiras e estrangeiras. Isso, poderia apresentar diferenças quanto ao potencial de conhecimento e uso da plataforma, mas, no momento, não é o objetivo deste trabalho.

As coletas das matérias para análise trazem duas etapas, uma inicial de cunho temporal e outra acerca da seleção feita sobre o espaço de tempo escolhido. Em relação ao período para se buscar as reportagens, é preciso considerar o tempo em que tanto a BBC Brasil quanto o El País Brasil estão presentes no país e produzem conteúdos dentro desse território. Nesse quesito, mesmo com a BBC tendo um escritório no Brasil desde 1938, o El País só se instalou aqui no dia 26 de novembro de 2013. Portanto, apenas conteúdos a partir da data citada até o atual momento em que este trabalho é redigido podem ser válidos para se analisar.

A delimitação dessa faixa de tempo marca a primeira etapa do processo de escolha. A segunda etapa é o critério de seleção utilizado, tendo em vista que o objetivo é identificar o conhecimento jornalístico dentro das matérias, optar por uma determinada editoria ou tema pode auxiliar na delimitação do que irá se coletar, contudo, foi construído um raciocínio em torno do pensamento de Paulo Freire, citado por Eduardo Meditsch (2002):

Dizia o educador Paulo Freire, que faleceu no Brasil há pouco tempo, que todo o conhecimento autêntico nasce de uma pergunta. Dizia mais: que não há conhecimento sem pergunta. O ato de conhecer seria necessariamente o ato de perguntar e de responder à pergunta. (MEDITSCH, 2002).

Dessa forma, procurou-se por reportagens que continham o título na forma de uma pergunta, pensando que de imediato surgiria a necessidade de ver se o questionamento lançado logo no início pelo jornalista seria respondido no decorrer das matérias. Através da barra de busca de ambos os portais foram procuradas as notícias publicadas entre agosto de 2015 e agosto de 2016 que continham uma pergunta no título da matéria. Foram encontradas setes matérias no portal BBC Brasil e seis no portal do El País Brasil, totalizando treze materiais para análise.

Apresentou-se a metodologia de pesquisa, os objetos de pesquisa e o modo de seleção do material para coleta. Por fim, falta especificar como funcionarão os critérios para análise.

Haja vista que os três principais temas que permeiam o trabalho são: o conhecimento do jornalismo, o jornalismo científico e o jornalismo digital; os critérios devem atender aos aspectos abordados em cada um deles, para se obter uma relação do embasamento com o trabalho jornalístico, promovendo uma análise minuciosa e completa. Para visualizar e compreender melhor como será feita a análise seguindo os estudos citados, a descrição a seguir explicará o intuito de cada ponto.

Pegando o que foi estudado no capítulo sobre o conhecimento do jornalismo se tem três possibilidades de análise, sendo elas:

- a) Potencial de conhecimento – esse critério engloba o resultado do primeiro capítulo, no qual se constatou que o conhecimento pode ser formado pelo jornalismo por meio da disponibilização de um grande fluxo de informações, dentro de um trabalho jornalístico bem feito e que permita ao indivíduo compreender o que é tratado e fazer suas próprias relações com seus entendimentos mentais e pessoais, podendo assim gerar um conhecimento. Contudo, também foi constatado que é um procedimento dependente tanto do jornalista quanto do próprio indivíduo, como o trabalho está focado em analisar a produção e não a recepção dele, isso representa metade do processo. Por isso, será apontado o potencial de conhecimento que o conteúdo pode vir a ter, sendo que esse apontamento será baseado na presença dos próximos três critérios;
- b) Cognição jornalística – esse quesito é complementar ao de cima, pressupondo o que foi indagado por Meditsch (2002) irá ser verificado se as técnicas narrativas atendem um objetivo de informar melhor as

peças, ou se elas funcionam de maneira a sensacionalizar a notícia ou de persuasão, indo contra uma cognição assertiva;

- c) Valores-notícia – os estudos mostraram que um trabalho ético e seguindo os princípios do jornalismo pode beneficiar esse processo de conhecimento através do jornalismo, no sentido de que a produção jornalística trará informações mais precisas e um desenvolvimento maior do conteúdo, oportunizando que o indivíduo possa entender melhor o que é abordado e estabeleça relações com seu conhecimento próprio e do cotidiano com maior facilidade;

Já a parte que discorreu sobre o jornalismo científico e levou a abordagem da redução de complexidade, apresentou a atuação do jornalismo na tradução de conteúdo, visando a facilitar o entendimento de um público maior sobre um determinado assunto que é muitas vezes retido a uma parcela mínima de pessoas. Estabelece-se assim, o seguinte critério:

- d) Redução de complexidade – esse quesito será considerado como presente quando a produção analisada apresentar traços de facilitação de termos ou atividades complexos, procurando promover uma assimilação melhor do leitor acerca do contexto de uma informação ou conduta;

O jornalismo digital, dividido nos sete tópicos que foram estudados, também será uma parte integrante da análise, em função do encaixe para o tipo de mídia que se escolheu e pela sua já ressaltada importância nessa produção acadêmica. Baseado nas características do webjornalismo, temos:

- e) Hipertextualidade – quando o conteúdo apresentar a conexão entre blocos informativos e que estabeleçam entre si uma relação de complementaridade entre os temas;
- f) Multimídia – esse quesito busca evidenciar se é utilizado mais de um tipo de mídia para articular as informações dos materiais, entendendo que a mensagem pode ser transmitida de maneiras diferentes e complementares, estimulando a percepção e assimilação do que é tratado;
- g) Interatividade – ela poderá ser encontrada de duas formas dentro das produções jornalísticas coletadas, - mas apenas a segunda possibilidade será usada para validar a presença desse critério, já que ela está relacionada à hipertextualidade - a primeira vendo se o material oportuniza

o utilizador de caminhar pelo ambiente e escolher qual a mídia ou assunto ele gostaria de ver, ou no segundo caso onde o usuário tem um espaço e expressa seu posicionamento através de comentários, atuando como um criador de conteúdo junto;

- h) Memória – esse critério engloba aspectos jornalísticos e técnicos que a produção analisada pode dispor, sendo que quem fez a matéria pode ter utilizado recursos de memória para fazê-lo ou colocado itens que levem a outras informações consideradas históricas, atuais ou antigas;
- i) Instantaneidade – o aspecto considerado neste item é ver se os conteúdos foram de fatos imediatamente reproduzidos para a web ou se são fatos que não foram instantaneamente noticiados;
- j) Personalização – entender se o ambiente no qual o material está disponibilizado apresenta opções de personalização para o usuário, ou vendo se o conteúdo atende aos interesses pessoais de um público em específico, um nicho;
- k) Ubiquidade – se o que foi publicado e analisado mostrar algum item ou informação que foi retirada de outro local do mundo (fora do Brasil), ou se ele contém materiais ou leva a outros que podem ser acessados a qualquer momento e de qualquer lugar do mundo (desde que se tenha uma conexão com a internet) então ele se encaixará nesse quesito;

Para visualizar os critérios de análise de forma resumida e objetiva foram criadas tabelas com os dados analisados de cada matéria, que estão referenciadas através da seguinte codificação:

BBC 1: Por que há uma crise de imigração entre França e Reino Unido? – 01/08/15;

BBC 2: Em que pé está o pedido de impeachment contra Michel Temer? – 18/05/2016;

BBC 3: O que põe a França na mira de extremistas? – 26/07/2016;

BBC 4: Será que há mais personalidades morrendo em 2016? – 22/04/16

BBC 5: Como se chegou à pior recessão desde os anos 90? – 01/12/15

BBC 6: Depois do feijão, quais podem ser os próximos vilões da inflação? – 30/06/16

BBC 7: Por que Dilma desengavetou políticas sociais após pedido de impeachment? – 04/05/16

El País 1: Por que os refugiados agora emigram maciçamente para a Europa? – 02/09/2015;

El País 2: Quem fecha as portas do mundo ao cinema latino-americano? – 26/08/2016;

El País 3: A guerra jurídica do impeachment: do que Dilma é acusada? – 30/08/2016;

El País 4: O Rio está preparado? – 02/07/16;

El País 5: Como as periferias do Rio estão vivendo os Jogos Olímpicos? – 21/08/16

El País 6: Tiro na favela. Esporte olímpico na Rio 2016? – 29/04/16

#### 4.1. ANÁLISE DAS MATÉRIAS

**Tabela 1: BBC Brasil**

		BBC 1	BBC 2	BBC 3	BBC 4	BBC 5	BBC 6	BBC 7
<b>Potencial de conhecimento</b>	Cognição jornalística	S	S	S	S	S	S	S
	Valores-notícia	S	S	S	S	S	S	S
	Redução de complexidade	S	N	S	S	S	S	S
	Potencial de conhecimento	S	N	S	S	S	S	S
<b>Potencial de uso da plataforma</b>	Hipertextualidade	N	N	N	N	N	N	N
	Multimedialidade	S	S	S	S	S	S	S
	Interatividade	N	N	N	N	S	N	S
	Memória	S	S	S	S	S	S	S
	Instantaneidade	N	N	N	N	S	N	N
	Personalização	N	N	N	N	N	N	N
	Ubiquidade	S	N	S	S	S	N	N

A tabela apresenta a análise das matérias da BBC Brasil, mostrando que em todas foram usadas técnicas cognitivas consideradas adequadas conforme Meditsch (2002, com o intuito de captar a atenção do leitor (sem apresentar sensacionalismo) e de informa-lo (sem persuasão). Todas continham traços de noticiabilidade e se valem como produções jornalísticas, além de representar uma amostra da realidade. Em duas oportunidades ocorreram a explicação de algum termo ou acontecimento. No âmbito do webjornalismo, os conteúdos evidenciam características bem definidas de utilização. A hipertextualidade, interatividade e personalização são inexistentes em todas as produções; já a multimídia e a memória aparecem em todas as matérias, como recursos pertinentes na montagem do conteúdo. Dentre as treze análises, apenas em uma vez o conteúdo se mostrou algo instantâneo, e em duas delas a ubiquidade pode ser constatada. Segue agora um detalhamento de cada produção analisada.

#### BBC 1: Por que há uma crise de imigração entre França e Reino Unido? – 01/08/15

A pergunta lançada no título já é respondida de maneira sintetizada logo no primeiro parágrafo da matéria, dessa forma, se o leitor for fisgado pela técnica narrativa utilizada pelo jornalista e obtiver uma resposta de imediato, significa que ela cumpriu seu objetivo de informar assertivamente. Ao se adequar aos critérios de noticiabilidade ela acaba por tentar reconstruir a realidade por meio do trabalho jornalístico. Além disso, quando é especificado o que é a “operação Stack” pelo jornalista, isso marca uma representação de redução de complexidade, pois ele visa explicar algo que provavelmente é desconhecido dos usuários.

Já no âmbito do webjornalismo, se verificou um fraco investimento nos potenciais que o ambiente digital proporciona. A hipertextualidade não é utilizada e, portanto, não existem relações de complementaridade com outros blocos informativos. Apesar disso, podem ser encontrados links para outras matérias, mas eles estão jogados no meio do texto e não estão diretamente ligados ao conteúdo. Por não apresentar o critério citado, ela não permite que o usuário faça um caminho diferente pelo conteúdo, utilizando materiais hiperligados, fazendo com que não se tenha esse tipo de interatividade. Além de que não há espaço para o leitor comentar, sendo que a única ação que pode ser feita pelo internauta é de compartilhar o conteúdo em outras redes. A matéria apresenta fotos e textos que se complementam (multimídia), utiliza informações do passado para fomentar os

acontecimentos do presente (memória) e demonstra que tais informações foram pegadas de diversas autoridades de vários países (ubiquidade). Por outro lado, ela não aparenta nenhum traço de instantaneidade ou de personalização.

BBC 2: Em que pé está o pedido de impeachment contra Michel Temer? – 18/05/2016

O primeiro parágrafo apresenta o fato mais recente sobre o tema que a matéria está abordando, dessa forma o jornalista cumpre seu papel de passar corretamente o que ocorreu. Ao longo do material também são elencadas as razões para o acontecimento do caso, assim como argumentos de quem vai contra o pedido de impeachment contra Temer. Já em relação aos valores-notícia, o principal critério seria o substantivo, pois a notícia é de interesse nacional, além de citar a importância de vários indivíduos de algum nível hierárquico no desdobramento da matéria. A redução de complexidade não foi encontrada na análise, já que nenhuma das três funções aparece em algum momento do material.

A utilização da plataforma é pouco explorada, sendo que apenas duas características do webjornalismo podem ser constatadas. Há fotos que se complementam com o que é escrito no corpo da matéria, mostrando as principais pessoas que estão por trás do que é tratado, configurando o uso da multimedialidade. Os dados e a trajetória de acontecimentos que permeiam a notícia abordam detalhes que puderam ser pegos de matérias anteriores ou da procura por parte do jornalismo (memória). Por outro lado, novamente não é possível encontrar nenhum link levando a outra página que possa complementar a matéria. Além da falta de hipertextualidade, não há interatividade por parte do usuário, nem instantaneidade e personalização. Já a ubiquidade não está presente se for considerar que ela não coloca informações que foram tiradas de outro local do mundo. Entretanto, ela está disponível para ser acessada por qualquer pessoa do planeta.

BBC 3: O que põe a França na mira de extremistas? – 26/07/2016

A proposta de explicar a razão de a França ser um alvo de ataques de extremistas, ao qual se propõe o texto, dado o questionamento do título, só é explicada no primeiro subtítulo da matéria. Antes há uma contextualização acerca do último ataque sofrido no país. É dada a resposta, elencando as razões dos

constantes ataques que os franceses sofrem. Ainda é colocado um infográfico para aprimorar a capacidade de entendimento da mensagem que está sendo passada. Portanto, a cognição jornalística é bem usada. Além disso, o assunto apresenta valores-notícia pela sua relevância, já que a quantidade de ataques a França é algo singular. A redução de complexidade aparece na produção, principalmente na explicação de como a lei que tornou o Estado francês laico, influenciou ou influencia como motivo para os grupos radicais atacarem o país.

Analisando a parte do webjornalismo, o material fica bem próximo do que foi constatado na BBC2. Portanto, características como hipertextualidade, interatividade, instantaneidade e personalização, não são identificadas ao longo dessa produção em questão. Entretanto, as outras três características são bem presentes. A multimedialidade aparece de uma forma diferente, pois além do texto e de cinco fotos, há um infográfico que ajuda a elucidar o que está sendo tratado. Já a memória se faz presente no sentido de que são utilizados dados históricos para contextualizar alguns trechos, como a lei da laicidade. Outras informações e principalmente as citações, são de autoridades estrangeiras, o que leva a identificação de ubiquidade dentro da matéria.

#### BBC 4: Será que há mais personalidades morrendo em 2016? – 22/04/16

O jornalista chega à resposta da pergunta que levantou através do depoimento da única fonte que utilizou no texto. Ele busca evidenciar que concluiu suas constatações por meio dos dados trazidos pela fonte. Apesar de conter personalidades famosas de todo o mundo e atrair a atenção para isso, o texto foi produzido pela sede da BBC na Inglaterra. O conteúdo se baseia e contém informações mais relevantes e próximas para quem vive na Grã-Bretanha. Contudo, também apresenta informações que não se restringem a uma determinada localidade, mas, sim, uma abrangência global. Isso ocorre quando se lê a parte sobre a geração baby boom. Nesse aspecto, os valores-notícia podem ser constatados (relevância universal), assim como a redução de complexidade (explicação do que é e sua relação com o assunto).

É possível elencar algumas características do webjornalismo dentro dessa matéria. A primeira e mais evidente é a multimedialidade, que está presente por meio das fotos utilizadas, retratando as principais personalidades que são citadas no texto. A memória também é identificada, já que ela se baseia em fatos que

aconteceram previamente. Como majoritariamente as informações vieram de fora do país, então é válido afirmar que a ubiquidade é contida. Entretanto, apenas essas características puderam ser encontradas. Novamente houve a falta de hiperlinks, espaço para comentários e tratou-se de uma notícia sem caráter de instantaneidade ou personalização.

#### BBC 5: Como se chegou à pior recessão desde os anos 90? – 01/12/15

A autora parte primeiro para uma contextualização do fato que foi o gancho para a formulação da matéria. Ele se permeia nos dados divulgados pelo IBGE, sendo que os mesmos foram disponibilizados no mesmo dia. Após seu começo discorrendo sobre os dados, a jornalista elenca algumas causas que servem de argumento para o resultado que foi verificado pelo órgão de pesquisa. Dessa forma, ela responde ao questionamento do título. Ademais, isso se torna relevante, pois a economia do país afeta diretamente a população que está dentro dele, além de mostrar os principais indivíduos que estão no meio de todo processo. A escolha por tratar das razões separadamente e em tópicos bem definidos se torna um modo de reduzir a complexidade do que é trazido, de forma que as informações sejam mais bem compreendidas por quem está acessando e lendo a notícia.

No aspecto da plataforma, o conteúdo não apresenta nenhum link, portanto não tem hipertextualidade. Ele não é voltado para um público em específico. Entretanto, todas as outras características foram identificadas. Várias fotos aparecem ao longo da matéria, se relacionando com o que está escrito no texto. Por ser uma notícia baseada nos dados da pesquisa do IBGE que foi divulgada no mesmo dia, ela ganha instantaneidade. Uma constatação peculiar foi a da presença de interatividade, pois essa foi a primeira análise que contém comentários feitos por internautas, que interagem entre eles e comentam sobre o material jornalístico. Por fim, informações do exterior e menções de países de fora certificam a presença da ubiquidade nesse texto.

#### BBC 6: Depois do feijão, quais podem ser os próximos vilões da inflação? – 30/06/16

A jornalista responsável por escrever a matéria escreve no terceiro parágrafo a síntese de seu texto, abordando a resposta para o questionamento que levantou no título. Ela já adianta que suas informações são baseadas nos depoimentos de especialistas e economistas, se certificando de transparecer uma apuração

relevante de tudo que será dito. Dessa forma, a autora garante um bom uso da cognição jornalística, levando aos leitores a se interessarem pelo que será levantado. A relevância da notícia também se dá pelo número de pessoas que o tema afeta, no caso é toda a população brasileira que consome os produtos citados. É constatada a redução de complexidade em vários momentos da matéria, pois um dos focos é tornar mais compreensível para o público a interpretação dos números que envolvem o cálculo do preço dos alimentos.

Quanto ao webjornalismo, identifica-se a presença de fotos que se relacionam assertivamente com o texto. Já a memória também é encontrada, mas de forma singela, com apenas uma informação que aconteceu no passado. As outras características não foram vistas, o que mostra um fraco uso do potencial que a plataforma oferece ao trabalho do jornalista.

#### BBC 7: Por que Dilma desengavetou políticas sociais após pedido de impeachment?

– 04/05/16

A cognição jornalística é bem empregada nessa reportagem, pois ela está estruturada de forma que o leitor permaneça imerso no texto, acompanhando do início ao fim o que foi escrito. Isso ocorre, porque os jornalistas optaram por dividir as razões e respostas para a pergunta que suscitaram no título. Para ter um bom embasamento do assunto, o leitor interessado encontrará argumentos para tratar de cada uma das causas citadas. Fazer a explicação da conduta que a presidente tomou é uma forma de reduzir a complexidade de situações que podem ser pouco entendidas pelo público. Ela está presente principalmente no texto do último subtítulo da matéria, que conta acontecimentos de uma minoria, nesse caso a dos indígenas.

A reportagem utiliza fotos de entrevistados para se relacionar com o que é tratado no texto. Além disso, foi outra fonte de análise que apresentou interatividade de internautas através de comentários. Contudo, a maior parte das interações não fala acerca do que o texto tratou, mas de assuntos correlacionados. Logo no primeiro parágrafo da matéria temos o recurso da memória sendo utilizado, que serve de ponto de partida para o restante das informações. Isso ocorre outras vezes no andamento da leitura, principalmente quando os jornalistas tentam trazer uma pequena retrospectiva do governo de Dilma para ajudar a entender uma

determinada situação. Já as outras características do jornalismo praticado na web não foram identificadas.

**Tabela 2: EI País Brasil**

		EI País 1	EI País 2	EI País 3	EI País 4	EI País 5	EI País 6
<b>Potencial de Conhecimento</b>	Cognição jornalística	S	S	S	N	S	N
	Valores-notícia	S	S	S	S	S	S
	Redução de complexidade	S	S	S	S	S	S
	Potencial de conhecimento	S	S	S	N	S	N
<b>Potencial de uso da plataforma</b>	Hipertextualidade	S	S	S	S	S	S
	Multimedialidade	S	N	S	S	S	S
	Interatividade	S	N	S	N	S	N
	Memória	S	S	S	S	S	S
	Instantaneidade	N	N	N	N	N	N
	Personalização	N	S	N	N	N	N
	Ubiquidade	S	S	S	S	N	N

A tabela acima relata os resultados obtidos na análise das matérias publicadas no portal de notícias do EI País. Os dados mostram que todas se enquadram nos critérios da cognição jornalística e dos valores-notícia, portanto eles não apresentam problemas quanto ao método para chamar a atenção do leitor e também passam uma tentativa de construção da realidade. Em dois casos ainda é possível identificar uma redução de complexidade.

Os conteúdos do EI País apresentam mais receptividade às possibilidades do meio digital, explorando alguns aspectos do webjornalismo. O primeiro deles, e o mais obvio, é a hipertextualidade, que é amplamente usada em todas as produções. A multimídia aparece de formas variadas e em duas matérias. Já a

interatividade é confusa e só é percebida em apenas um dos trabalhos analisados. A memória e a ubiquidade são unânimes, mas a instantaneidade vai pelo caminho contrário e não foi identificada. Por fim, um dos conteúdos apresentou traços de personalização, voltado para um público ou nicho mais específico. O detalhamento mais completo vem logo a seguir.

El País 1: Por que os refugiados agora emigram maciçamente para a Europa? – 02/09/2015;

O questionamento levantado no título da matéria é respondido logo na gravata, “A expansão do Estado Islâmico e o colapso líbio são algumas das respostas”. Depois, o usuário se depara com um vídeo que explica justamente o trecho citado, apresentado pelo redator chefe da parte Internacional do El País, Andrea Rizzi. No primeiro parágrafo, é utilizado um recurso de comparação do presente com o passado, além de introduzir vários dados estatísticos para informar o leitor. Toda essa mistura de informações chama a atenção do leitor que já pode sair bem informado do tema tratado. Além disso, tanto o vídeo quanto o texto que está dividido em tópicos, acabam se complementando e transmitindo uma visão mais próxima da realidade. A redução de complexidade aparece na contextualização que é feita no vídeo, com o objetivo de familiarizar os leitores sobre a causa para o estopim das emigrações até o momento da reportagem.

Muitas características do webjornalismo já puderam ser elencadas com o que foi dito no parágrafo anterior. A hipertextualidade é perceptível, visto que o bloco informativo textual e o bloco informativo audiovisual se complementam e criam uma hiperligação. Ademais, essa união já representa a multimídia da produção. O recurso comparativo que foi citado mostra o uso da memória, e a visão internacional que transmitida gera a ubiquidade.

A interatividade é o ponto fraco do material, visto que ele é rico em informações, mas não possui comentários de quem o acessou. Ele também não apresenta traços de instantaneidade, já que configura um conteúdo mais de contextualização e explicação. Entretanto, a matéria não parece ser destinada a um público específico, levando a não existência da personalização

El País 2: Quem fecha as portas do mundo ao cinema latino-americano? –  
26/08/2016

O autor do texto já responde ao questionamento que levantou com o título logo no primeiro parágrafo. A partir disso, ele detalha as razões para o posicionamento colocado. É citado que a distribuição é um dos maiores entraves para uma divulgação e visibilidade mais efetiva das produções latino-americanas. Nesse aspecto, para quem não convive com esse tema usualmente, é difícil de entender como esse processo de distribuição ocorre, sendo conhecido e entendido mais por uma parcela de pessoas que estudam ou acompanham mais o cinema. Para a situação ser mais bem compreendida, o jornalista mescla fala de pessoas quem tem autoridade para falar do tema, com dados retirados de uma organização que faz a análise desse assunto. Isso vislumbra um processo de redução de complexidade, onde o escritor deixa mais claro como funciona a distribuição de filmes de cinema.

O material apresenta uma boa utilização da plataforma da web. Muitos links aparecem ao longo da produção, sendo que eles ligam blocos informativos feitos pelo veículo e encontrados em seu portal de notícias; contendo também links que levam a sites usados como referência para a confecção da matéria e dos dados apresentados. Já a multimídia foi descartada nesse caso, pois apesar da reportagem conter uma foto, ela não acrescenta em nada ao texto, nem serve de complemento para alguma informação citada. No aspecto da interatividade, existe um espaço para comentários, mas nenhum internauta utilizou esse recurso. Em nenhum momento o texto se mostra como atual, nem apresenta um fato que foi instantaneamente divulgado, portanto, ele não tem essa característica.

É possível ressaltar que esse material em específico contém traços muito fortes de memória – já que se utiliza de muitas informações previamente pegadas e por oportunizar o acesso a sites com informações válidas e de outros países; de personalização – o conteúdo visa a atender a um determinado nicho de público e pode ser encontrado em uma página especial para quem aprecia cinema; e a ubiquidade – encontrada através dos links para sites e informações de fora do país e que podem ser acessadas a qualquer momento e de qualquer lugar.

### El País 3: A guerra jurídica do impeachment: do que Dilma é acusada? – 30/08/2016

Diferentemente dos outros conteúdos analisados esta produção não responde a pergunta que é lançada em um determinado momento ou parágrafo do texto. A resposta se dá ao longo de toda a matéria, dividindo a explicação em dois pontos. A autora apresenta o fato de cada ponto, colocando os lados dos acusadores e defensores de cada tópico. Portanto, ele não sucumbe ao sensacionalismo ou a tentativa de persuasão sobre o leitor. Por ser um assunto de relevância nacional, os valores-notícia já são facilmente identificados. Já a redução de complexidade ocorre de uma maneira nova, onde a jornalista insere dois hiperlinks que levam aos trechos da Constituição Federal que ela utilizou para sustentar o que escreveu. Isso serve também como forma de facilitar o entendimento para o internauta, que pode acessar o link e se embasar melhor para entender o que é citado.

As características do webjornalismo puderam ser rapidamente identificadas. Existem vários hiperlinks ao longo do texto, além de no começo apresentar uma foto que representa o momento ao qual a matéria visa a discutir. Um leitor fez um comentário acerca do que é tratado, constatando o caráter de interatividade dentro dessa reportagem. A memória é verificada através da possibilidade de acesso de materiais antigos que antecedem as informações levantadas na produção em questão. Já o uso da Constituição Federal viabiliza assinalar que existe ubiquidade, pois é um conteúdo que pode ser acessado por qualquer pessoa do mundo. Instantaneidade e personalização não foram identificadas na análise.

### El País 4: O Rio está preparado? – 02/07/16;

Essa reportagem acaba se diferenciando no aspecto da cognição jornalística. O título colocado pelos autores não sugere um ponto a ser focado acerca dos jogos olímpicos no Rio de Janeiro. No entanto, o texto se foca apenas na área de segurança, sem se abranger a outros setores. Dessa forma, pode ser identificada uma confusão perante o que será tratado, levando a uma criação de expectativa ou captação de atenção sobre o público, errônea por parte do jornalista. Já os valores-notícia estão presentes por se tratar de um tema relevante nacionalmente, além do aspecto singular do país sediar uma Olimpíada. A redução de complexidade ocorre quando o autor explica como o que é o IMSI.

Quanto às características do webjornalismo que são encontradas na notícia, a hipertextualidade se destaca, pois muitos hiperlinks aparecem, relacionando o tema abordado com outras notícias complementares. Já a multimídia também está presente, mas de forma singela, com apenas uma foto ao longo do material. O recurso da memória é amplamente utilizado, pois são citados eventos e acontecimentos do passado, servindo como ferramenta para comparar com possíveis situações do presente. Isso aconteceu quando foram lembrados problemas com edições de jogos olímpicos do passado e nos eventos sediados pelo Brasil anteriormente. A reportagem relatou informações retiradas de entidades estrangeiras, que podem ser acessadas por meio dos links que existem no texto. Isso caracteriza o uso da ubiquidade. Não foi possível encontrar nenhum comentário ou um espaço onde os leitores poderiam manifestar seus posicionamentos opiniões quanto à notícia. A matéria não é voltada para um nicho ou público em específico. Além de não ter falado sobre um fato logo quando ele ocorreu.

#### El País 5: Como as periferias do Rio estão vivendo os Jogos Olímpicos? – 21/08/16

A notícia consegue responder ao questionamento que é levantado no título através do relato das fontes, ou seja, a resposta é presente em todos os momentos no decorrer da leitura da matéria. As fontes também asseguram os valores-notícia, pois o destaque e a relevância se dão pelo número de pessoas que são afetadas pelo fato. Nesse caso, para comprovar isso, o jornalista coloca citações de onze entrevistados que estão relacionados com o assunto. Os depoimentos também funcionam como uma forma de redução de complexidade, pois essa tática serve para familiarizar os leitores e internautas sobre várias situações que passam ou passaram com os entrevistados.

A hipertextualidade está presente no texto, mas apenas um dos links leva a uma notícia complementar para a matéria original. Já no quesito da multimídia, novamente as fotos são a única mídia utilizada, além do texto. Existe interatividade, porque são feitos dois comentários de leitores. Datas e eventos anteriores à data de publicação da matéria foram usados para contextualizar informações, mostrando que a memória foi novamente constatada. A notícia não se encaixa para uma parcela de público em especial, nem apresenta dados ou informações que possam caracterizar a ubiquidade.

#### El País 6: Tiro na favela. Esporte olímpico na Rio 2016? – 29/04/16

O título do texto procura fazer uma analogia às modalidades esportivas dos jogos olímpicos. A notícia não foca em tratar de algo diretamente relacionado com o evento internacional, ela foca, sim, na violência policial que acontece na cidade do Rio de Janeiro. Portanto, a cognição jornalística pode ser afetada, já que o autor coloca um questionamento para chamar atenção, mas não irá necessariamente abordar aquilo que escreveu no início. Apesar disso, há relevância no conteúdo, pois a violência é posta como um potencial problema para o andamento pacífico das olimpíadas. Já a redução de complexidade aparece quando o escritor cita as razões para o aumento da violência policial bem na época que antecede o começo da Rio 2016.

A plataforma não é tão utilizada, já que só foi possível constatar a presença de três características do webjornalismo. A primeira sendo a hipertextualidade, que relaciona bem outras notícias, válidas para o entendimento da matéria. A multimídia também aparece por meio de fotos, mas nesse caso é positivo ressaltar que a segunda imagem foi retirada de um post de uma conta da rede social Twitter. A memória também é identificada, visto que o autor começa tratando de eventos antigos, para depois abordar acontecimentos mais recentes. A notícia traz fatos relativamente novos, mas é difícil afirmar que foram instantaneamente divulgados, pois muitos relatos e informações anteriores foram utilizados. Ademais, não é possível verificar se a notícia foi ou não atualizada pelo escritor. Interatividade, personalização e ubiquidade também não foram identificadas.

#### 4.2. COMPARAÇÃO DOS VEÍCULOS

Para a melhor compreensão do resultado obtido com as análises de conteúdo, foi feita uma comparação entre os dois veículos de comunicação analisados. Procurando evidenciar ainda mais o que foi constatado, uma tabela foi criada apresentando, de modo objetivo, o que foi identificado na coleta e análise das matérias. Após a apresentação da tabela, há o detalhamento do que foi relatado nela.

**Tabela 3: Comparação BBC Brasil x El País Brasil**

BBC Brasil	X	El País Brasil
7 vezes	<b>Cognição Jornalística</b>	4 vezes
7 vezes	<b>Valores-notícia</b>	6 vezes
6 vezes	<b>Redução de complexidade</b>	6 vezes
6 vezes	<b>Potencial de conhecimento</b>	4 vezes
Nenhuma vez	<b>Hipertextualidade</b>	6 vezes
7 vezes	<b>Multimedialidade</b>	5 vezes
2 vezes	<b>Interatividade</b>	3 vezes
7 vezes	<b>Memória</b>	6 vezes
1 vez	<b>Instantaneidade</b>	Nenhuma vez
Nenhuma vez	<b>Personalização</b>	1 vez
4 vezes	<b>Ubiquidade</b>	4 vezes

A análise de conteúdo dos portais BBC Brasil e El País Brasil, tinha como intuito identificar a presença do conhecimento jornalístico. Ademais, procurou-se verificar como o jornalismo que é feito na internet pode vir a oferecer um potencial maior de assimilação do conteúdo jornalístico. O resultado mostrou que das 13 matérias, dez apresentaram potencial de conhecimento, enquanto que as demais, não. Desse número, a BBC Brasil obteve seis matérias com potencial e apenas uma sem. Já o El País teve quatro com potencial e duas sem.

A cognição jornalística pode ser ressaltada nos materiais da BBC Brasil, pois em todas as sete matérias analisadas foram validadas esse critério. Isso mostra que por meio dos questionamentos lançados nos títulos, eles conseguiram captar a atenção de quem está lendo. Além de apresentar a resposta para a pergunta dentro do texto. Já o El País não obteve os mesmos números, pois duas das seis matérias acabaram fugindo do sentido que se procurou identificar. Em ambos os casos, o que levou a não assinalar a presença desse critério foi a confusão que o título pode

provocar nos leitores, porque o texto do material não abordou diretamente o que o jornalista colocou como abertura.

Vale salientar o critério da redução de complexidade, que aparece na maioria das matérias (em 12 das 13). Esse dado evidencia que os jornalistas buscam divulgar conteúdos e informações que sejam mais bem compreendidas pelo público, com o intuito de gerar um trabalho de fácil assimilação por diferentes pessoas. A única vez que ela não apareceu foi em uma matéria da BBC Brasil.

Em relação ao jornalismo digital, sua análise serviu como um potencial de uso, embasado pelas características que concernem o webjornalismo. Foi verificado que os portais adotam estilos diferentes. A principal diferença entre os veículos foi no aspecto da hipertextualidade. Enquanto a BBC Brasil não cria nenhum hiperlink com outras matérias de sua autoria ou um conteúdo de fora do portal, o El País Brasil tem esse recurso amplamente explorado, colocando links em todos os seus textos.

A multimídia é tratada de forma similar, visto que a maioria das análises constatou a relação de fotos com texto. Uma mídia diferente foi usada uma única vez por cada um dos veículos. A BBC Brasil criou um infográfico, enquanto que o El País fez um vídeo para uma de suas matérias. Ambas apresentaram memória em todos os seus conteúdos, o que salienta a ideia de que os jornalistas se baseiam ou inserem acontecimentos e fatos que já passaram para tornar seu trabalho mais interessante e melhor embasado (PALÁCIOS, 2012).

As análises mostraram a presença de ubiquidade em oito das 13 matérias. Em grande parte nos conteúdos que foram feitos sobre países estrangeiros e por jornalistas que trabalham em outros países, mas que divulgaram seu trabalho no portal próprio ao Brasil. Quanto à personalização, nenhum dos veículos fez matérias estritamente voltadas ao um nicho de público. Só foi identificada uma vez essa característica, em uma das matérias do portal El País, sobre cinema.

As treze matérias selecionadas para a análise de conteúdo apresentaram duas constatações interessantes. A primeira é referente à instantaneidade, que foi identificada apenas em uma das matérias da BBC Brasil, enquanto que o outro veículo não obteve nenhuma enquadrada nesse aspecto. O estudo previamente abordado, disse que a internet oportunizou a divulgação quase que instantânea das notícias. Entretanto, isso não foi correspondido no material coletado. Isso pode ser uma conduta praticada pelos dois veículos de comunicação, que focam em levar

matérias melhor embasadas e com uma apuração mais rigorosa. A segunda constatação foi acerca da interatividade. Considerada como a presença de comentários ou interações de internautas e leitores, essa característica foi identificada em quatro das 13 matérias, duas vezes em cada portal. Vale ressaltar que em todas as nove que não tinham comentários, também não apresentaram um espaço visível para que quem acessasse o material fizesse um comentário sobre o tema ou assunto. Isso evidencia que tanto a BBC Brasil quanto o El País Brasil não procuram receber a participação de quem acompanha as notícias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar e estudar o jornalismo atrelado ao conhecimento exige um grande embasamento por parte do pesquisador. O jornalismo está enquadrado no campo da comunicação, que costuma ser uma área de estudo muito abrangente. O conhecimento, da mesma forma, engloba muitos aspectos e na maioria das vezes ele acaba sendo um processo subjetivo e individual de cada pessoa. Apesar disso, foi possível delimitar o jornalismo como uma parte mais profissional do espaço da comunicação e entendendo ainda o seu papel dentro da sociedade. Enquanto que a abordagem do conhecimento ofereceu um resultado parecido, pois se conclui que as características e propósitos do jornalismo o configuram como um conhecimento peculiar, com suas especificidades. O conhecimento jornalístico está entre o do senso comum (empírico) e o científico, tendo semelhanças e diferenças para com eles.

O estudo de algumas das teorias da comunicação auxilia na compreensão do tema. Elas ofereceram um entendimento mais aprofundado, mostrando como a parte teórica e prática dos jornalistas culmina em um trabalho que apresente uma alta aproximação com a realidade, trazendo argumentos verídicos e que facilitam o público a compreender um pouco mais sobre o seu cotidiano e o que está em torno dele.

O jornalismo digital foi um dos principais temas deste trabalho, sendo que seu estudo foi baseado nas características do webjornalismo. A pesquisa deu suporte para o entendimento das mudanças que a internet trouxe para a produção jornalística e as possibilidades de utilização que essa mídia possui, já que ela tem a capacidade de comportar todas as outras formas de comunicação existentes (áudio, vídeo, foto, etc). Foi concluído que o jornalista pode se dispor de muitas ferramentas para aprimorar o conteúdo que ele passa ao público, por meio da hipertextualidade e multimídia, por exemplo. Contudo, alguns desafios também são impostos ao profissional, como a instantaneidade, que acelerou o processo de divulgação das notícias, mas pode prejudicar a qualidade de apuração que se faz dos fatos. Ademais, as características serviram de base para formular critérios e analisar o material que se coletou dos portais BBC Brasil e El País Brasil.

Acerca da análise de conteúdo, a metodologia dividiu a forma de identificação dos critérios: a primeira englobando três critérios para afirmar a presença de

potencial de conhecimento jornalístico; e a segunda procurando identificar quantas características do webjornalismo os materiais apresentavam.

Em relação ao potencial de conhecimento jornalístico, foi possível constatar a cognição jornalística e entender que pode ser um recurso para os jornalistas captarem a atenção do seu público e tornar o seu conteúdo mais interessante. Apesar disso, é preciso tomar cuidado e ser rigoroso na hora da produção e divulgação do material, evitando que ele apresente inconsistências e acabe causando confusão no sentido da mensagem. Os valores-notícia permanecem sendo considerados pelos produtores de notícia para avaliarem a relevância dos fatos e acontecimentos. Enquanto que a redução de complexidade ofereceu uma nova abordagem de análise, que comprova como o trabalho dos jornalistas também é tornar as notícias e os seus detalhes mais fáceis de serem compreendidos pelo público. Sendo que traduzir termos ou contextualizar situações foram exemplos identificados na análise de conteúdo. Foi evidenciado que as matérias jornalísticas podem apresentar potencial de conhecimento, sendo que tal conclusão foi sustentada pelos argumentos e critérios abordados, que ofereceram um aprofundamento do tema e a oportunidade de conciliar a teoria e a prática do jornalismo.

O potencial de uso da plataforma procurou analisar se o espaço onde as matérias estavam divulgadas propiciavam mais possibilidades de assimilação do conteúdo e também de navegação ao usuário, com o objetivo de complementar os assuntos tratados. Quanto a capacidade de estimular a compreensão das notícias, os dois veículos analisados apresentaram bons números, como a multimídia, a memória e a ubiquidade como formas de melhorar ou complementar os temas. O El País Brasil se saiu melhor ao usar amplamente a hipertextualidade, enquanto que nenhum conteúdo da BBC Brasil apresentou essa característica. Por outro lado, ambos não mostraram querer a interatividade ou criar materiais personalizados a um nicho de público.

A instantaneidade também não foi muito identificada. Contudo, vale fazer uma ressalva. Escolher matérias que tenham a característica da instantaneidade em um próximo estudo, pode vir a trazer constatações diferentes. Outra metodologia poderia focar em notícias que relatam fatos que acabaram de ocorrer. Isso poderia levar a um complemento deste trabalho.

Todo o processo de confecção desse trabalho foi enriquecedor para o aprimoramento dos estudos e conhecimentos do pesquisador sobre o jornalismo e temas inseridos nele. Essa pesquisa também possibilita a continuação de seu estudo de duas formas distintas. A primeira e mais óbvia, seria tratar do outro lado do conhecimento jornalístico. Já que se chegou à conclusão que o jornalista e seu conteúdo são uma parte do processo, enquanto que quem acessa e assimila o material é a outra parte. Como se optou por delimitar a análise em relação à primeira parte, com o intuito de focar o trabalho e trazer resultados mais aprofundados, a segunda parte pode ser estudada e explorada em um trabalho de mestrado, servindo de complemento à presente pesquisa.

Também é possível fazer uma pesquisa buscando estudar e comparar o conteúdo que é feito pelos portais de comunicação escolhidos para este trabalho, com o que é feito por suas matrizes. Dessa forma, poderia ser obtida uma comparação entre as matérias feitas e divulgadas pelas filiais brasileiras com o que foi feito na Inglaterra (BBC) e na Espanha (El País). Estabelecendo a mesma proposta que este trabalho apresentou, de verificar o potencial de conhecimento e potencial de utilização da plataforma. A comparação poderia esclarecer diferenças e semelhanças acerca do jornalismo que é praticado dentro do Brasil, para o que é feito no exterior.

Jornalismo e conhecimento, ou conhecimento jornalístico, é um tema que está sendo estudado constantemente. Entendê-lo pode valorizar a área e o profissional que está inserido nela. É uma forma de saber profundamente as partes teóricas e práticas que regem a profissão. Tanto o conhecimento quanto a comunicação são processos que continuam evoluindo, portanto, é necessário compreender estas mudanças. Entender as especificidades do conhecimento jornalístico e exercer os requisitos que o validam, pode levar a confecção de conteúdos com maior teor de qualidade e acessibilidade para o público. Afinal, como o estudo mostrou, a comunicação é uma ferramenta que auxilia no desenvolvimento e construção do saber humano.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida; MEDEIROS, João Bosco. **Comunicação em Língua Portuguesa**. 5ª Edição. São Paulo: Atlas. 2009.
- ARIÈS, P.; DUBY, G.; LADURIE, E. L. R. **História e Nova História**. 3ª edição. Lisboa: Teorema, 1977.
- ATAÍDE, Alidiane. **A linguagem do webjornalismo nos portais de comunicação da Paraíba**. Jornalismo do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. 2010.
- BELOCHIO, Vivian. **O jornalismo digital e os efeitos da convergência: meta-informação, encadeamento midiático e a cauda longa invertida**. Curitiba: Intercom. 2009.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis : Vozes, 2004.
- BERNARDI, Marcela Galvão. **Educomunicação: uma proposta para a educação ambiental**. Colóquio Mídia & Agenda Social, 2007. Disponível em <[http://www.informacao.andi.org.br/relAcademicas/site/anais\\_coloquio.htm](http://www.informacao.andi.org.br/relAcademicas/site/anais_coloquio.htm)>. Acesso em 30 mai. 2016.
- BERTOLLI, Claudio. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**. Bauru. 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>> Acesso em 5 set. 2016.
- BLACK, Richard. Pesquisa calcula em 8,7 milhões número de espécies existentes. **BBC Brasil**. BBC News, 2011. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/08/110824\\_especies\\_numero\\_pesquisa\\_rw.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/08/110824_especies_numero_pesquisa_rw.shtml)> Acesso em 17 mai. 2016.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. 1ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BRADSHAW, Paul. **Instantaneidade: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição**. In: CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Livros LabCom: 2014.
- Bueno, W. da C. **Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática independente**. São Paulo: Tese de doutoramento apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. 1984.
- BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- CANAVILHAS, João. (Org) **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Livros LabCom: 2014.

CASTRO, Alexandre. **Teorias do jornalismo, universidade e profissionalização: desenvolvimento internacional e impasses brasileiros**. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/castro-alexandre-2013-teorias-jornalismo>>. Acesso em: 15 maio. 2016. v. 21, p. 04-14, 2012.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Diferenças discursivas no jornalismo diário de língua portuguesa**. In Atas do 1º Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 1999.

COSTA, Maria Aparecida. **Gestão da Comunicação Epistemologia e pesquisa teórica**. In: intercom. Curitiba. 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0334-1.pdf>> Acesso em: 15 mar. 2016.

COSTA, Flávio; QUADROS, Cláudia. **Instantaneidade no ciberjornalismo: uma proposta de ferramenta e análise**. Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. 2014.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHERRY, Colin. **A comunicação humana**. São Paulo: Cultrix. 1971.

FERRARI, P. **Jornalismo digital**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

FERREIRA, Alberto José Cavalcânti. **A embalagem da notícia. Rotinas de produção do telejornalismo da Rede Globo**. Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**. Porto Alegre: Tchê. 1977.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide. Por uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Editora Tchê. 1988.

GONÇALVES, M. A. **Os papéis do gerente e a qualidade da informação gerencial**. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 19, 1995, João Pessoa. Anais. Rio de Janeiro, 1995. v.1, p. 309-325.

GONÇALVES, Janayde. **Agendamento e frames da questão climática nos impressos brasileiros**. SBPJor. São Paulo. 2008.

GOSCIOLA, Vicente. **Roteiro para Novas Mídias: do game à tv interativa**. São Paulo: Senac, 2003.

HERSCOVITZ, Heloiza. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora 34. 1993.

LORENZ, Mirko. **Personalização: análise aos 6 graus**. In: CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Livros LabCom: 2014.

MENEZES, Marcelo. **O Núcleo de Jornalismo Científico da UFMS**. Intercom - XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife. 2011.

MEDITSCH, Eduardo. **A filosofia de Paulo Freire e as práticas cognitivas**. In: VI Congresso da Brazilian Studies Association. Universidade Federal de Santa Catarina. 2002.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento do Jornalismo**. 1992. Disponível em: <<http://www.jornalismoufsc.br/bancodedados/publicacoes.html>> Acessado em 18 abr. 2016

\_\_\_\_\_. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Universidade Federal de Santa Catarina. 2002. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>> Acesso em: 9 abr. 2016.

MELO, José Marques. **Comunicação Social: Teoria e Pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1971.

\_\_\_\_\_. **Midiologia para Iniciantes: Uma viagem Coloquial ao Planeta Mídia**. 1ª Edição. UCS: Caxias do Sul. 2005.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORTENSEN, Frands. **Creativity and control: the journalist betwixt his readers and editors**. Media, Culture & Society. 1980.

OLIVEIRA, Raimundo. **Isaac Newton**. Universidade Federal da Paraíba. 2009.

PALACIOS, M. **Marginal notes, zeitgeist and memory of the present time: readers comments in cyberjournalism**. Brazilian Journalism Research, Vol. 8, Brasília: SBPJOr. 2012.

\_\_\_\_\_. **Convergence and memory: journalism, context and history**. Matrizes, Vol. 4, São Paulo: USP. 2010.

\_\_\_\_\_. **Memória: Jornalismo, memória e história na era digital**. In: CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Livros LabCom: 2014.

PARK, Robert. **A Notícia como Conhecimento: Um capítulo da Sociologia do Conhecimento**. Trad. Bras. In STEINBERG, Charles: Meios de Comunicação de Massa. São Paulo, Cultrix. 1940.

\_\_\_\_\_. **The Collected Papers Robert E**. Glencoe: The Free Press. 1955.

\_\_\_\_\_. **A notícia como forma de conhecimento.** In: STEINBERG, Charles S.(org). Meios de comunicação de massa. São Paulo: Cultrix, 1972.

PAVLIK, John V. Ubiquidade: o 7º princípio do jornalismo na era digital. In: CANAVILHAS, João. (Org) **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença.** Livros LabCom: 2014.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** São Paulo: Editora Contexto, 2015.

PERLES, João Batista. **Comunicação: conceitos, fundamentos e história.** BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Portugal. 2007.

QUADROS, Claudia. **A participação do público no webjornalismo.** Florianópolis: Ecompós. 2005.

ROST, Alejandro. **La interactividad en el periódico digital.** Belaterra. 2006.

ROST, Alejandro. **Periodismo e interactividad: preguntas, definiciones y desafíos en la participación de los usuarios.** En García de Torres, E. (Coord.) Cartografía del Periodismo Participativo. Valencia, España: Tirant Lo Blanch. 2012.

ROST, Alejandro. **Interatividade: Definições, estudos e tendências.** In: CANAVILHAS, João. (Org) **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença.** Livros LabCom: 2014.

RUBLECKI, Anelise. **Pesquisa em Jornalismo: produção e uso de informação nos artigos apresentados em congressos.** Florianópolis: Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC), v. VII, p. 197-211. 2010.

SALAVERRÍA, R. (2005). **Redacción Periodística en Internet.** Pamplona: EUNSA

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado: convergencia de medios y reorganización de redacciones.** Barcelona: Editorial Sol 90, 2008.

SALAVERRÍA, Ramón. **Multimedialidade: Informar para cinco sentidos.** In: CANAVILHAS, João. (Org) **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença.** Livros LabCom: 2014.

SANTAELLA, Lúcia. **Produção de linguagem e ideologia.** São Paulo : Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. **Navegar no ciberespaço: o perfil cogitivo do leitor imersivo.** São Paulo: Paulus, 2011.

SOARES, Murilo Cesar; TEROSSI, Karen. **A convergência das linguagens no webjornalismo.** In: JR. REBECHI, Arlindo; GONZALES, Lucilene; MACIEL Suely, Orgs. A linguagem das mídias na era da convergência. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

Sousa, Jorge Pedro. **Construindo uma teoria do jornalismo.** Covilhã: Universidade da Beira Interior. Biblioteca OnLine de Ciências da Comunicação. 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. **A teoria do agendamento e as responsabilidades do jornalista ambiental: uma perspectiva ibérica.** BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Portugal. 2008.

SOUZA FILHO, Washington. **A polivalência dos jornalistas em emissoras de TV do Brasil e de Portugal na distribuição multiplataforma de conteúdos.** 1ª Edição. João Pessoa: Âncora. 2016.

SPONHOLZ, Liriam. Entre senso comum e ciência: o conhecimento híbrido do jornalismo. **Ciências & Cognição**, Leipzig, Alemanha, vol. 10, 2007.

STEPHENS, Mitchell. **História das Comunicações: do tantã ao satélite.** 1ª Edição. Civilização Brasileira. 1993.

THOMPSON, James. **Anatomia da Comunicação.** 2ª Edição. São Paulo: Bloch, 1977.

VILAN FILHO, Jayme Leiro. **Hipertexto: visão geral de uma nova tecnologia de informação.** Brasília. 1994. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/527/527>> Acesso em: 4 set. 2016

VIZEU, Alfredo Eurico & CORREIA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência.** In: SBPJor. Porto Alegre. 2006,

\_\_\_\_\_. **O telejornalismo como lugar de referência: a redução da complexidade nas sociedades contemporâneas.** In: SBPJor. São Paulo. 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa.** 6ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2012.

ZELIZER, Barbie. **Why memory's work on journalism does not reflect journalism's work on memory.** Memory Studies. London: Sage. 2008.

## **ANEXO A - BBC 1 - POR QUE HÁ UMA CRISE DE IMIGRAÇÃO ENTRE FRANÇA E REINO UNIDO?**

Os governos da França e do Reino Unido se encontram sob crescente pressão para enfrentar a crise migratória em Calais, na França, de onde milhares de pessoas tentam diariamente cruzar o canal da Mancha para chegar à Inglaterra.

A situação se agravou nesta semana depois que um homem morreu enquanto pelo menos 1,5 mil imigrantes tentavam atravessar o túnel sob o Canal da Mancha.

As tentativas de chegar ao Reino Unido ocorrem de diversas formas: enquanto alguns tentam entrar em embarcações, outros já chegaram até a pegar uma carona sem autorização em carros particulares cruzando o canal em balsas.

Mais recentemente, as investidas se deslocaram para o Eurotúnel. Os migrantes tentam se esconder em caminhões que pegam a via submarina que faz a ligação entre França e Inglaterra, ou saltar as cercas de segurança para se esconder nos trens que atravessam o túnel.

São, principalmente, incursões noturnas, com grupos de centenas de migrantes tentando furar a segurança ao mesmo tempo.

A BBC responde abaixo questões que ajudam a entender a crise.

Desde quando isso ocorre?

Apesar de o número de migrantes estar atualmente em um ponto alto, o fenômeno não é novo.

Em 1999, foi aberto em Calais o polêmico campo de refugiados de Sangatte, que atraiu milhares de aspirantes ao asilo e, também, traficantes de pessoas.

Seu fechamento, em 2001 e 2002, por ordem do então ministro do Interior francês Nicolás Sarkozy, provocou distúrbios. Desde então, os migrantes continuam chegando a Calais, onde construíram acampamentos improvisados perto do porto.

As autoridades francesas estimam que cerca de 3 mil pessoas vivem atualmente nos campos conhecidos como "a selva". Mas há estimativas bem mais altas.

O tema voltou a ser notícia em setembro do ano passado, depois que um ferry com destino ao Reino Unido foi ocupado por 235 imigrantes sem documentação.

O Ministério do Interior britânico calcula que os agentes fronteiriços de seu país e as autoridades francesas, juntas, impediram mais de 39 mil tentativas de cruzar o canal ilegalmente entre 2014 e 2015, mais que o dobro do número do ano anterior.

No Eurotúnel, foram bloqueadas 37 mil tentativas desde janeiro passado, segundo o governo britânico.

A Câmara de Comércio de Calais é a encarregada da segurança do porto. No último trimestre do ano passado, o governo britânico prometeu mais de US\$ 19 milhões nos próximos três anos para ajudar a França a lidar com o problema.

No início deste mês, o Reino Unido anunciou cerca de US\$ 3 milhões adicionais para estabelecer em Calais uma nova zona de segurança para os caminhões que cruzam o canal.

Semanas depois, confirmou que daria mais US\$ 11 milhões para medidas de melhoria da segurança em Calais e na entrada do túnel.

O Reino Unido também está enviando uma cerca, conhecida como "National Barrier Asset", para ser colocada ao redor do terminal em Coquelles.

O porto é protegido por uma cerca de cinco metros coberta com arame farpado e câmeras de segurança. As portas e a área externa são vigiadas por agentes fortemente armados da polícia antidistúrbios da França.

O Eurotúnel já gastou mais de US\$ 14 milhões em segurança nos primeiros seis meses de 2015, incluindo o dinheiro para cercas, câmeras, detectores infravermelhos e guardas adicionais.

O que a polícia francesa está fazendo?

A polícia francesa foi muito criticada por tirar os migrantes dos caminhões, conduzi-los a poucos quilômetros de distância e os liberar, o que permite que voltem a Calais.

Mas muitos imigrantes ilegais são detidos. Estima-se que foram mais de 18 mil no primeiro semestre de 2015.

O problema, segundo a polícia, é que eles são muitos para que todos sejam detidos.

A polícia também afirma que seu foco na rodovia que conduz ao Canal da Mancha é a segurança, e por isso tirar pessoas desta via é a prioridade. Em todo caso, cerca

de 120 policiais adicionais foram empregados em Calais para fazer frente ao volume de imigrantes.

As autoridades francesas também estão tentando impedir que migrantes continuem cruzando ilegalmente sua fronteira com a Itália, onde acredita-se que mais de 60 mil pessoas tenham chegado de barco da África apenas este ano.

Por que o Reino Unido é o objetivo?

A situação em Calais é parte de uma crise maior de migração na Europa, causada em grande medida pelo deslocamento de pessoas de países em guerra como Síria, Afeganistão e Eritreia, assim como o norte da África.

Muitos querem solicitar asilo no Reino Unido. Outros querem entrar no país de forma incógnita e permanecer como trabalhadores ilegais.

Natacha Bouchart, prefeita de Calais, diz que os imigrantes ilegais veem o Reino Unido como um bom local para receber benefícios sociais e um lugar melhor para encontrar emprego que a França - apesar da existência de estudos que não comprovam isso.

A Cruz Vermelha britânica diz que a maioria dos migrantes quer cruzar o canal porque acredita que há mais chances de encontrar emprego no Reino Unido ou porque fala inglês e quer usar o idioma.

Outros têm família no Reino Unido, ou têm a impressão de que há melhores condições de vida e de educação no país.

Mas o Reino Unido não é o principal destino dos migrantes na Europa.

Segundo as estatísticas da Eurostat, a Alemanha foi o país que mais recebeu pedidos de asilo em 2014 (quase 203 mil), seguida por Suécia, Itália, França, Hungria e, só depois, Reino Unido.

De onde vêm os imigrantes?

O representante da França no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), Philippe Leclerc, disse que a maioria dos migrantes em Calais foge da violência de países como Afeganistão, Eritreia, Síria ou Somália.

Segundo dados da Acnur, a Eritreia encabeça a lista dos países de origem de pessoas que solicitaram asilo no Reino Unido entre janeiro e março de 2015, seguida por Paquistão e Síria.

Quantos imigrantes conseguem chegar ao Reino Unido?

Ninguém sabe. A ministra do Interior britânica, Theresa May, admitiu que "um número" de imigrantes consegue entrar, mas não deu cifras concretas.

O Ministério do Interior diz que não tem dados oficiais ou estimativas sobre o número de migrantes que cruzam ilegalmente o Canal.

Houve, por exemplo, 25.020 pedidos de asilo entre abril de 2014 e março de 2015, mas os dados não discriminam os pontos de entrada. Dessa forma, não é possível saber quantas dessas pessoas que solicitaram asilo vieram por Dover, porto de entrada no Reino Unido quando se cruza o Canal da Mancha.

Um porta-voz do Ministério do Interior disse que isso não era feito por razões de segurança.

As autoridades do condado de Kent também dizem que não têm informações oficiais, mas a autoridade máxima do local diz que o departamento de serviço social se encontra sob uma "enorme pressão" devido à quantidade de crianças não acompanhadas solicitando asilo assim que chegam ao porto de Dover.

O condado cuida de mais de 600 menores de 18 anos, de acordo com o líder da Câmara, Paul Carter.

O que é a operação Stack?

A Operação Stack é um procedimento de emergência utilizado pela polícia de Kent para estacionar veículos de carga na rodovia, transformando-a essencialmente em um estacionamento gigante de caminhões.

É utilizada desde 1996 cada vez que os serviços de cruzamento do canal são interrompidos, geralmente como resultado da atividade de migrantes, mau tempo ou greve.

A rodovia é fechada em três fases, de acordo com a quantidade de espaço necessária. Pode permanecer assim durante dias, com milhares de caminhões com destino a Calais parados.

Entre 1996 e o final de 2007, a operação ocorreu 95 vezes, o que gerou interrupções durante 145 dias.

Desde 2007, ela foi usada de uma forma intermitente, mas raramente por mais de algumas horas e mais de dois dias por vez.

Porém, entre junho e julho deste ano, seu uso "não tem precedentes", de acordo com a Associação de Transporte de Carga.

## **ANEXO B - BBC 2 - EM QUE PÉ ESTÁ O PEDIDO DE IMPEACHMENT CONTRA MICHEL TEMER?**

O ministro Marco Aurélio Mello liberou na terça-feira para análise do restante do STF (Supremo Tribunal Federal) sua decisão sobre o andamento de um pedido de impeachment contra o presidente interino Michel Temer.

No início de abril, ele determinou que o então presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), aceitasse uma denúncia contra Temer e instalasse uma comissão especial para analisar se o pedido de impeachment do então vice deveria avançar no Congresso.

A decisão do ministro, que tinha caráter liminar (provisório), pode agora ser submetida à análise definitiva do Supremo. Caberá ao presidente do STF, Ricardo Lewandowski, marcar a data do julgamento, que pode confirmar ou derrubar a decisão de Marco Aurélio.

A liminar teve pouco efeito prático, já que a maioria dos partidos se recusou a indicar membros para a comissão. Se o plenário do STF referendar sua decisão, ela ganharia mais peso e forçaria o andamento de uma análise de impeachment contra Temer.

No entanto, o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, se posicionou contra a decisão de Marco Aurélio, que é controversa. Além disso, alguns ministros do Supremo têm se posicionado contra intervenções que consideram excessivas do Judiciário no Legislativo, o que pode influir para a derrubada da liminar.

Entenda, nas respostas a quatro questões, em que pé está o caso no Congresso e no STF:

### 1. Por que a comissão de impeachment não foi instalada?

Apesar de já terem se passado mais de 40 dias desde a decisão de Marco Aurélio, até hoje não foi instalada uma comissão especial de impeachment para analisar a denúncia contra Temer e emitir um parecer a favor ou contra o andamento do processo.

Os membros do colegiado têm de ser indicados pelos partidos, mas apenas 7 das 26 legendas com representantes na Casa apontaram seus nomes, entre elas PT, PC

do B, PSOL e Rede. Dessa forma, só 14 dos 66 deputados que devem compor o órgão foram nomeados.

Quando partidos não indicam parlamentares para as comissões, o presidente da Câmara pode nomeá-los por ofício. No entanto, Cunha, antes de ser afastado, se recusou a fazer isso sob o argumento que, no caso de comissão de impeachment, decisão do Supremo Tribunal Federal previa que apenas os líderes partidários poderiam escolher seus representantes.

O presidente interino, Waldir Maranhão (PP-MA), que assumiu após Cunha ser afastado, também não tomou qualquer decisão a respeito.

## 2. Qual o argumento para dar andamento ao pedido de impeachment?

A decisão de Marco Aurélio atendeu a pedido do advogado mineiro Mariel Márley Marra, autor de uma das denúncias contra Temer, que havia sido arquivada na Câmara.

Na sua solicitação, Marra argumentou que Temer e a presidente afastada Dilma Rousseff cometeram o mesmo crime de gestão fiscal e, por isso, deveriam ser processados conjuntamente pelo Congresso Nacional.

Segundo o advogado, Cunha não poderia ter considerado sua denúncia "inepta", pois ela trazia descrevia a "autoria" dos atos criminosos ao apontar os decretos de suplementação orçamentária assinados por Temer.

Na visão de Marra, Cunha poderia ter feito apenas uma análise preliminar sobre os aspectos formais da denúncia, e só a comissão especial de impeachment poderia avaliar se a conduta seria crime ou não.

Marco Aurélio atendeu a esses argumentos parcialmente e determinou que Cunha instalasse uma comissão própria (diferente da que estava então analisando a denúncia contra Dilma) para o caso de Temer.

## 3. Qual acusação é feita na denúncia?

Na denúncia apresentada em dezembro, Marra sustenta que Temer cometeu crime de responsabilidade ao assinar quatro decretos de suplementação orçamentária entre maio e julho de 2015, autorizando novos gastos quando o governo já não estava cumprindo a meta original estabelecida para o superavit primário (economia para pagar juros da dívida pública).

A denúncia aceita por Cunha contra Dilma também a acusa de crime de responsabilidade ao ter assinado seis decretos desse tipo. Além disso, a presidente é acusada de usar "pedaladas fiscais" (atraso em repasses para bancos pagarem benefícios de programas do governo) para maquiar as contas públicas, escondendo o real tamanho do rombo financeiro.

Marra não acusa Temer de "pedaladas".

"O meu objetivo (com a denúncia contra Temer) é que os dois sejam processados e julgados juntos. A razão disso era óbvia: existe ali uma conexão entre os dois, uma conexão da matéria, e existe também um acervo probatório comum. Esse é um raciocínio óbvio para qualquer advogado que atua na área criminal tal como eu", disse o advogado em entrevista à BBC Brasil em abril.

"Dilma e Michel Temer assinaram os decretos, em desacordo com a Lei Orçamentária Anual. Esse é o crime", resumiu.

A defesa de Dilma tem argumentado que os decretos de suplementação orçamentária não elevaram as despesas totais do governo, apenas permitiram remanejar o orçamento entre despesas previamente aprovadas no Congresso, na Lei Orçamentária Anual.

O advogado contesta esse argumento: "O artigo quarto da Lei Orçamentária Anual só autoriza o governo a fazer esses créditos suplementares, que é transferir de uma área para a outra, se ele estiver cumprindo a meta fiscal. E, como o governo não estava cumprindo, não pode fazer isso".

4. Quais os argumentos contrários à aceitação da denúncia?

Aliados de Temer têm argumentado que ele não pode ser responsabilizado por decretos assinados quando estava substituindo Dilma na Presidência da República.

Segundo eles, o peemedebista não teria participado da elaboração dos decretos nem da formulação da política econômica do governo. Dessa forma, afirmam, Temer estava apenas cumprindo o ato burocrático de assinar decretos que seriam assinados por Dilma, caso a presidente não estivesse fora do país em viagens oficiais.

Outra questão levantada por Cunha ao rejeitar a denúncia é a diferença nas datas de assinaturas dos decretos.

No caso de Temer, Marra aponta irregularidades na assinatura de quatro decretos entre 26 de maio e 7 de julho do ano passado. Já a denúncia contra a Dilma aceita pelo Congresso aponta problemas em seis decretos assinados entre 27 de julho e 20 de agosto.

Entre esses dois períodos, o governo enviou para o Congresso, em 24 de julho, um projeto para reduzir a meta de superavit primário (economia para pagar juros da dívida). Os autores da denúncia contra Dilma sustentam que, com o envio desse projeto, o governo reconheceu que não conseguiria alcançar a meta estipulada para o resultado primário e, dessa forma, não poderia ter assinado os decretos sem aprovação prévia do Congresso.

Como os decretos assinados por Temer são anteriores ao pedido de redução da meta, o vice não teria cometido irregularidades ao assiná-los, disse Cunha na sua decisão de rejeitar a denúncia.

Em seu parecer sobre a questão, o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, concordou com esse argumento e recomendou ao STF que rejeite a liminar de Marco Aurélio.

"O Presidente da Câmara dos Deputados, ao apreciar os decretos não numerados de responsabilidade da Presidente da República e do Vice-Presidente da República, adotou os mesmos critérios em ambos os casos, e o resultado oposto em uma e outra, a primeira com acolhimento da denúncia e a segunda com a declaração de inépcia, decorre do marco cronológico adotado pelo Congresso Nacional para reconhecer o descumprimento da meta fiscal", afirmou o procurador.

Além disso, Cunha e seus aliados na Câmara argumentam que a decisão de Marco Aurélio foi uma interferência indevida do Judiciário no Legislativo.

## ANEXO C - BBC 3 - O QUE PÕE A FRANÇA NA MIRA DE EXTREMISTAS?

A França é um dos países ocidentais que mais têm sido alvo de atentados ligados ao islamismo radical nos últimos tempos. Desde janeiro de 2015, são mais de 230 pessoas mortas e de 700 feridas em vários ataques no país.

Nesta terça-feira, o grupo autodenominado Estado Islâmico reivindicou mais um atentado, desta vez cometido por dois homens em uma igreja católica em Saint-Etienne-du-Rouvray, nas proximidades de Rouen, na Normandia.

Armados com facas, eles tomaram cinco reféns durante a missa matinal e degolaram Jacques Hamel, um padre octogenário, segundo as autoridades francesas. Uma pessoa ficou gravemente ferida.

Os autores do ataque foram mortos pela polícia ao saírem da igreja. Sabe-se que um deles usava um bracelete eletrônico e cometeu o atentado na faixa horária em que tinha autorização judicial para sair de casa, durante algumas horas pela manhã.

O bracelete eletrônico corresponde ao usado por um homem residente na França que havia sido detido no ano passado na Turquia ao tentar viajar para a Síria. Extraditado, ele teve sua prisão provisória decretada, mas a Justiça francesa decidiu liberá-lo, impondo o sistema de monitoramento.

O ataque contra a igreja na Normandia ocorre apenas 12 dias após o tunisiano Mohamed Lahouaiej Bouhlel matar pelo menos 84 pessoas e deixar cerca de 300 feridas em um ataque com um caminhão, também reivindicado pelo Estado Islâmico.

O número de vítimas na França poderia ser ainda maior. Mais de dez planos de atentados foram interceptados pelos serviços de inteligência desde janeiro de 2015, segundo as autoridades francesas.

Em março deste ano, por exemplo, a polícia prendeu um suspeito nos arredores de Paris, Reda Kriket, que detinha um importante arsenal de armas de guerra, dezenas de quilos de material explosivo e milhares de bolinhas de aço, que ampliam o impacto destrutor de bombas.

"A França é hoje, claramente, o país mais ameaçado. Um dos números da revista em francês do Estado Islâmico, *Dar al Islam*, tinha a seguinte manchete: Que Alá amaldiçoe a França", afirmou em maio Patrick Calvar, diretor-geral da Segurança

Interna (DGSi) da França, o serviço de inteligência do país, a uma Comissão Parlamentar de Inquérito sobre os atentados de 2015 no país.

Alvo

Há várias razões que explicam por que a França se tornou um alvo constante de ataques de jihadistas.

Uma delas são as recentes operações militares em países como a Síria e o Iraque contra o Estado Islâmico, e no Mali, que também visam radicais islâmicos.

Outra razão é o fato de a França ter a maior comunidade muçulmana da Europa, estimada em 6 milhões de pessoas, o que corresponde a quase 10% de sua população.

Essa população imigrante ou nascida na França de origem estrangeira sofre há décadas problemas de integração e é, em boa parte, desfavorecida socialmente.

Eles residem em áreas que concentram uma população imigrante de baixa renda, o que cria verdadeiros guetos e favorece o comunitarismo, acirrando o sentimento de exclusão social.

Nessas periferias consideradas problemáticas, a taxa de desemprego são maiores do que a média nacional.

Os autores dos últimos atentados e projetos de ataques na França têm um perfil semelhante: fracasso escolar e profissional, com "bicos" ou empregos com baixa qualificação, condenações na Justiça por crimes de violência, tráfico ou roubo e, em boa parte dos casos, radicalização na prisão.

A França é o país europeu de onde mais saíram jovens para se aliar ao Estado Islâmico na Síria ou no Iraque.

Segundo o governo, cerca de 1,8 mil franceses estariam implicados em movimentos jihadistas na Síria e no Iraque. Em torno de 600 ainda estariam nesses países. Desse total, mais de 200 são mulheres, número que vem crescendo nos últimos meses.

Durante muito tempo, inclusive após os atentados contra a revista *Charlie Hebdo* e o supermercado judaico, em janeiro de 2015, imãs ainda faziam livremente discursos considerados radicais.

"Nós somos atacados porque somos o país da laicidade, da liberdade, um país que há uma concepção da maneira de viver junto que é bem diferente do que há em outros lugares", declarou o primeiro-ministro, Manuel Valls, após o ataque em Nice.

#### Lei da laicidade

O modelo do multiculturalismo adotado em outros países europeus não é aplicado na França em razão da lei da laicidade, de 1905, que determina a separação entre o Estado e a Igreja.

Dessa forma, o Estado francês não pode oferecer serviços públicos específicos para determinada comunidade religiosa ou financiar a construção de mesquitas.

Foi com base nessa lei que foi aprovada, em 2004, a proibição de usar símbolos religiosos nas escolas públicas ou ainda, em 2010, o uso do niqab (véu islâmico que deixa apenas os olhos à mostra). Rezas em grupo nas ruas foram proibidas em 2011.

Quando essas leis foram aprovadas, líderes de grupos islâmicos radicais proferiram ameaças contra o país.

A lei da laicidade sempre suscita discussões polêmicas na França, como a questão de servir ou não carne de porco (não consumida por muçulmanos) nas cantinas escolares.

A cultura laica do Estado francês é utilizada por radicais islâmicos como uma espécie de arma de propaganda para reafirmar a identidade muçulmana e reforçar, ao mesmo tempo, o sentimento de exclusão de muitos jovens em relação à cultura e à sociedade francesas.

"Nós sabemos que o Estado Islâmico planeja novos ataques e que a França é claramente visada", ressaltou Calvar, diretor-geral da DGSI, aos parlamentares.

## **ANEXO D - BBC 4 - SERÁ QUE HÁ MAIS PERSONALIDADES MORRENDO EM 2016?**

Menos de quatro meses se passaram, mas o ano de 2016 já está sendo considerado triste ante a morte de tantas personalidades conhecidas e simbólicas.

David Bowie morreu na segunda semana de janeiro; o ator britânico Alan Rickman, que participou da série de filmes de Harry Potter, uma semana depois; o escritor italiano Umberto Eco morreu em 19 de fevereiro, aos 84 anos; o percussionista Naná Vasconelos morreu no começo de março; a atriz Tereza Rachel, no começo de abril; nesta quinta-feira, a morte surpreendente foi a do cantor Prince, aos 57 anos.

Então será esta onda de mortes entre artistas e celebridades excepcional?

Segundo o editor de obituários da BBC Nick Serpell, a resposta é sim. Uma vez que a morte é confirmada, Serpell é quem prepara os textos sobre as celebridades para as rádios, sites e canais de televisão da BBC.

Serpell afirmou que o número de mortes de artistas em 2016 foi “fenomenal”, incluindo a de celebridades locais britânicas, menos conhecidas do público internacional.

Uma análise básica das estatísticas mostra uma tendência de aumento. O número dos obituários escritos pelo editor e usados nos vários setores da BBC nos últimos anos cresceu consideravelmente.

Foi um salto de apenas cinco entre janeiro e o fim de março de 2012 para 24 no mesmo período de 2016 - um aumento de quase cinco vezes, contando pessoas cuja fama é mais restrita à Grã-Bretanha.

Mais cobertura?

Um dos motivos para o choque do público com essas notícias pode ser simplesmente o fato de que elas recebem cada vez mais destaque. A BBC estaria aumentando o número de textos feitos a respeito de mortes de artistas?

Sem dúvida há mais textos de obituários guardados nos arquivos da BBC – cerca de 1,5 mil – do que quando Nick Serpell começou há dez anos, segundo o editor. Mas também podemos analisar outras questões.

Infelizmente, “pessoas que começaram a ficar famosas na década de 1960 agora estão chegando aos 70 anos de idade e começando a morrer”, afirmou Serpell.

“Também há mais pessoas famosas do que antes. Na geração do meu pai ou do meu avô, os únicos realmente famosos trabalhavam no cinema – não havia televisão.”

### Baby boom

Muitas das pessoas famosas que agora estão nos deixando faziam parte da chamada geração baby boom, nascida entre 1946 e 1964, momento marcado pelo enorme aumento da população.

Nos Estados Unidos, por exemplo, o departamento responsável pelo censo afirmou que 76 milhões de pessoas em 2014 pertenciam à geração baby boom – cerca de 23% da população.

Agora, parte dessas pessoas, com idades entre 70 e 52 anos, está chegando às etapas finais de suas vidas.

Entre as mortes de pessoas famosas já registradas em 2016, muitas – incluindo Prince (57 anos), Alan Rickman (69) e David Bowie (69) – se encaixam na geração baby boom.

### Redes sociais

Outro fator que pode ter aumentado nossa percepção de que mais famosos estão morrendo é justamente porque temos mais notícias de celebridades. Mais do que nunca.

“Nos últimos dez anos as redes sociais tiveram um papel importante”, disse Nick Serpell.

Horas antes do anúncio da morte de Prince, já estavam sendo feitas homenagens à ex-lutadora e atriz americana Chyna, encontrada morta aos 45 anos.

Cerca de 400 mil tuítes usando a palavra Chyna foram postados no mundo todo na quinta-feira, e, curiosamente, o interesse chegou ao máximo em cidades como Lagos, na Nigéria, e Lima, no Peru.

A conclusão é de que, hoje em dia, é muito mais fácil do que antes informar-se sobre a morte de alguém.

## **ANEXO E - BBC 5 - COMO SE CHEGOU À PIOR RECESSÃO DESDE OS ANOS 90?**

No início do ano já se sabia que 2015 seria um ano difícil, mas poucos poderiam prever uma deterioração tão rápida e, ao mesmo tempo, persistente da economia brasileira.

Segundo dados divulgados nesta terça-feira pelo IBGE, de julho a setembro o PIB do país se retraiu 1,7% frente ao segundo trimestre do ano e 4,5% frente ao mesmo período de 2014. Na comparação interanual trata-se da pior queda desde o início da série histórica do instituto, em 1996.

"Inicialmente a previsão do governo era que a atividade econômica cairia nos dois primeiros trimestres de 2015 e começaria a se recuperar justamente de julho a setembro", lembra o economista da Unicamp André Biancarelli.

"O que aconteceu, porém, foi que o último trimestre foi o pior de todos. Ou seja, a crise ainda está se aprofundando e, infelizmente, não temos horizonte para uma melhora."

Até o governo, que em abril falava em uma contração da economia de 0,9% em 2015, agora já admite uma queda de 3,1% no PIB, o que seria a maior recessão desde 1990.

Nos últimos 12 meses, pelo menos 825 mil pessoas perderam seus postos de trabalho segundo o IBGE. Os investimentos se paralisaram e a renda dos trabalhadores caiu.

Para completar, ainda não parece haver luz no fim do túnel. Segundo previsões do Banco Central a recessão deve durar pelo menos mais três trimestres.

"Esperamos uma queda do PIB de - 3,2% em 2015 e - 2% em 2016, ou seja, dois anos consecutivos de recessão, algo que não se via desde 1930", diz a economista da Consultoria Tendências, Alessandra Ribeiro.

"Nessa toada, o risco é que o segundo mandato de Dilma Rousseff termine com uma média de crescimento negativa", acrescenta Biancarelli.

Mas, afinal, como a situação se deteriorou a esse ponto?

Economistas consultados pela BBC Brasil listaram cinco fatores que agravaram a recessão nos últimos meses. Confira:

#### 1 – Lava Jato e preços do petróleo

Segundo cálculos da Tendências, a operação Lava Jato deve ter um impacto de - 2,5% no PIB deste ano em função das paralisações nas atividades da Petrobras e de algumas das maiores construtoras do país.

Isso significa que, não fossem os efeitos das investigações nas empresas, a queda do PIB poderia ser de 0,7% na estimativa da consultoria – que hoje projeta uma retração de 3,2% para a economia em 2015.

Empresas como a Odebrecht e a Camargo Correa, além da própria estatal petrolífera, revisaram seus investimentos e os contratos com parceiros e fornecedores, além de ter feito demissões.

"O setor de óleo e gás e a construção civil têm uma participação importante no total dos investimentos da economia – então era esperado que o efeito fosse significativo", explica Ribeiro.

André Perfeito, da Gradual Investimentos, ressalta que a Petrobras também foi afetada pela queda dos preços do petróleo.

Em agosto de 2014, o barril (tipo brent) estava na casa dos US\$ 100. Hoje, não passa dos US\$ 50.

"Isso altera as perspectivas para os projetos do pré-sal e obriga a empresa a revisar alguns de seus planos", diz Perfeito.

#### 2 – Crise política

Outro fator que teria prejudicado bastante o desempenho da economia na avaliação dos economistas foi a crise política.

"No início do ano a agenda do ajuste fiscal acabou capturada pelo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB)", diz Perfeito.

"Surgiram problemas como a 'pauta bomba' (medidas propostas pelo Congresso que aumentavam os gastos públicos) e o resultado foi que o processo de ajuste não caminhou tão rápido como se imaginava."

Otto Nogami, professor do Insper, acrescenta que a crise política também contribuiu para agravar o clima de incertezas, que inibe investimentos.

Ninguém no início do ano poderia imaginar que alguns grupos defenderiam um impeachment da presidente e que chegaria a haver dúvidas sobre capacidade de Dilma Rousseff terminar o mandato.

"E o resultado disso tudo foi uma deterioração rápida das expectativas de investidores para a qual também contribuiu a perda do grau de investimento (pela agência de classificação de risco Standard & Poor's)", opina Nogami.

### 3 – Aperto monetário e ajuste

Muitos analistas admitem que o aperto monetário e o ajuste fiscal mais duro do que era esperado também tiveram seu papel no aprofundamento da recessão.

Os cortes de gastos anunciados em um primeiro momento não se mostraram suficientes para o governo atingir a meta de superávit primário (economia feita para pagamento dos juros da dívida), o que levou a uma revisão sucessiva da meta para 2015 e novos enxugamentos.

Para alguns economistas, o ajuste não foi rápido e contundente como deveria ser. Já outros, de linha mais heterodoxa, o problema foi que o ajuste e o aperto monetário foram duros demais.

A questão é que a recessão levou a uma queda da arrecadação – e com isso o déficit fiscal em vez de cair, cresceu. No último relatório de receitas e despesas deste ano, por exemplo, o governo confirmou a intenção baixar a meta fiscal de 2015 para um déficit primário de R\$ 51,8 bilhões, ou 0,8% do PIB.

"O ajuste não foi eficiente nem sequer para produzir seu objetivo direto, que era o superávit, quem dirá em gerar crescimento", diz Biancarelli, um dos críticos ao processo de ajuste.

Como a inflação ficou acima do esperado (analistas preveem que feche o ano na casa dos 10%), o Banco Central também aumentou os juros mais do que era previsto em uma tentativa de conter os preços.

Para Nogami, do Insper, não há como negar que tanto a política fiscal quanto a monetária foram e têm sido contracionistas, mas elas são um "mal necessário".

Ribeiro, da Tendências concorda: "Já vimos tentativas de recuperar a economia ampliando os gastos do Estado e elas sempre fracassaram."

Já Biancarelli acredita que há alternativas: "Uma taxa de juros mais razoável e uma recuperação dos investimentos públicos hoje poderia dar algum alívio a economia", diz ele.

#### 4 – Queda no consumo

Para Nogami, a recessão brusca ocorreu em parte em função do estouro do que ele chama de "bolha do consumo".

Até o fim do ano passado, mesmo com a economia desacelerando, o mercado de trabalho ia relativamente bem. A renda real média dos trabalhadores crescia e o desemprego registrava recordes sucessivos de baixa – o que dava confiança para as famílias continuarem comprando.

Além disso, Nogami diz que, até 2014, foram adotadas uma série de medidas para estimular o consumo – como a expansão do crédito.

Neste ano, com o aumento do desemprego e enxugamento do crédito, o Brasil estaria vivendo a ressaca desse processo.

"Sem aquela demanda que vinha sendo inflada artificialmente, a indústria e outros setores estão sentindo a necessidade de reajustar sua estrutura, o que muitas vezes representa um aumento das demissões", diz Nogami.

"Além disso, o enxugamento dos gastos públicos também teve um efeito significativo na demanda, já que o governo é o segundo maior 'consumidor' da economia, depois das famílias, respondendo por 22% dos gastos totais."

#### 5 – Cenário externo

Para Biancarelli, o cenário externo também contribuiu para que o desempenho da economia brasileira fosse pior do que o esperado em 2015.

Ele menciona que o FMI revisou sucessivamente suas expectativas de crescimento para a economia global em 2015. Neste mês, por exemplo, a estimativa passou dos 3,3%, em julho, para 3,1%.

Entre os fatores externos mais relevantes para a economia brasileira estariam a queda nos preços nas commodities e a desaceleração chinesa.

Como resultado desses dois fenômenos, o valor negociado das exportações brasileiras caiu e, mesmo com o real desvalorizado, as exportações para a China tiveram baixa de quase 20% no primeiro semestre na comparação com 2014.

"Acho que está claro que, mesmo com o real em um patamar mais baixo, não vão ser as exportações que vão puxar a economia nos próximos meses, como em 2004", diz o economista da Unicamp.

## **ANEXO F - BBC 6 - DEPOIS DO FEIJÃO, QUAIS PODEM SER OS PRÓXIMOS VILÕES DA INFLAÇÃO?**

O feijão tomou o lugar do tomate como alimento que anda pesando no bolso dos brasileiros. O preço do carioca, variedade popular no Sudeste, subiu 54,09% até junho, segundo o IPCA-15, índice do IBGE considerado como a prévia da inflação.

No ano passado, uma caixa de tomates chegou a custar o dobro do que em 2014. Com a inflação ainda alta, muita gente se pergunta: qual vai ser o próximo vilão das compras?

Para tentar responder, a BBC Brasil conversou com economistas e especialistas no mercado de agronegócio. Segundo eles, os itens que podem causar mais preocupação nas próximas semanas são o leite, o milho e o arroz.

O clima é o fator comum em todas as altas, explicam os entrevistados. A distribuição irregular de chuvas neste ano prejudicou a produção dessas culturas.

Arroz

No caso do arroz, as tempestades no Rio Grande do Sul - maior produtor - em abril atrasaram a colheita e causaram uma quebra de 15% na safra. Com menor oferta, os preços cresceram 5,21% até junho, segundo dados do IPCA-15. E devem continuar aumentando até as colheitas recomeçarem, em 2017.

"De acordo com o nosso levantamento, no município de São Paulo variou 6,28% neste ano. E vai subir significativamente nos dois meses seguintes", diz o pesquisador Vagner Martins, do Instituto de Economia Agrícola.

Pode parecer que 6% é pouco, mas a alta é preocupante para um elemento essencial da cesta básica, pondera Martins.

"Às vezes há uma confusão em destacar quedas expressivas de produtos de pouca relevância. Qual a importância da pera no prato do brasileiro? Em contrapartida, o peso do feijão e do arroz têm grande impacto na inflação."

O encarecimento do arroz, no entanto, não deve ser tão dramático como o do feijão carioca. Isso porque há variedades da leguminosa, a exemplo do carioca, que são principalmente produzidos no Brasil, dificultando a importação.

A importação foi anunciada pelo presidente Michel Temer na semana passada para segurar os preços mas, segundo os entrevistados, não deve ser muito eficaz.

"Importar feijão? Da onde? Até tem um pouco no Paraguai, na Argentina, mas (a quantidade) é marginal. O feijão carioca que a gente gosta só nós produzimos. Além disso, o feijão não tem substituto, não dá para fazer lentilha no lugar", diz o professor do núcleo de estudos de agronegócios da FGV Felipe Serigati.

O mesmo não acontece com o arroz, consumido e vendido por diversos países.

De acordo com Serigati, como o ciclo de produção do feijão é mais curto e não há impeditivos para que ele volte ao normal, os valores devem diminuir até o fim do ano.

Leite e milho

Se as altas da dupla arroz e feijão podem ser passageiras, há outras consideradas mais duradouras pelos especialistas.

As do milho e do leite, por exemplo, são vistas como estruturais e, portanto, mais preocupantes.

O milho é um dos principais componentes da ração das vacas leiteiras e registrou um crescimento expressivo em 2016. Ausente no IPCA-15, um de seus representantes no indicador, o fubá, encareceu 13% até junho. Já o leite subiu 18% no mesmo período e se aproxima de um patamar inédito.

Os entrevistados explicam que a alta do milho se deve à procura no mercado internacional, no qual o Brasil se tornou um vendedor importante. Nos últimos anos, o país acelerou a produção do alimento, conseguiu exportá-lo mais barato e teve grande demanda dos compradores, o que acabou elevando os valores lá fora. O aumento chegou ao mercado interno.

Com o milho caro, a ração aumenta e os produtores de leite têm que desembolsar mais para alimentar suas vacas. A alta é repassada para o consumidor. Além disso, as chuvas fortes no começo do ano prejudicaram as pastagens e as estradas de transporte, afetando a produção e diminuindo a oferta.

A crise também prejudicou o setor já que, com menos dinheiro, o brasileiro está cortando derivados. Dados do IPCA-15, a prévia da inflação, mostram que a

manteiga, por exemplo, subiu 41,89% neste ano. Com demanda menor, a indústria processadora, por sua vez, compra menos dos produtores.

"Os custos altos e a receita baixa acabam desestimulando o trabalhador da área. Ouvimos relatos de pessoas que estão saindo da atividade, porque não estava mais compensando. Eles migram para a pecuária de corte, cruzam suas vacas com bois reprodutores", diz o pesquisador do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da USP, Wagner Yanaguizawa.

Um menor número de produtores significa menos oferta de leite, o que também puxa os preços para cima.

"Esse choque não é temporário, é estrutural. Há risco de valores maiores nas próximas safras", afirma Serigati.

## **ANEXO G - BBC 7 – POR QUE DILMA DESENGAVETOU POLÍTICAS SOCIAIS APÓS PEDIDO DE IMPEACHMENT?**

A última vez em que Dilma Rousseff foi vista pessoalmente em um comício de 1º de maio, Dia do Trabalhador, foi em 2010. De lá para cá, a presidente celebrou o feriado dos trabalhadores em pronunciamentos na televisão.

Pelo menos até o último domingo. A uma plateia esvaziada no vale do Anhangabaú, em São Paulo, a presidente reapareceu e anunciou aumento de 9% no Bolsa Família, construção de 25 mil moradias por cooperativas populares pelo Minha Casa, Minha Vida, prorrogação do programa Mais Médicos por mais três anos, ampliação da licença paternidade de cinco para 20 dias para funcionários públicos, correção de 5% na tabela do Imposto de Renda e um novo programa de estímulo à agricultura familiar.

Mas não foi só. Desde março passado, Dilma vem divulgando decretos aguardados por boa parte de seu eleitorado – para quem a presidente não vinha cumprindo o programa político que venceu as últimas eleições. Entre os principais anúncios estão desapropriações para reforma agrária, demarcação de terras indígenas e quilombolas e políticas afirmativas para transexuais.

A pergunta que ecoa em redes sociais, corredores do Congresso e reuniões sociais por todo o país é uma só: por que isto acontece a esta altura do campeonato? A BBC Brasil conversou com parlamentares, entidades, ativistas e cientistas políticos em busca de respostas.

"Libertação", "desespero", "legado" e "dívida" foram as palavras mais ouvidas pela reportagem quando o assunto é a suposta guinada tardia à esquerda do governo.

'Libertação' do Congresso

Parte dos entrevistados alega que a aprovação do impeachment na Câmara dos Deputados – com o consequente distanciamento, do governo, de bancadas conservadoras como as da bala, a evangélica e a ruralista – teria permitido à presidente retomar as políticas sociais historicamente defendidas pelo PT.

É o que defendem deputados petistas como Padre João (MG), que atua em defesa de povos tradicionais e da reforma agrária, e Érika Kokay (DF), uma das principais defensoras dos direitos de mulheres e da população LGBT na Câmara.

"Como o próprio setor ruralista fez a opção de ruptura, afastando o grupo mais conservador e moralista deste governo de coalizão, a presidenta ficou mais à vontade, mais livre para atender a esta dívida social", disse Padre João à BBC Brasil, se referindo principalmente à desapropriação de terras para reforma agrária e demarcações para índios e quilombolas.

De janeiro de 2015 a março de 2016, o número de áreas desapropriadas pelo governo federal para a reforma agrária foi zero. Durante todo o primeiro governo Dilma, de 2011 a 2014, foram desapropriadas 216 terras – menos de 10% do total realizado no primeiro governo Fernando Henrique Cardoso (2.223 áreas, de 1995 a 1998).

No último dia 1º de abril, porém, a presidente anunciou, de uma vez, 21 desapropriações, somando 22 mil hectares.

No último dia 28, Dilma assinou um decreto que permite a servidoras públicas travestis e transexuais usarem os nomes que escolheram para si mesmas em crachás, folhas de ponto e sistemas dos locais onde trabalham.

Em 2011, entretanto, a presidente havia vetado a distribuição de um kit anti-homofobia em escolas, alegando que "não seria permitido a nenhum órgão do governo fazer propaganda de opções sexuais". A afirmação, fruto de pressão de bancadas religiosas, até então apoiadoras do governo no Congresso, chocou movimentos sociais à época.

"Em alguns momentos, esta pauta não foi entendida como prioritária pelo governo e, graças a deputados fundamentalistas, acabou se transformando neste ódio que se expressa nas ruas", disse a deputada federal Érika Kokay (PT-DF).

"Mas não é verdade que o governo não avançou nada e está lançando tudo neste momento de crise", prossegue a deputada.

"Nós avançamos muito e é justamente este avanço que provocou a reação destas vozes fascistas, que antes estavam caladas pelo peso da democracia e agora se expressam com brutalidade nesta ruptura que o impeachment representa."

'Desespero' X 'legado'

Marta Suplicy (PMDB-SP) e Paulinho da Força (Sd-PR), dois ex-apoiadores do governo, hoje articuladores ferrenhos do impeachment da presidente, definiram como "desespero" o que chamam de políticas de última hora.

As afirmações foram feitas durante as celebrações do 1º de maio da Força Sindical (entidade opositora à Central Única dos Trabalhadores, que defende o governo), quando 12 carros – cuja soma chega a quase R\$ 1 milhão – foram sorteados aos presentes.

Para o deputado Mendonça Filho (DEM-PE), cotado para o ministério das Comunicações do governo Temer, as medidas sugerem populismo. "Nessa última semana de governo petista ouviremos dezenas de medidas populistas. O único objetivo de Dilma é prejudicar o futuro governo", disse.

O cientista político Renato Perissinotto, da Universidade Federal do Paraná, também classifica o gesto como "desespero".

"Estou em espectro diametralmente oposto ao de políticos como Paulinho da Força, mas também entendo como desespero", disse. "Dilma vem sendo cobrada por estas políticas há muito tempo. A agora dá esta guinada em uma situação em que precisa contar com uma adesão motivada da sua base e deixar uma ideia de legado social a seu governo."

"Todo mundo que defende a permanência da Dilma o vinha fazendo com desânimo, porque o recuo do governo com o ajuste fiscal, o pré-sal e outras políticas à direita foi muito grande desde as eleições", completou.

'Dívida'

Nas últimas semanas, o governo avançou em 14 processos de demarcação de Terras Indígenas, procedimentos que foram praticamente paralisados por boa parte da gestão Dilma. Uma das áreas com demarcação iniciada foi a Terra Indígena Sawre Muybu, do povo munduruku, que fica à margem do rio Tapajós e pode ser parcialmente inundada pela planejada hidrelétrica de São Luiz do Tapajós – à revelia de indígenas e ambientalistas contrários à usina.

No mesmo dia em que a Funai (Fundação Nacional do Índio, órgão vinculado ao Ministério da Justiça) reconheceu a ocupação tradicional do território (primeira etapa para garantir a demarcação do território indígena na área), o Ibama suspendeu o

licenciamento da hidrelétrica, alegando "inviabilidade do projeto sob a ótica do componente indígena". A Constituição impõe uma série de restrições à construção de hidrelétricas em áreas indígenas.

Para Márcio Santilli, sócio-fundador do Instituto Socioambiental (ISA), as decisões "acabam chamando a atenção porque o governo não fez nada em seis anos". "Não acho que seja nada revolucionário."

Já Sônia Guajajara, coordenadora da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), diz que as últimas iniciativas do governo atendem demandas antigas do movimento. "O governo finalmente entendeu que fez as alianças erradas e que deveria ter governado para o povo, e não para as elites políticas", diz.

Ambos atribuem as ações principalmente ao novo ministro da Justiça, Eugênio Aragão, empossado em março. Para Guajajara, ele soube convencer Dilma a destravar os processos e teve mais iniciativa que seu antecessor, o atual advogado-geral da União, José Eduardo Cardozo.

Em discurso recente, Aragão admitiu falhas na política indigenista do governo e as associou a alianças que o Planalto fez no Congresso "para garantir estabilidade".

No início do mês, Dilma assinou quatro decretos de regularização de territórios quilombolas e lançou um edital para o financiamento de ações em prol de comunidades tradicionais e da igualdade racial.

Para Célia Cristina da Silva Pinto, da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Quilombolas (Conaq), as decisões são bem-vindas, mas "o que estamos recebendo agora não é nada perto dos anos que ficamos sem ter respostas".

Estima-se que cerca de 90% dos territórios quilombolas ainda não tenham sido regularizados. A coordenadora da Conaq diz que só no Maranhão, onde ela vive, há cerca de 400 processos de regularização abertos e apenas 50 concluídos.

Líderes de organizações indígenas e quilombolas disseram ainda à BBC Brasil que, ao anunciar as últimas medidas, o governo tenta se reaproximar dos grupos para que eles sigam nas ruas. Segundo eles, Dilma acredita que a mobilização ajudará a definir como o impeachment será registrado na história e quer contar com o apoio dos movimentos nos desdobramentos do processo.

## ANEXO H - EL PAÍS 1 - POR QUE OS REFUGIADOS AGORA EMIGRAM MACIÇAMENTE PARA A EUROPA?

A expansão do Estado Islâmico e o colapso líbio são algumas das respostas

A chegada em massa de refugiados à Europa, o maior fluxo migratório registrado desde a Segunda Guerra Mundial, confrontou as autoridades europeias à realidade de uma tragédia de dimensões astronômicas. Apenas entre 1º de janeiro e 1º de setembro de 2015, ao menos 351.314 pessoas chegaram às costas europeias, principalmente à Grécia (234.778 pessoas) e Itália (114.276), seguidas muito de longe pela Espanha (2.166) e Malta (94). Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM), pelo menos 2.643 pessoas que tentavam chegar à Europa perderam a vida no Mediterrâneo, embora o órgão não descarte que esse número seja muito maior.

O número de migrantes já ultrapassa em 60% o número total de refugiados e requerentes de asilo que chegaram em 2014. Aqui estão algumas das chaves:

A guerra da Síria e a expansão do Estado Islâmico: As nacionalidades dos migrantes, principalmente sírios, mas também afegãos, eritreus e nigerianos, fornece a primeira chave para essa chegada à Europa de requerentes de asilo, sem precedentes na história recente. Embora seja verdade que a guerra na Síria já completou seu quarto aniversário, a entrada no campo de batalha do Estado Islâmico (EI) intensificou ainda mais um conflito que já custou a vida de mais de 230.000 pessoas e levou a que 11,5 milhões de sírios abandonassem suas casas, de acordo com a ACNUR (a agência da ONU para os refugiados). O autoproclamado califado controla parte do norte e do oeste do Iraque e mais da metade oriental da Síria, onde impõe um regime de terror para aqueles que não cumprem estritamente a versão mais extremista do islamismo sunita.

Os países vizinhos restringem a entrada de refugiados sírios: Depois de que nos últimos quatro anos centenas de milhares de sírios se exilaram na Jordânia, Líbano e Turquia, esses países começaram a impor restrições às novas admissões, sobrecarregados com a entrada contínua de refugiados. A Turquia já recebeu 1,8 milhão de exilados (2,3% da sua população), a Jordânia 630.000 (9,4%) e o Líbano

1,2 milhão (27,9% de seu censo). Frente às dificuldades para entrar nos países vizinhos, os sírios estão buscando novas rotas para a Europa.

O colapso progressivo da Líbia: A virtual ausência de Estado na Líbia, com dois Governos estabelecidos em cidades diferentes, um em Tobruk (nordeste do país), reconhecido pela comunidade internacional, e outro baseado em Trípoli, controlado pelas milícias rebeldes, favoreceu a expansão das máfias que traficam imigrantes, especialmente subsaarianos. Em abril, um velho barco ocupado, no qual viajavam cerca de 800 pessoas, virou na costa da Líbia. Apenas 28 pessoas sobreviveram.

O uso das redes sociais: O Facebook tornou-se uma importante fonte de informações para aqueles que desejam escapar de seus países. Na rede social é possível encontrar o preço da viagem, incluindo os traslados e os subornos. Nas páginas em árabe é possível achar facilmente números de telefone para organizar uma viagem. Em seguida, o WhatsApp ou o Viber colocam em contato migrantes e traficantes durante o trajeto.

## ANEXO I - EL PAÍS 2 - QUEM FECHA AS PORTAS DO MUNDO AO CINEMA LATINO-AMERICANO?

Apesar dos prêmios, as produções enfrentam problemas de distribuição em frente à indústria de Hollywood

O cinema latino-americano vive um grande momento. A qualidade cinematográfica do continente já não é segredo para ninguém. “Nossos filmes não são fenômenos isolados, mas sim um fenômeno consolidado de produções que viajam pelo mundo”, diz o argentino Pablo Trapero, diretor de *O clã*, vencedor do Leão de Prata no Festival de Veneza e do Goya (Espanha) de melhor filme ibero-americano. Assim como esse drama policial, outras produções obtiveram premiações semelhantes. No entanto, os filmes continuam se chocando contra os mesmos obstáculos: o acesso a salas comerciais, a dificuldade para fazer os lançamentos, a distribuição e a publicidade. É a luta desigual que se trava entre a produção da América Latina e Hollywood.

### MAIS INFORMAÇÕES

“O maior desafio é sempre o da distribuição”. Essa foi uma das conclusões a que se chegou no Festival Internacional de Cinema do Panamá, realizado em abril passado. Um filme como *Batman vs Superman: a origem da Justiça*, que foi demolido pela crítica, estreou em 80 países, segundo o Banco de Dados sobre Filmes na Internet (IMDB, na sigla em inglês). É totalmente outra a realidade de *O clã* ou de *De Longe te Observo*, o longa venezuelano ganhador do Leão de Ouro em Veneza. Essas duas produções chegaram a salas comerciais de 19 e 12 países, respectivamente. “É muito difícil, para os filmes, encontrar o seu espaço nas salas. Há, aí, uma combinação de vários elementos. Um deles é a presença enorme dos *blockbusters*, que às vezes ocupam 40% das telas disponíveis em um país”, acrescenta Trapero, em conversa por telefone.

Os grandes estúdios monopolizam o mercado, comenta Peter Marai, distribuidor argentino radicado nos Estados Unidos e dono da Mirada Distribution, que conta em seu catálogo com filmes premiados como o paraguaio *7 caixas* ou o chileno *Gloria*. Marai diz que “é muito difícil” conseguir espaços nas salas. “O cinema latino-

americano está perdendo no continente, infelizmente”. Não tem a divulgação necessária e o público não fica sabendo dos lançamentos”, acrescenta.

Para Marai, conseguir de seis a 12 salas para uma estreia latino-americana é uma vitória. Em compensação, filmes animados como *A era do gelo – o Big Bang* ou *Procurando Dory* estavam passando, na Argentina, em julho, em 195 e 212 salas, respectivamente. “Anos atrás, a situação era diferente. Os exibidores tinham mais paciência com os filmes [latino-americanos]. O público às vezes demora para descobri-los, mas muitos exibidores não lhes dão a chance de permanecer muito tempo em cartaz”, explica.

Uma situação semelhante foi vivida por *O abraço da serpente*, longa-metragem colombiano indicado como melhor filme estrangeiro na última edição do Oscar. Ele foi lançado em maio de 2015 e, apesar de ter sido bem recebido em Cannes naquele mesmo mês, só foi exibido em 26 salas no seu país. Por causa de sua concorrência aos prêmios da academia norte-americana, foi reprogramado em janeiro deste ano em 27 salas, conseguindo ser visto por 120.000 pessoas.

Para Cristina Gallego, produtora do primeiro filme colombiano indicado para uma estatueta do Oscar, considerando o bom momento por que passa o cinema latino-americano, o fato de não haver espaço para as obras produzidas na região constitui um paradoxo. “*O abraço da serpente* gerou em mim uma grande preocupação. O filme foi exibido e distribuído comercialmente na Europa, na Oceania, até mesmo na Ásia, na América do Norte, mas na América Central e na América do Sul foi muito difícil. Ele não foi lançado em vários países. O que acontece com o nosso cinema, que não consegue viajar pelos países mais próximos? Talvez a Europa seja mais aberta do que nós mesmos. Talvez o nosso público esteja mais acostumado a ver outras coisas”, diz Gallego, em conversa pelo Skype.

Soluções à vista?

Durante a mesa-redonda *Como romper as barreiras de distribuição no mercado da América Latina?*, realizada no quadro do Festival Internacional de Cinema do Panamá, Edgar Ramírez, ator e produtor venezuelano, protagonista de *Mãos de pedra*, enfatizou a necessidade da adoção de uma estratégia econômica para que o cinema produzido no continente conquiste uma presença maior. “Quando se tem dinheiro para fazer um filme, não se deve gastar todo ele fazendo o filme. É preciso

deixar uma reserva para a distribuição e a divulgação. É preciso saber sentar e negociar. Se o cineasta não sabe fazer isso, deve procurar alguém que o saiba”, disse Ramírez.

Dois pontos foram destacados para que se fortaleça a exibição de filmes latino-americanos na própria região. Primeiro: a importância de se apresentar nos festivais, com o objetivo de haver produções locais que “alimentem” o público de forma constante. Segundo: os países da América Latina devem criar políticas comuns que ajudem a proteger a sua indústria cinematográfica diante do poder esmagador de Hollywood. “Precisamos criar uma estrutura de produção, distribuição e divulgação para o cinema latino-americano. Não basta que um país o faça. Esta deve ser uma questão compartilhada”, disse Pituka Ortega, diretora do festival panamenho.

Gallego também defendeu a criação de uma entidade latino-americana que cuide da distribuição e da promoção do cinema produzido no continente. Para a produtora colombiana, é preciso criar incentivos e políticas comuns, como ocorre na União Europeia, para que os filmes circulem. “Os europeus e nós enfrentamos uma luta muito grande contra Hollywood. Não somos *majors* [grandes estúdios], não temos políticas de marketing, de distribuição. É preciso construir tudo isso”, concluiu.

## **ANEXO J - EL PAÍS 3 - A GUERRA JURÍDICA DO IMPEACHMENT: DO QUE DILMA É ACUSADA?**

O debate técnico sobre se a presidenta cometeu ou não de crime fiscal tomou o Senado

Pedaladas, decretos de suplementação orçamentária, Plano Safra, meta fiscal. A sopa de termos que envolve o impeachment de Dilma Rousseff, que desde quinta-feira é julgada no Senado Federal, dificulta a compreensão até mesmo dos espectadores mais atentos. Mas, afinal, do que a presidenta afastada é acusada? Explicamos abaixo cada ponto da denúncia que, ao final, enseja uma guerra de interpretações jurídicas.

Do que a presidenta é acusada?

1. Os decretos presidenciais:

O fato: Ela assinou três decretos de abertura de créditos suplementares: um em 27 de julho de 2015, no valor de 1,7 bilhão de reais, para projetos na área da educação, previdência, trabalho e cultura; outro, na mesma data, no valor de 29 milhões de reais, para diversos órgãos do Executivo; e o terceiro, em 20 de agosto de 2015, no valor de 600 milhões de reais, para despesas com o Judiciário.

O que diz a acusação: Os decretos, que ampliaram as despesas, trouxeram um impacto na meta fiscal primária de 2015, que, a grosso modo, é o valor que o Governo pretende ter em caixa no final do ano. E isso contraria o artigo 4 da Lei Orçamentária Anual (LOA) de 2015. Para editá-los, portanto, seria necessário pedir autorização do Congresso, como diz o artigo 167, inciso V, da Constituição Federal. Diz ainda que eles foram editados em um momento em que o Planalto já sabia que a meta não seria cumprida e já havia pedido uma correção no valor. E que Rousseff, como gestora do país, tinha conhecimento desses decretos e os autorizou, por isso é responsável por eles. Inicialmente, faziam parte da acusação seis decretos, mas ao longo da investigação se provou que três deles não causaram impacto na meta e, por isso, foram retirados do julgamento. A acusação afirma ainda que o Tribunal de Contas da União considerou a prática irregular. E diz que, ao invés de fazer os decretos aumentando os gastos, o Governo devia ter promovido cortes no Orçamento em um ano de crise econômica.

Porque dizem que se enquadra na Lei do Impeachment: A Lei do Impeachment, de 1950, define o que é crime de responsabilidade de um presidente e ganhou novos itens a partir da incorporação da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), de 2000. Para a acusação, os decretos feriram o art. 10, item 4, e art. 11, item 2, da Lei do Impeachment, que são: - "infringir patentemente, e de qualquer modo, dispositivo da lei orçamentária" e "abrir crédito sem fundamento em lei ou sem as formalidades legais".

O que diz a defesa: Os decretos não autorizaram um aumento de gastos, pois apenas remanejaram dinheiro de despesas já previstas e autorizadas pelo Congresso. Assim, não tiveram impacto na meta fiscal, que depois, pela crise econômica, foi revista e cumprida ao final do ano. Segundo o ex-ministro da Fazenda e do Planejamento, Nelson Barbosa, o pedido que dá início à abertura dos decretos sempre é feito por funcionários dos ministérios, em um sistema eletrônico, que não os autorizaria caso não estivessem de acordo com a lei vigente. Ele diz ainda que o processo envolve vários funcionários e etapas antes de chegar ao presidente. Por isso, Rousseff os teria assinado por orientação de especialistas técnicos, que não apontaram qualquer irregularidade e, assim, não pode ser responsabilizada. Além disso, afirma que quando os decretos foram assinados o TCU não havia questionado a prática ainda, tanto que ela vinha sendo feita havia anos e por vários Governos. Depois que o TCU se manifestou, em outubro de 2015, o Governo diz ter parado de fazer esse tipo de decreto, mas afirma que a regra não pode ser aplicada "retroativamente". Eles afirmam ainda que foram feitos cortes no Orçamento e um contingenciamento maior traria mais danos para a população e para a economia.

## *2. As pedaladas*

O fato: O Governo atrasou entre janeiro e novembro de 2015 o pagamento para o Banco do Brasil de parcelas que totalizaram 3,5 bilhões de reais referentes aos subsídios do Plano Safra. O plano é um programa federal que auxilia agricultores familiares a tomarem empréstimos do banco a juros bem mais baixos, tornando mais fácil o pagamento. O Governo paga ao banco o valor da diferença dos juros.

O que diz a acusação: O atraso configurou uma operação de crédito, o que é proibido pela Lei de Responsabilidade Fiscal. Ou seja: é como se, ao não pagar as parcelas, o Governo tivesse tomado um empréstimo do banco. Novamente, eles

afirmam que uma decisão como essa nunca poderia ser tomada sem que um Presidente da República soubesse. Eles também afirmam que o Tribunal de Contas da União considerou a prática irregular e, por isso, ela não poderia ter sido feita. Os acusadores dizem ainda que a prática maquiou as contas públicas, ou seja, mostrou para o país um dado falso sobre a situação financeira do Governo.

Porque dizem que se enquadra na Lei do Impeachment: atraso fere o artigo 11, item 3, da Lei de 1950 que proíbe o Governo de "contrair empréstimo, emitir moeda corrente ou apólices, ou efetuar operação de crédito sem autorização legal"

O que diz a defesa: Atraso de pagamento não é uma operação de crédito, definida Lei de Responsabilidade Fiscal como "compromisso financeiro assumido em razão de mútuo, abertura de crédito, emissão e aceite de título, aquisição financiada de bens, recebimento antecipado de valores provenientes da venda a termo de bens e serviços, arrendamento mercantil e outras operações assemelhadas, inclusive com o uso de derivativos financeiros". O argumento é que não houve transferência de recurso do banco para o Governo (no plano, o banco faz o empréstimo ao agricultor). Por isso, a medida não pode ser enquadrada na Lei de Responsabilidade Fiscal. Diz ainda que os pagamentos foram feitos em dezembro do mesmo ano. E citam uma perícia feita por técnicos do Senado, a pedido da Comissão Processante do Impeachment, que mostrou que não havia indícios de "participação direta ou indireta" da presidenta no fato.

#### A PROPORCIONALIDADE DA LEI DO IMPEACHMENT EM DEBATE

Em meio à guerra de technicalidades no processo de impeachment, cresceu entre especialistas em direito e cientistas políticos a discussão sobre o princípio da proporcionalidade na Lei do Impeachment, anterior à atual Constituição, de 1988. Independentemente dos argumentos de acusação e defesa, muitos defendem que a legislação seja reformulada porque prevê a mesma pena radical, a perda de mandato, para crimes díspares. Cometer crime fiscal, mesmo que de valor diminuto (as acusações contra Dilma não envolvem as supostas pedaladas do mandato anterior), ou "tentar mudar por por violência a forma de Governo da República são punidos da mesma maneira.

## ANEXO K - EL PAÍS 4 - O RIO ESTÁ PREPARADO?

O Brasil está sob pressão para que os Jogos Olímpicos transcorram em segurança e sem grandes incidentes

"Brasil, vocês são nosso próximo alvo". Inicialmente, a mensagem no Twitter passou despercebida, perdida em meio às notícias da carnificina em Paris em novembro de 2015. É de autoria de Maxime Hauchard, um autodeclarado jihadista francês da Normandia afiliado ao Estado Islâmico (EI). A notícia da postagem ressurgiu em abril deste ano, depois que o papa do contraterrorismo no Brasil, Luiz Alberto Sallaberry, diretor da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), confirmou que estava levando a sério ameaças desse tipo nas preparações finais para os Jogos Olímpicos.

No fim de maio, o EI lançou o Nashir Português, um canal no Telegram com o objetivo de atrair simpatizantes que falassem português. É a primeira vez que o grupo faz algo do tipo, de acordo com o SITE Intelligence Group, uma organização que monitora atividades jihadistas na internet. O Telegram é uma plataforma criptografada utilizada com cada vez mais frequência pelo Estado Islâmico e outras organizações militantes islâmicas. A Abin está monitorando o canal.

O Brasil não é o único país preocupado com os ataques dentro e fora da internet. Oficiais de inteligência e policiais de 55 países virão ao Rio de Janeiro para monitorar o ambiente - físico e digital. Há boas razões para isso: a Abin identificou mais de 1.600 hackers em mais de 12.400 ataques a domínios do Governo desde 2012. Menos de 10% se relacionavam a crimes cibernéticos; mais da metade dos ataques eram de *hacktivistas* com motivação ideológica.

Um dos grupos de *hackers* mais influentes no Brasil é o Anonymous. Os especialistas estão menos preocupados com os terroristas islâmicos do que com a rede descentralizada de hackers associada ao Anonymous e a grupos semelhantes. Eles acreditam que instalações olímpicas podem ser alvo de ataques para constranger o Governo, como indica a hashtag #OpOlympicHacking. O coletivo de ativistas digitais tem um histórico respeitável, tendo derrubado temporariamente o site oficial dos Jogos Olímpicos Rio 2016 no dia 11 de maio e o site do Ministério dos Esportes do Brasil no dia seguinte.

O Brasil poderia não ligar para os riscos desses trotes virtuais, mas o país está levando o tema bastante a sério. O Governo montou uma força-tarefa em segurança cibernética para as Olimpíadas que inclui a Abin, o Centro de Defesa Cibernética (CDCiber), do Ministério da Defesa, e o Comitê Gestor da Internet ([CGI.br](http://CGI.br)). Em março, a Abin reuniu representantes de 33 agências internacionais de inteligência para determinar protocolos de segurança.

Para acompanhar o ritmo dos avanços tecnológicos, muitos sistemas de TI que serão usados nas Olimpíadas estão migrando para a computação em nuvem. Isso quer dizer que tudo – da administração de resultados do evento esportivo ao credenciamento e gerenciamento de funcionários – ocorre cada vez mais na nuvem e menos em servidores físicos instalados nos locais dos eventos. Embora a mudança apresente algumas vantagens em termos de eficácia dos serviços em rede, a infraestrutura na nuvem não está livre de ataques.

As autoridades brasileiras também estão reforçando a segurança em solo. Serão mobilizados 47.000 policiais e 38.000 membros das Forças Armadas durante as três semanas do megaevento esportivo. É mais do que o dobro do contingente de segurança utilizado nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012. O Governo, que atravessa uma crise financeira, destinou 350 milhões de reais para o Ministério da Justiça para aumentar a segurança; o Ministério da Defesa também investiu centenas de milhões de reais, inclusive em treinamento antiterrorismo. Enquanto isso, também foi criada uma força-tarefa marítima que conta com 3.000 fuzileiros navais disponíveis. As Olimpíadas estão prestes a se tornar o evento com a maior presença de forças de segurança da história.

Os esforços de segurança serão coordenados pelos Centros Integrados de Comando e Controle (CICC), sob a tutela da Polícia Federal. A sede dos CICC, em Brasília, está conectada ao principal centro de operações no Centro do Rio de Janeiro e a outros situados nos principais locais das Olimpíadas: Deodoro, Maracanã, Barra da Tijuca e Copacabana. Os CICC usarão uma vasta rede de câmeras de circuito fechado, balões de vigilância, drones e outras tecnologias.

O elevado nível de segurança e vigilância para os Jogos fez com que grupos de defesa de direitos civis questionassem se o monitoramento não estaria passando dos limites. Ativistas se mostraram preocupados, por exemplo, com a possibilidade de que a nova lei antiterrorismo recém-sancionada pudesse ser aplicada em

resposta a protestos públicos legítimos. Recentemente a Anatel autorizou as Forças Armadas a bloquear o sinal de celular em certas situações, e há preocupações com o uso inadequado e o abuso de tecnologias de vigilância como os captadores de IMSI, dispositivos portáteis que simulam o sinal de telefonia celular para rastrear movimento e capturar dados pessoais.

Teremos Olimpíadas sem maiores problemas em matéria de segurança? Provavelmente. Contudo, os riscos são reais. O megaevento é um dos espetáculos mais assistidos do calendário mundial e no passado já enfrentou casos como os atentados do Centennial Park, durante as Olimpíadas de Atlanta, em 1996, e de Munique, em 1972. Há dúvidas legítimas de que, apesar da estrutura colossal, o Brasil não esteja preparado para lidar com ameaças cibernéticas e com ataques de lobos solitários.

O país tem em sua defesa o fato de ter realizado com sucesso pelo menos meia dúzia de megaeventos na última década, entre os quais os Jogos Pan-americanos (2007), a Conferência Rio+20 (2012), a Copa das Confederações (2013) e a Copa do Mundo (2014). Agora, para aumentar ainda mais o nível de segurança, o Governo enviou membros das forças policiais e militares a uma série de grandes eventos internacionais no último ano, incluindo a maratona de Boston, o Tour de France e reuniões da Assembleia Geral da ONU em Nova York.

Mas quem corre risco realmente? De acordo com o Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro, a violência criminoso no Estado voltou a crescer. Entre janeiro e abril deste ano houve 1.715 assassinatos, um aumento de 15% em relação ao mesmo período do ano passado. José Mariano Beltrame, secretário de Segurança do estado do Rio de Janeiro, pediu ao presidente interino Michel Temer apoio das Forças Armadas para a realização das patrulhas durante as Olimpíadas. Resta saber se o pedido será autorizado.

Em cerca de um mês, o Brasil receberá mais de meio milhão de turistas, além de 10.000 atletas de aproximadamente 200 países. É bastante provável que os visitantes estejam seguros. Mas, para os residentes mais pobres e com menor acesso a serviços, muitos dos quais moram em favelas, o grau de segurança deve diminuir, já que a polícia estará concentrada em pontos específicos da cidade. Algumas comunidades já foram impactadas negativamente, como é o caso da Vila

Autódromo, que teve moradores despejados à força para abrir caminho para as obras de infraestrutura ligadas às Olimpíadas.

O Brasil está sob pressão para que os Jogos Olímpicos transcorram em segurança e sem grandes incidentes, ainda que a um enorme custo social. Entretanto, o país também precisa priorizar estratégias de segurança pública de longo prazo, em especial para as populações mais vulneráveis, tanto durante os Jogos quanto depois que a tocha olímpica se apagar.

## ANEXO L - EL PAÍS 5 - COMO AS PERIFERIAS DO RIO ESTÃO VIVENDO OS JOGOS OLÍMPICOS?

Maioria dos cariocas abraçou a Olimpíada. Mas quanto mais longe a pessoa vive e mais pobre é, mais obstáculos tem para aproveitar o evento

Os cariocas estavam desconfiados dos Jogos Olímpicos, mas, assim que começou, a maioria deles acabou abraçando o evento. Cada um vem buscando sua forma de vivê-lo, seja comprando ingressos para competições, aproveitando o sempre lotado Boulevard Olímpico da zona portuária, assistindo os jogos em casa com a família, lotando os bares com televisão ou inclusive vendo algum jogo pelo celular à caminho do trabalho. No entanto, muitas vezes a forma de viver a Olimpíada não é uma questão de escolha. No Rio olímpico de ingressos caros, transporte débil, estrutura desigual e tiroteios constantes, quanto mais longe uma pessoa mora ou mais pobre ela é, mais obstáculos tem para aproveitar os Jogos. Se é que ela pode se permitir este luxo.

Bastou que a Olimpíada começasse para que as quatro sobrinhas de Daniele, de 30 anos, se mudassem para a sua casa. Moradora da periférica Madureira, na zona norte do Rio, todos os dias esta manicure leva elas e sua filha ao Parque Madureira para aproveitar os shows do Boulevard Olímpico que a prefeitura instalou no local. Há apenas um telão montado, mas são poucos os que prestam atenção às competições. Há também um show todas as noites e um bloco de carnaval das escolas de samba. A outra novidade é que a administração de Eduardo Paes (PMDB), que inaugurou o espaço em 2012 em um antigo terreno da Light, decidiu abri-lo também as segundas-feiras — e na última, era dia Imperatriz Leopoldinense.

Salvo no fim de semana, o parque não tem as multidões da zona portuária, a grande novidade do centro do Rio. Lá, a 30 quilômetros de distância e muitas horas de engarrafamento, há inúmeras atrações de marcas patrocinadoras, *bungee jump*, *food trucks*, telões, palcos e concertos de grandes nomes da MPB. Espalhados pelo centro, pela zona sul e Barra estão também as casas temáticas dos países da Rio 2016, com suas festas e incontáveis atrações, algumas gratuitas e outras com entradas que chegam a 200 reais. Já o Parque Madureira praticamente segue com a sua rotina normal. O gramado da terceira maior área verde do Rio, de mais de 100.000 metros quadrados, segue impecável. As crianças brincam no parquinho, adolescentes andam de patins e bicicleta, e famílias socializam. "Sabemos que aqui

não tem a mesma estrutura, mas temos Portela e Império Serrano", resumiu o casal Félix e Elaine, orgulhosos do lugar aonde vivem.

Daniele, que leva todos dias sua filha e sobrinhas, também está animada: "To aproveitando bastante os jogos! Ontem fui no estádio ver aquele *negão* que corre muito", diz, referindo-se a Usain Bolt, tricampeão dos 100 metros no último domingo. Conta que ganhou o ingresso, mas não detalha como. O que sim se sabe é que o comitê Rio 2016 distribuiu gratuitamente 285.000 entradas a projetos sociais (4,75% do total de seis milhões), como conta María Martín nesta reportagem. É uma das formas de pessoas como Daniele — de renda baixa, negra e da periferia — de ocuparem as cadeiras vazias, que são muitas, e dividir o espaço com os demais torcedores — majoritariamente brancos e de classe média alta.

Outra maneira é aproveitar as (poucas) entradas mais baratas, como fez a estudante de administração Adriene Rodrigues, de 26 anos. "Como sou estudante, consegui comprar a 50 reais para ir no rugby. Pena que está acabando", diz essa moradora da Penha (zona norte). Os que finalmente conseguem assistir à uma competição podem, contudo, enfrentar problemas para se mover, apesar do esquema especial montado pela prefeitura, que atende sobretudo a turística zona sul que vai ao Parque Olímpico via metrô e ônibus do BRT — considerados pela prefeitura e pelo governo do Estado como os principais legados em mobilidade.

Aconteceu no último dia 13, quando o relógio marcava 00h30 e a partida de voleibol masculino entre Brasil e Itália no Maracanazinho (zona norte) terminava. A estação de metrô mais próxima já estava fechada, não havia ônibus e muito menos trens urbanos. Para que Camila Vigílio, de 27 anos, e outros dois amigos voltassem para Nilópolis, um distante município vizinho ao Rio próximo a zona norte, foi preciso pegar um táxi. Era a única opção. Em volta deles, todos os que saíam do Maracanazinho também pegavam um táxi ou andavam 30 minutos até a estação da linha 1 de metrô mais próxima, a São Francisco Xavier, ainda aberta, para ir para a zona sul e Barra. Havia gente reclamando da falta de informação de ônibus para diferentes pontos do Rio.

Outros que reclamam do transporte da cidade são as milhares de pessoas que, entre às 17h e 19h da última terça-feira, estavam concentradas no terminal Alvorada, na Barra. É de lá, ponto de encontro de trabalhadores de todo o Rio, que saem os ônibus do BRT para a zona oeste e zona norte. Os corredores exclusivos

para ônibus fizeram com que o tempo de viagem ficasse menor do que no passado. Porém, ao suprir uma demanda por transporte público, todos os veículos saem lotados. A secretária Cláudia Sales conta que vai "tão apertada que poderia muito bem tirar o pé do chão e continuar em pé". Para ela, os últimos dias de Olimpíada vêm sendo ainda pior. "A gente acha que a Prefeitura retirou alguns ônibus para colocar pros Jogos. Essa olimpíada não é para trabalhador não, ainda bem que está acabando!", diz. A secretaria de Transportes nega, e assegura ter aumentado a frota em 100 ônibus para os Jogos. Os veículos que vão em direção ao Parque Olímpico passam pelo terminal praticamente vazios, com todas as pessoas sentadas confortavelmente.

As viagens ainda são longas, já que ao tempo de viagem é necessário somar o tempo de espera para entrar no ônibus. As filas dão várias voltas e pode-se esperar até 50 minutos nela. Sales demora mais de duas horas para chegar de seu trabalho em Pedra de Itaúna, no Recreio (zona oeste), até sua casa em Madureira (zona norte). O mesmo tempo que leva a empregada doméstica Vanda Gomes, de 54 anos, para ir da Tijuca (zona norte) até sua casa em Paciência (zona oeste, perto de Campo Grande) todos os dias. "O que a gente pode fazer, né meu filho? É a vida né, tem que encarar", diz.

Os moradores da favela Bandeira 2, em Del Castilho (zona norte), encaram uma realidade ainda mais dura. Na última semana, a polícia entrou nesta pequena comunidade, de uns 3.000 habitantes, ao menos duas vezes em busca de traficantes. Na quinta-feira de 11 de agosto, três jovens morreram. Um deles foi Matheus Amacio, de 15 anos, considerado suspeito pela polícia. "Mas ele estudava e trabalhava num mercadinho como ajudante para criar os três filhos", conta a sua mãe, a vendedora de tapioca Danusa Amacio, de 37 anos.

Nesta quinta, vários moradores saíram de suas casas com cartazes pedindo "Paz para a Bandeira 2". Os policiais, armados com fuzis e camburões, acompanharam o ato. Um deles chegou a sacar uma bomba de gás para avisar que iria usá-la caso os moradores decidissem caminhar pelo viaduto. "Esse foi o preço da Olimpíada pra gente. Eles estão entrando para matar", opina Paula Ribeiro, vice-presidenta da associação de moradores. A menina Nadia, de 12 anos e amiga de umas das vítimas, lamenta: "O que adianta ter Olimpíada e a gente estar de férias se nem podemos sair na rua para brincar?".

## ANEXO M - EL PAÍS 6 - TIRO NA FAVELA. ESPORTE OLÍMPICO NA RIO 2016?

A cem dias dos Jogos no Brasil, moradores das favelas do Rio de Janeiro sofrem o aumento da violência policial

Conheci Vitor Santiago Borges, de 30 anos, prostrado em sua cama, em um quarto de dois metros por três no qual nos apinhávamos – eu, sua mãe (sentada em uma cadeira) e quatro colegas da Anistia Internacional (espalhados no pouco espaço livre que havia no chão). Vive com os pais em uma humilde casa da comunidade de Vila do Pinheiro, pertencente ao Conjunto de Favelas da Maré, no Rio de Janeiro, em um primeiro andar com degraus íngremes.

Vitor ficou paraplégico depois que um grupo de soldados das Forças Armadas que ocupavam a Maré atirou no carro no qual voltava para casa, com quatro amigos, em 13 de fevereiro de 2015. A cama em que agora tem de passar todo o dia foi doada por sua comunidade. A cadeira de rodas, também. Não recebeu nenhuma indenização do Estado.

Eram duas da madrugada e os rapazes (um deles, militar) regressavam depois de ver uma partida de futebol de seu time, o Flamengo. Os cinco viajavam em um carro que cruzou sem problemas um primeiro posto de controle do Exército. Seguiu avançando e, de repente, se escutaram os disparos. “Não lembro de nada. Somente o ruído dos tiros. E a dor que senti. E o sangue, claro. Muito sangue.” Não sabe quantos foram os tiros, mas que apenas cessaram quando seu amigo, sargento da Aeronáutica, conseguiu identificar-se.

Vitor foi atingindo por pelo menos duas balas de fuzil. Uma o acertou na coluna vertebral e outra se manteve alojada na parte posterior do ombro, e ali ficou durante vários meses depois de ser operado e receber alta. Sua mãe a mostra para nós, envolta em uma bolsinha de plástico. Ele nos aponta os orifícios de entrada, ainda visíveis em seu torso nu. Como consequência dos disparos, perdeu a perna esquerda e parte do pulmão esquerdo. Quando chegou ao hospital os médicos lhe deram 7% de chance de sobrevivência. Conseguiu, mas só depois de passar uma semana em coma e mais de três meses no hospital.

Se não tivessem atirado nele, no dia seguinte teria ido à praia com a filha Beatriz, que então tinha dois anos. Havia prometido a ela, mas não pôde cumprir a

promessa. Só sorri quando fala dela e nos mostra sua fotografia, em destaque em sua cama. Mal pode levantá-la desde que está nessa situação. Um dos outros filhos de Irone, sua mãe, lhe telefonou e informou do tiroteio. “Por quê? Meu filho não é um bandido. Por quê? Não é possível. Vitor é um bom garoto. É músico e muito trabalhador. Nunca se meteu em confusão.”

A versão das autoridades difere da de Vitor. Afirmam que o carro no qual viajava quis atropelar um soldado que tentava bloquear sua passagem. De concreto, apresentaram acusações contra o condutor do veículo. O amigo militar de Vitor nega essa versão. Vitor passou de vítima de um tiroteio a testemunha de uma tentativa de atropelamento. O mundo de cabeça para baixo.

Assim são as coisas na Maré. Ao contrário de outras favelas, não está localizada num morro, mas na parte plana e se assemelha a qualquer bairro marginal de qualquer outra grande cidade latino-americana. No entanto, é um dos maiores conjuntos de favelas do Rio de Janeiro. Ali vivem cerca de 140.000 pessoas com poucos recursos e escasso acesso a serviços básicos, distribuídas em 16 comunidades. Suas ruas e acessos estão controlados por bandos de traficantes, forças de segurança ou paramilitares organizados em milícias. A maioria da população sobrevive como pode a essa situação. Há um clima assustador de violência e drogas em plena luz do dia.

Essa rede de submoradias se situa no norte, junto à principal via de acesso do aeroporto internacional ao centro. Foi ocupada em abril de 2014 por 2.700 soldados da Força de Pacificação, unidade federal. Chegaram “para garantir a lei e a ordem” pouco antes da celebração da Copa do Mundo de futebol em meados de 2014. O Mundial durou um mês. Os militares permaneceram ali um ano e dois meses. Além das Forças Armadas e da Polícia Militar, existe uma corporação específica para recuperar o controle do Estado em territórios onde o narcotráfico e as milícias ditam suas normas paralelamente às instituições. Trata-se das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) e fazem parte da paisagem de dezenas de favelas do Rio desde 2008. No entanto, para os moradores seus resultados não são alentadores. As operações policiais para pacificar zonas de elevada criminalidade só se justificam se podem garantir os direitos de todos os cidadãos, a começar pelos moradores dos bairros marginalizados, algo que não tem ocorrido. Organizações de defesa dos direitos humanos, como a Anistia Internacional, criticam a permanência do Exército e

da Polícia Militar nas favelas. O que conseguiu foi aumentar as violações de direitos humanos e militarizar a vida cotidiana em algumas das comunidades mais pobres. As Forças Armadas não contam com formação adequada para esse tipo de operação e têm pouca experiência em dialogar com a sociedade civil.

O Brasil possui uma das cifras de homicídios mais elevadas do mundo. Talvez por isso a mãe de Vitor considere que seu filho teve sorte. Entre 2005 e 2014 foram registrados 5.132 casos de homicídios cometidos por agentes que estavam em serviço no Rio. Em 2015, foram pelo menos 307 as pessoas que morreram em mãos dos agentes em operações policiais. Desde o início de 2016 os homicídios resultantes de intervenções policiais na cidade aumentaram 10% e estamos a apenas 100 dias da inauguração dos Jogos Olímpicos. Embora não seja possível relacionar diretamente este aumento dos homicídios policiais com os preparativos desse megaevento esportivo, os dados estatísticos põem em relevo um padrão inequívoco de uso excessivo da força, violência e impunidade que obscurece o trabalho das instituições de segurança pública.

“Os que vivem aqui são todos suspeitos. Isso não é justo. Poderia ter acontecido com qualquer um. Mas aconteceu comigo. E destruíram a minha vida”, lamenta Vitor.